

Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

**Gradientes Hierárquicos ‘na Balada’: Etnografia, Corpos e  
Sociabilidades nas Boates GLS de Belo Horizonte**

Leonel Cardoso dos Santos

Belo Horizonte, 2012

**Leonel Cardoso dos Santos**

**Gradientes Hierárquicos ‘na Balada’: Etnografia, Corpos e Sociabilidades nas Boates GLS de Belo Horizonte**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial a obtenção do título de mestre.

Área de Concentração: Psicologia Social

Linha de Pesquisa: Política, Participação Social e Processos de Identificação.

Orientador: Prof Dr Marco Aurélio Máximo Prado  
Co-Orientadora: Profª Drª Ilana Mountian

Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Belo Horizonte, 2012

150  
S237  
g  
2012

Santos , Leonel Cardoso dos  
Gradientes hierárquicos 'na balada' [manuscrito] : etnografia, corpos e sociabilidades nas boates GLS de Belo Horizonte / Leonel Cardoso dos Santos. - 2012.  
116 f. : il.  
Orientador: Marco Aurélio Máximo Prado.  
Coorientadora: Ilana Mountian.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.  
Inclui bibliografia

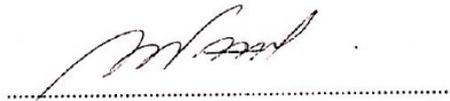
1. Psicologia – Teses. 2. Sociabilidade - Teses. 3. Homossexualismo - Teses. 4. Etnologia - Teses. I. Prado, Marco Aurélio Máximo. II. Mountian, Ilana. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.

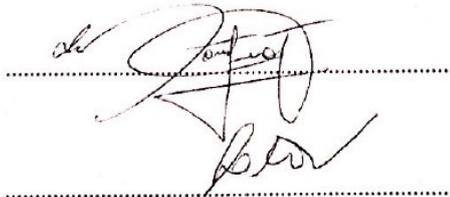


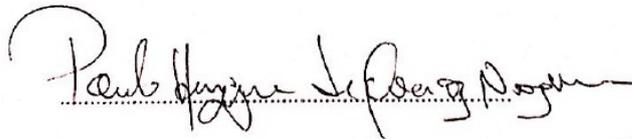
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 429: "*Gradientes Hierárquicos 'na Balada':  
Etnografia, Corpos e Sociabilidades nas Boates GLS de Belo Horizonte.*"

Aos dez dias do mês de fevereiro de dois mil e onze, perante a Comissão Examinadora constituída pelos professores: Dr. Marco Aurélio Máximo Prado (orientador), Dra. Ilana Mountian (co-orientadora), Dr. Luiz Mello de Almeida Neto e Dr. Paulo Henrique de Queiroz Nogueira, o aluno **Leonel Cardoso dos Santos**, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG, submeteu-se à defesa de sua dissertação intitulada "*Gradientes Hierárquicos 'na Balada': Etnografia, Corpos e Sociabilidades nas Boates GLS de Belo Horizonte.*" e, de acordo com os dispositivos regimentais, obteve aprovação de todos os membros da Comissão Examinadora. Do que para constar, lavrou-se a presente ata, que será assinada pela Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 10 de fevereiro de 2012. xxxxxxxxxxx







FAFICH/UFMG  
Confere com o original  
Data 10/2/12  
Flávia Alccham  
Secretaria de Pós-Graduação em Psicologia

Ao meu pai, Orlando Alves dos Santos, de quem as  
lembranças me envolvem em uma intensa saudade.

Pelo amor, pelos abraços, pelos sorrisos e por  
ter me ensinado o que é a sensibilidade e a  
compreensão.

## **Agradecimentos**

Ao meu orientador, professor Marco Aurélio Máximo Prado; pela possibilidade de valiosos diálogos sobre a academia e sobre a vida;

À Ilana Mountian pela co-orientação;

Aos meus entrevistados: Roberto, Rafa, Lico, Napoleão, Henrique e Jensen. Sou grato por permitirem que esse trabalho contasse com a colaboração sempre simpática, agradável e interessante de vocês;

À professora Claudia Mayorga;

A Luiz Mello e Paulo Nogueira pela aceite na participação nas bancas de qualificação e defesa e pela participação em momentos importantes de minha vida acadêmica;

Aos Colegas do Núcleo de Psicologia Política da UFMG;

Aos Colegas do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT da UFMG;

Aos amigos que fiz aqui em Belo Horizonte. Dos mais diversos modos vocês foram importante presença em meus dias: Luciana Souza, Fábio Dias; Rafaela Vasconcelos; Cássia Reis; Geíse Pinheiro; Liliane Anderson; Isadora Vilela; Salvio Nicácio; Daniel Jr; Júlio Gonçalves; Giorge Felipe; Lili (elizandro); Adriano Toledo; Gustavo Fortunato; Julião Gonçalves; Vitor Campos;

Ao Leonardo Tolentino por me receber em Belo Horizonte;

A Fátima Regina, Marcelo Perilo, Estevão Arantes por, lá das terras goianas, me incentivarem nas inserções antropológicas;

As professoras Lenise Santana, da PUC-GO, e Juliana Chaves, da UFG, pelo carinho e pelo estímulo;

Ao Cadu Henning pelas contribuições ao meu projeto de qualificação;

Ao amigo Vinicius Novais: Ainda bem que existe você, seu chato!!! Obrigado por estar perto, mesmo de longe.

À Ana Cândida Cantareli: minha companheira nas abstrações, nas reflexões...

À Ana Claudia Salatiel pelo carinho que nunca se esgota.

Aos/as atenciosos e dedicados/as funcionários da Secretaria do PPGP/UFMG e da biblioteca da FAFICH/UFMG.

Ao Projeto Educação sem Homofobia, do Nuh/UFMG;

A minha família, que continua na torcida por mim;

E a duas pessoas que amo muito, que fazem parte das razões pelas quais eu continuo de pé: meu irmão, Abel Cardoso e minha mãe, Maria Cardoso. Não há palavras que descrever o quanto o abraço de vocês me mantém na luta!

## Resumo

O objetivo desse trabalho é compreender como ocorre a sociabilidade, por meio da centralidade do corpo, nas boates denominadas GLS da cidade de Belo Horizonte. Busquei visualizar quais são os códigos, símbolos, práticas e discursos presentes na construção das sociabilidades, bem como os contextos de sua emergência, de modo a compreender quais os significados de sua emergência nessas boates. Realizei um trabalho de campo envolvendo idas quase diárias as boates *gays* da capital mineira. Realizei também entrevistas com alguns frequentadores das casas noturnas que passei a frequentar. A perspectiva etnográfica em questão aqui toma os pressupostos de Clifford Geertz. Isso significou utilizar a própria etnografia como objetivo de análise da pesquisa. Apresento, a partir de minha inserção em campo, uma discussão sobre a subjetividade erótica do pesquisador em contextos nos quais desejo e corpo são questões centrais da pesquisa. Destaco como a produção das sociabilidades nas boates está marcada por um gradiente hierárquico em que a experiência dos frequentadores nesses espaços se dá a partir de processos de regulação e produção de corpos que criam posições valorativas a partir de marcadores de diferença.

Palavras-Chave: Sociabilidades, Corpo, Homossexualidades, Antropologia Urbana, Etnografia

## Índice

<b>Introdução</b>	1
<b>Capítulo Um: Entre Boates, Corpo e Metodologia: Reflexões sobre etnografia de um pesquisador/frequentador de ‘baladas’ GLS</b>	11
Na ‘balada’, na Etnografia...	19
Sobre a noção de Campo	24
Quando os limites entre frequentador e pesquisador são quebrados...	27
<b>Capítulo Dois Na Zonal Sul ou na Avenida Amazonas? Sobre os Circuitos das Boates GLS de Belo Horizonte e sua Relação com os Gradientes Hierárquicos</b>	34
O que é uma boate GLS?	37
G, L e S: Quem aparece na ‘balada’?	40
Na Savassi ou no Barro Preto? O Circuito das Boates GLS de Belo Horizonte, seus cenários, pedaços e trajetos	43
“Jovem é agredido em Belo Horizonte por ser homossexual, diz polícia”	63
<b>Capítulo Três Os Elementos da Sociabilidade e a Construção do Corpo nas Boates</b>	65
Elementos iniciais sobre corporalidades na ‘balada’	66
O ‘Esquenta’ em frente ao espelho e a produção e apresentação corporal nas boates: entre roupas de grife, topetes e moicanos	68
“Mas como são as pessoas que vão lá?”: Os ‘garotos’ da <i>Teenage Dream</i> e os velhos da <i>No Terciopelo</i>	78
“Mas é só isso que acontece aqui?”...Sobre flertes e os usos das boates	83
“Eu vou pra me divertir, usar uma balinha”	90
As corporalidades na ‘balada’: “Afe! Gordo tinha é que ficar casa!”	91

Escuridão, suor, desejo, sussurros e anonimato: Os corpos no <i>Dark Room</i>	99
Sobre disciplina e habilitação dos corpos na <i>Heavy House</i> e <i>Talk That Talk</i>	107
<b>Considerações Finais</b>	111
<b>Referências</b>	113

## Introdução

“*The thing you need to know is, it’s all about sex*” diz Michael Novotny, um dos personagens principais do seriado norte-americano *Queer as Folk*, que retrata a vida de cinco amigos *gays* e um casal de lésbicas na cidade de Pittsburgh, no estado da Pensilvânia nos Estados Unidos. Enquanto pronuncia essa frase, Michael lança um olhar panorâmico para a pista de dança da boate *Babylon*. Esse é um dos lugares centrais por onde se desenrola a trama. Durante as cinco temporadas os produtores da série insistiram na abordagem de temas como velhice, AIDS, homofobia e lutas em torno de direitos de *gays* e *lésbicas*, como por exemplo, o casamento e a adoção. Na série, o cotidiano dos/as personagens esteve quase sempre ligado a questões de cunho político explícito. Nesse cenário as noites dos protagonistas tinham um destino certo: a *Babylon*. Nela os amigos se encontravam e viviam situações que estavam ligadas às discussões travadas pela série, fora da boate. Ao mesmo tempo as conversas, danças, paqueras, os envolvimento afetivos e sexuais entre os personagens, o modo de se vestir, o que acontecia lá dentro ganhavam também destaque em suas vidas fora daquelas paredes. Havia tanta intensidade nas cenas em que Brian Kinney e seus amigos ‘curtiam’ uma noite na boate, quanto nas protagonizadas Debbie Novotny a frente de protestos contra as mortes de jovens *gays* não solucionadas pela polícia de Pittsburgh. Com isso a série publicizou cenas que, muitas vezes dotadas de certo exagero, apontavam para a importância da boate na vida dos homens *gays* de Pittsburgh. A boate claramente deixava de ser um mero espaço fechado com música, sexo e drogas para tornar-se um espaço de produção e reprodução de elementos da sexualidade como um dispositivo de cunho político.

Não objetivo, contudo, uma transposição do roteiro do seriado para a ‘vida real’, ou mesmo da ‘noite *gay*’ de Pittsburgh para a cena GLS da cidade de Belo Horizonte.

Contudo creio que alguns elementos retratados no seriado trazem bons exemplos das sociabilidades, como serão aqui abordadas, em boates do segmento e de como a apropriação e aproveitamento desses lugares não está apartada das relações de poder e torno das sexualidades. Entretanto, ao assistir o seriado várias questões em comum podem ser colocadas tanto para a fictícia *Babylon*, quanto para as boates existentes na capital mineira: Por quê o tio Vic, um dos personagens mais idosos da trama, quase nunca acompanhava seu sobrinho, Michael Novotny, nas ‘noitadas da *Babylon*? Por quê não as mulheres eram quase ausentes na pista de dança da boate? Por quê, na grande maioria das vezes, somente os homens musculosos transitavam pela boate sem suas camisetas? Essas perguntas referem-se ao corpo e a como ele é apresentado, recebido e desejado nas boates. São perguntas que podem levar a ensaios de respostas que fazem emergir discussões sobre as lógicas de apropriação desses espaços, que aqui serão explorados a partir de um olhar que tenta problematizar a boate e seus frequentadores com base em exercícios de sociabilidade diretamente ligados as relações de poder e a sexualidade. Nesse sentido, penso que a frase pronunciada que abre a série, e também as reflexões dessa dissertação, assume plausibilidade e importância. O sexo não como prática sexual, mas inserido em um regime de verdades, nos quais o corpo passa a ser elemento privilegiado de regulações sobre a vida (Foucault, 1993, 2006).

Nesse emaranhado surge minha questão de pesquisa: Como se dão os exercícios da sociabilidade, no que tange ao corpo, nas boates GLS da cidade de Belo Horizonte? O que chamo de sociabilidade aqui é a emergência e circulação de práticas, símbolos, códigos e discursos na boate e como, em torno dessa circulação, os frequentadores experienciam e, ao mesmo tempo, constroem, como sujeitos ativos, a noite GLS. Os tais elementos que possibilitam as experiências são: a produção e apresentação corporal; a forma de uso dos variados espaços; os aspectos geracionais, raciais, de classe e gênero e

como eles apareceram em campo. Tento destacar como esses elementos ocorrem nas boates e como são vistos a partir do discurso dos frequentadores das boates. Minha preocupação é a de apontar como tais elementos funcionam socialmente como forma de marcar os corpos, extrapolando esse do plano biológico e o tomando como efeito de relações marcadas por discursos, saberes disciplinares e práticas institucionais.

A sociabilidade e todas as práticas sociais que a constituem serão enxergadas nesse trabalho como exercícios de relações de poder. Desse modo, a relação entre as concepções que os frequentadores possuem das boates e como se portam nesses espaços adquirem sentido à medida que são visualizadas a partir de seu caráter, simultâneo, de regulação e produção do aproveitamento e apropriação das boates e de como o corpo torna-se inteligível nesses espaços.

Os elementos da sociabilidade ao serem analisados ganham uma especificidade neste trabalho por conta da problemática do corpo. Buscarei, então, convergir aspectos como produção e apresentação corporal, por exemplo, na compreensão das lógicas presentes nas experiências dos frequentadores das boates via temática do corpo e sua centralidade na cultura. Esse caminho implica, necessariamente, uma reflexão dos dilemas sobre o corpo para a compreensão das sociabilidades.

A construção do meu problema de pesquisa se deu também a partir da interlocução com algumas pesquisas brasileiras interessadas em problemáticas que envolvem espaços de lazer de característica comercial voltados para o público *gay* ou GLS. Destaco aqui o trabalho de Henning (2008) que buscou entender o processo de diferenciação presente em bares e boates de Florianópolis (Santa Catarina) a partir de diversos marcadores sociais. A partir desses marcadores, o autor buscou compreender como se construíam valorações hierárquicas sobre os frequentadores dos locais. Já Oliveira (2009) buscou compreender as representações e apropriações que

frequentadores, dentre outros, faziam das boates. Deparou-se com a construção discursiva próxima as do gueto, como destacado por McRae (2005). Todavia as representações dos sujeitos com quem conversou explicitaram a utilização de estereótipos e concepções valorativas na relação com o público das boates. França e Simões (2005), por sua vez, destacaram as tensões no circuito das boates voltadas para a clientela homossexual de São Paulo. Esses autores/as destacam a emergência de categorias de acusação ligadas à preferências estéticas e classe. Em sua tese de doutorado, França (2010) interroga sobre a possibilidade da valorização da diferença em espaços comerciais de lazer que envolvem o desenvolvimento de relações afetivo-sexuais entre homens, já que as diferenças emergem marcadas a partir de uma desigualdade expressa em hierarquias. Cada um desses trabalhos apresenta particularidades, tanto do ponto de vista teórico, quanto do ponto de vista metodológico. Os caminhos de abordagem e construção das problemáticas de pesquisa nesses casos envolvem aproximações distintas, porém é notável como em todos esses a idéia de hierarquização ou valoração das diferenças, a partir de marcadores sociais diversos, emerge nos apontamentos finais ou conclusões dessas pesquisas. Dialogo com boa parte dos resultados produzidos nesses trabalhos, buscando aproximar tais perspectivas da produção sobre o corpo e como ela ocorre nos espaços das boates, tornando-a aquilo que naquele momento a boate é. Eu diria que a especificidade do meu trabalho está em ir além da constatação e identificação das corporalidades presentes ou ausentes em espaços GLS, mas a de interrogar que produções de corpo estão em voga quando se fala de sociabilidades nas boates.

Do ponto de vista dos dilemas etnográficos destaco, principalmente, os trabalhos de Braz (2010) por conta de suas discussões sobre a inserção dos/as pesquisadores/as em campos nos quais temáticas como corpo e desejo são aspectos

centrais da pesquisa. Nessa inserção etnográfica, na qual o próprio/a pesquisador não pode se afastar das interpelações eróticas em campo, busco dialogar como os envolvimentos em campo podem ser utilizados para a compreensão antropológica do problema em questão.

Passo a apresentação conceitual de três temas que compõem o problema de pesquisa aqui exposto: gradientes hierárquicos; corpo; e desejo.

Tomo aqui a concepção de gradientes hierárquicos a partir do trabalho de Henning (2008). Seu trabalho buscou uma análise que partisse das categorias já citadas pensar a interseção entre elas para a compreensão dos posicionamentos valorativos que essas diferenças ocupavam na cena das boates. Compreendo as hierarquias e os posicionamentos valorativos dos sujeitos em seu interior como contingenciais. Desse modo está em questão um processo de valoração social que é efeito de relações de poder. As nuances de posicionamento dos sujeitos podem alterar seu lugar conforme os códigos e símbolos em questão.

Mayorga e Prado (2010) apontam a hierarquia como relacionada a processos de articulação entre categorias sociais como gênero, raça, classe e orientação sexual, por exemplo. A contribuição desses autores, mesmo tendo sido pensada num contexto teórico de preocupação com a formação de identidades políticas, me apontou características de hierarquia que podem ser frutíferos para os objetivos propostos nessa dissertação. As hierarquias possuem uma funcionalidade classificatória das posições de inferioridade e superioridade, resultando em manutenções naturalizadas das condições de desigualdade. Em vigência opera-se com uma lógica de subordinação na qual as relações entre os diversos posicionamentos no interior da hierarquia refletem condicionamentos histórico-políticos de produção das diferenças. É importante salientar, como fizeram Prado e Machado (2008), que na vigência de processos

hierárquicos as diferenças são transformadas em desigualdades no exercício das sexualidades.

Ao tratar das hierarquias e de sua gradação é importante também fazer menção aos processos de criação de diferença. Destaco aqui duas formas de compreensão sobre as diferenças propostas por Brah (2006), nas quais a produção das diferenças é pensada em por meio das experiências e das relações sociais.

A experiência passa pelos processos de significação utilizados na constituição do que denominados realidade. Assim não existe um sujeito da experiência já dado como recipiente passivo e à espera das experiências que vão posteriormente acontecer. Compreender a produção das diferenças por meio dessa categoria implica na apreensão da experiência como espaço discursivo no qual as posições de sujeito serão inscritas, repudiadas ou reiteradas (Brah, 2006). Desse modo, penso que nesta pesquisa não é boate em si que ganha destaque, mas sim a experiência da boate por meio das lógicas em questão na formação das sociabilidades.

No que tange as relações sociais, Brah (2006), aponta que é por meio delas que a diferença é constituída e organizada. É por meio dos arranjos culturais, sociais e políticos, que os processos de diferenciação conectam-se às experiências no cotidiano. Sendo o corpo produzido nessas relações sociais por meio da experiência. Nesse sentido creio ser importante perguntar: As sociabilidades nas boates produzem que performances corporais? Ou seja, que efeitos sobre o corpo uma circulação de códigos, símbolos, práticas e discursos produz nas experiências?

Ao tratar do desenvolvimento da sociabilidade nas casas noturnas do cenário GLS de Belo Horizonte, estou tratando necessariamente de uma hierarquia em gradações nas quais as diferenças, perpassadas por lógicas das relações sociais,

convertem-se em diferenciação e desigualdade. É nesse contexto que as experiências em torno da sociabilidade se produzem.

É necessário destacar também, conforme aponta Toledo (2007), que ao tratar das sociabilidades em espaços de lazer, como é o caso das boates, o corpo do ponto de vista analítico não deve ser visto como um recipiente que apenas recebe as inscrições culturais ou que reflete os marcadores de diferença, mas como agente sobre a sociabilidade. Destaco o corpo como produzido pelas diversas relações de poder. Nesse sentido o corpo é espaço tanto de procedimentos disciplinares, quanto de poderes de produção. Nessa concepção, torna-se um espaço aberto de produção e não uma materialidade dada (Penedo, 2008).

Destaco o conceito de performatividade de Bulter (2000) como categoria importante na compreensão da produção do corpo. Não se trata de um comportamento ou atitude realizada individualmente, mas de uma prática reiterativa que produz os efeitos que nomeia. Sob essa ótica os elementos que compoem a sociabilidade nas boates são formas performáticas que criam como efeito as experiências nas boates com todas as suas diferenciações marcadas num gradiente hierárquico. Destaco aqui como as desigualdades posicionadas na hierarquia refletem níveis de desejabilidade. ‘Quanto mais dócil’ for um corpo em relação aos condicionantes político-culturais sobre o corpo, mais inteligível esse corpo passa a ser, ganhando um posicionamento valorizado no interior do gradiente hierárquico.

Com base nesse exposto o trabalho aqui busca a compreender como ocorre a sociabilidade, por meio da centralidade do corpo, nas boates denominadas GLS da cidade de Belo Horizonte. Por sua vez os objetivos específicos são: entender quais são os códigos, símbolos, práticas e discursos presentes na construção das sociabilidades; visualizar os contextos de sua emergência, de modo a compreender quais

os significados de sua emergência nas boates; compreender como tais elementos da sociabilidade se relacionam com exercícios das relações de poder; vincular os elementos da sociabilidade à construção da inteligibilidade do corpo nas boates e, conseqüentemente, a valoração hierárquica.

O processo dessa pesquisa passou pela pesquisa de campo nas seis boates GLS da capital mineira, a saber: Talk That Talk; Heavy House; No Terciopelo; Litle Surprise; Ponto Central; e Teenage Dream. Lugares conhecidos como bares não foram objetivos da pesquisa. Todos esses nomes são fictícios. Alterei os nomes para garantir a não exposição completa das boates, uma vez que tomo o uso de drogas ilegais, algo recorrente nesses espaços, como um dos elementos a serem discutidos.

Minha presença nessas casas foi anônima. Desse modo os proprietários/as das casas, com uma única exceção, provavelmente não souberam que estava ali realizando uma pesquisa. Destaco essa condição como uma das facilidades da entrada em campo em espaços como boates, já que para todos os efeitos eu não passava de um freqüentador. Estive em campo por três meses em meados do ano de 2011. Todavia creio ser fundamental dizer que eu já conhecia todas essas boates. Durante todo o ano de 2010 frequentei essas boates sem preocupação etnográfica sistemática e apenas fazendo anotações que considerava pertinentes a algo, que ainda que nebuloso, pudesse fazer sentido em relação ao meu problema de pesquisa.

Minhas idas as boates, como será visto em um dos capítulos, exigiu uma alteração de minha rotina, fazendo com que eu me orientasse em função de estar quase sempre acordado durante as madrugadas. Minha chegada às boates se dava quase sempre após a meia noite e de ônibus. Utilizava táxi quando me considerava atrasado ou propositalmente queria chegar um pouco mais tarde do que o usual.

Também entrevistei frequentadores dessas boates. O objetivo dessas entrevistas foi verificar como os aspectos da sociabilidade experienciados por mim no período em que eu estava em campo apareciam no discurso desses frequentadores. Ouvi seis homens adultos, moradores de diferentes bairros da cidade e que vão as diferentes boates. Os conheci nas boates ou por indicações de amigos. Não pedi a nenhum amigo ou conhecido mais próximo colaboração para essas entrevistas, por temer não analisá-las de modo apropriado. Inevitavelmente eles acabaram me fornecendo pistas ou dicas: uma vez que, ao tomarem conhecimento de minha pesquisa, esses insistiam frequentemente em trazer perguntas ou mesmo ‘análises’ prontas sobre o que entendiam como meu interesse de pesquisa.

No primeiro capítulo apresento a perspectiva metodológica adotada na pesquisa: a etnografia enquanto uma descrição de esforço interpretativo. Nessa perspectiva, a etnografia vai além da realização de uma técnica de coleta de dados e passa a incluir uma reflexão sobre aspectos simbólicos do universo pesquisado. Busco tratar também, dos dilemas envolvidos no trabalho de campo em um contexto no qual temas como sexualidade, corpo e desejo, integrantes do objeto da pesquisa, não excluem o corpo do próprio pesquisador. Nesse sentido, faço uma discussão da idéia de subjetividade erótica do/a etnógrafo/a e de como sua presença no texto pode trazer elementos para melhor compreensão do problema de pesquisa em questão.

O segundo capítulo é dedicado a uma apresentação e caracterização das boates que freqüentei. Busco descrevê-las explicitando os marcadores de diferença como classe, raça e lugar de origem presentes na produção do corpo dos frequentadores de cada uma dessas boates. Passo também a exposição de algumas categorias da Antropologia Urbana e de sua utilização para a uma visualização dos primeiros aspectos

envolvidos na formação do posicionamento dos corpos no interior dos gradientes hierárquicos.

O último capítulo destina-se a descrição e análise dos elementos que constituem os cenários de sociabilidade nas boates. Os códigos, práticas, discursos e símbolos inscritos no trabalho etnográfico passam a ser analisados a partir da centralidade do corpo, de modo a explicitar os gradientes hierárquicos a partir de níveis de desejabilidade.

## Capítulo Um...

### **Entre Boates, Corpo e Metodologia: Reflexões sobre etnografia de um pesquisador/freqüentador de ‘baladas’ GLS**

O trabalho de campo é dramático porque as predisposições subjetivas e o aparato reunido nos bastidores são postos em questão. O solo do campo não foi configurado para amparar sua consistência, para acolher seus princípios. A identidade final do etnógrafo resulta dessa produção que é a sua formação posta à prova por critérios inteiramente diversos daqueles que presidiram, orientaram e moveram a formação (Silva, 2009; p. 177)

Até hoje me lembro do ‘frio na barriga’ ao chegar às proximidades da boate. Eu e um amigo estávamos na Praça Tamandaré indo em direção a Avenida República do Líbano, em Goiânia-GO. Ao avistar a presença de outros rapazes, aparentemente *gays* ou do ‘meio’ e dando a entender que caminhavam na mesma direção que a nossa, meu amigo me indicou que certamente os encontraríamos mais tarde dentro da boate. Aqueles garotos, do outro lado da praça, me chamaram a atenção. Para mim, fazer aquele caminho e encontrar supostos iguais significava vivenciar algo extremamente subversivo. Enquanto movia-me segundo os comandos de meu amigo, que parecia já conhecer aquela pequena região ‘mesmo de olhos fechados’, minha respiração acelerada evidenciava um turbilhão de imagens, idéias e regulações presentes sobre aquela situação.

Chegar à boate significava, naquela ocasião, me aproximar; dos corpos; músicas, danças, pessoas, relacionamentos, possibilidades de expressão, liberdades, valorações morais e controles sociais com quais eu já tinha contato por meio do relato de amigos. Estavam aí também imagens e reportagens midiáticas; mesmo que eu não tivesse consciência disso tudo naquele dia.

Naquela época o tal frio na barriga e a respiração acelerada não me permitiram pensar sobre o que estava em questão na ânsia da ida a boate. Eu simplesmente desejava aquela situação. Mais do que isso: ‘como qualquer jovem de minha idade’, que desejava sexualmente outros homens e que se identificava como *gay*, eu achava que deveria estar naquele lugar. Ir a boate pela primeira vez criou em mim um misto de empolgação e ansiedade. Estava indo ali para me divertir, mas essa diversão tornava-se algo ‘sério’ em meu imaginário. As insistentes referências cristãs em minha educação, em uma cidade de interior, aliadas a possíveis juízos morais sobre ir a uma ‘boate *gay*’ fizeram com que aquele momento fosse vivido sob uma espécie de adrenalina. Sendo assim avistar os

outros garotos na rua era um sinal de que a minha trajetória iria definitivamente se cruzar com a ‘balada’ e, conseqüentemente, com a tão almejada vida *gay* moderna e urbana.

Minutos depois e eu e meu amigo já estávamos na fila. Enquanto conversávamos me lembro de ficar atento ao modo como as pessoas chegavam. ‘Do nada’ surgiam garotos vindos da Av. República do Líbano. Outros chegavam pela Rua 25 ou subindo a Rua Cinco. Alguns, antes de se ajuntarem à fila, ficavam sentados na escadaria de um prédio ao lado da boate. A quase todo momento portas de carros se abriam e mais pessoas somavam-se à fila ou ficavam dispersos pela calçada se cumprimentando, se olhando. Conversas triviais, uma quinta-feira a mais. Talvez nada que chamasse a atenção de muitos deles. Mas para mim era um grande acontecimento.

Tudo o que ocorria ali, de algum modo se remetia a mim e ao meu corpo. Seria, a partir daquele espaço, parte do meu cotidiano, da minha vida. Ver outros rapazes chegando ‘do nada’, iluminados pelas luzes dos postes matinha implicações de reconhecimento. Eu seria como quem ali? Pareceria com quem? Que experiências eu viveria? Isso me mudaria? Eu faria mais amigos? É claro, isso eu não conseguiria nomear naquela noite. Era para mim a empolgação e o frio na barriga.

Depois de uns 40 minutos a fila começou a se movimentar. Estávamos a ingressar. Lembro-me de ter ficado extasiado com a entrada. O procedimento de revista feita pelos seguranças durou apenas alguns segundos. Instante, que agora enquanto escrevo, retoma com toda intensidade minha memória e parece me transportar para aquela noite. É como se em minha frente não estivesse o computador, mas a minha volta e acima de mim globos de discoteca, sob uma baixa iluminação. Na parede uma foto imensa de uma de minhas cantoras de música pop preferidas.

Assim que passamos pela revista e por uma espécie de cadastro, eu e meu amigo descemos apressadamente as escadas. Ele me puxava pela mão. Também estava empolgado por ‘me levar’ lá. Como um guia turístico ele mostrou-me toda a boate. Levou-me ao banheiro, à área do bar, a área com os *pufs* onde eu podia me sentar, mais tarde e caso estivesse cansado. Depois do ‘tour’ ele novamente me puxou pela mão e subimos as escadas, em direção à porta. Segundo ele era ‘legal’ permanecer ali, de vez em quando, para observar as pessoas, ‘ver o movimento’ e também conferir a aparência nos enormes espelhos que lá ficavam.

Eu procurei ficar atento a tudo. Meu amigo ia me dando dicas. À medida que entrávamos madrugada adentro, ele me fornecia pistas do que estava prestes a acontecer, ou pelo menos do que deveria normalmente para ele ser uma noite em uma balada GLS. ‘Hora’ para beber, no meu caso sempre um refrigerante; ‘hora’ de dançar; ‘hora’ de mudar de lugar na pista; ‘hora’ de prestar atenção no show de *drag*; ‘hora’ de observar os ‘bofes’; ‘hora’ de paquerar. “*Aquenda bicha!*”. Era também a ‘hora’ de aprender as gírias do meio.

Enquanto eu dançava, observava, conversava, flertava; vinha a minha cabeça alguma imagem ou algo que eu já ouvira falar sobre aquele lugar e o modo como as pessoas se comportavam ali. Tudo isso sob(re) os *flashes*, luzes coloridas e as implacáveis batidas do *Dj*, que pareciam serem feitas para que eu não me cansasse nunca. Ali, naquela pista de dança, onde alguns discursos e imagens se cruzavam com a inserção do meu corpo naquele lugar, se criavam possibilidades da minha experiência. Nessa miríade minha presença em uma ‘balada’ *gay* era produzida sem visibilizar os exercícios e procedimentos de poder que criaram todas aquelas sensações, pensamentos e desejos como efeito.

Continuei a freqüentar as boates por meses, quase sempre, acompanhado por esse amigo que me levava na primeira vez. Acabei, então, conhecendo outras pessoas, o que me levou a outros espaços destinados ao comércio para o público homossexual. A noite GLS tornou-se, com o passar do tempo algo menos inédito para mim, ou, pelo menos, vivido com menos *frisson* e empolgação. A adrenalina havia baixado e não necessariamente me chamava mais atenção os passos sorrateiros de outros garotos em direção a boate. Após alguns meses de ‘balada’ outra sensação começou a vir à tona quando eu estava na pista: um incômodo.

Talvez ‘incomodo’ não seja a melhor expressão para nomear algo que emergia além da empolgação de viver uma vida noturna cravada pelo ‘GLS’ e que conferia, mesmo que formalmente, uma descrição das boates. Essas, paulatinamente deixaram de significar para mim o sinônimo de exercícios de construção da liberdade em relação às desigualdades sociais existentes no campo das sexualidades.

As questões que originam essa pesquisa vieram meses mais tarde, já no último ano da graduação. Foram impulsionadas pelo questionamento do gueto descrito por McRae (2005)<sup>1</sup>. Em seu texto *Em Defesa do Gueto*, o autor apontava para a importância do gueto como lugares onde uma pressão social ‘negativa’ em torno da homossexualidade pudesse ser afastada. A boate ainda continuava ser um lugar onde eu poderia rever amigos e conhecer outras pessoas. Contudo passou a revelar-se a partir da minha experiência um espaço que tinha regras, não explícitas, de como eu deveria me portar lá dentro. O modo como meu amigo me conduziu em minha primeira vez naquele lugar, como um guia, explícita que muitas outras pressões provavelmente estariam em vigência. Os corpos, os beijos, as músicas e as relações que se estabeleciam naquele

---

<sup>1</sup> Texto originalmente publicado em 1983.

espaço poderiam até ser efeito de um encontro de homens *gays* livres do medo da discriminação e da violência física, mas não me pareceram livres de controles outros operando sobre seus corpos. Aí estava localizado meu incômodo.

Minhas desconfianças acerca da ‘liberdade’ nas boates foi gestada a partir de um trajeto que me levava das boates para os corredores da universidade. Era em outro lugar da cidade, nas imediações da Praça Universitária, que comecei entrar em contato com leituras sobre o mercado GLS e suas clivagens. Destaco aqui um texto etnográfico, de Simões e França (2005), que impactou o modo como eu via a minha experiência nas boates e auxiliou na construção de meu anteprojeto de mestrado. Nesse texto os/as autores/as retomam *Em Defesa do Gueto*, já citado acima, na tentativa de pensar como se configura um possível gueto homossexual na primeira década do século XXI. Ao tratarem das boates paulistas como uma parte desse gueto<sup>2</sup>, mostram uma série de valorações hierárquicas a partir de marcadores de diferença como raça, classe e gênero.

O que era um espaço de lazer ou entretenimento sob o título de boate *gay* ou boate GLS passou a ser desvelado a partir de um conjunto de regras e da manutenção das relações de sociabilidade (Magnani, 2008). A partir do incômodo formulado entre meu corpo nas casas noturnas e nas salas de núcleos de pesquisa, o lazer e a diversão que simbolizavam aqueles lugares adquiriam importância teórica<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> É preciso dizer que a categoria Gueto assim como apresentada no texto de Simões e França (2005) ganha uma discussão crítica em torno da viabilidade do uso desta categoria. Os/as autores/as passam a operar gueto a partir das contribuições de categorias de Magnani (2008), como manchas nos espaços urbanos.

<sup>3</sup> Boa parte dessas reflexões aconteceram durante a realização de meu trabalho de conclusão de curso em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Momento em que tive oportunidade de investigar os discursos sobre a homossexualidade na revista *G Magazine*. Na medida em que eu entrava em contato com as páginas da revista fui percebendo a construção de um tipo muito específico de homem gay: ele é branco, jovem, musculoso, dotado de um sentimento de alegria que lhe é próprio; gosta da paquera e de um clima de ‘fervo’; e viaja para lugares paradisíacos (Santos, 2010). Na análise das reportagens da revista emergiram regulações no campo das práticas discursivas que realizavam uma construção dos sujeitos da homossexualidade, reiterantes dos moldes de masculinidade hegemônica por meio do mercado GLS. Ir às boates me trouxe algum tipo de *deja vu*. Começou a me despertar o mesmo tipo de sensação que tinha quando estava envolto com a escrita do TCC. Essa sensação passou a aproximar as regulações exercidas nas páginas da revista das experiências na ‘balada’. Comecei; em

Essas e outras leituras passaram a me intrigar frente relatos dos meus amigos nas suas idas as boates. Os mesmo relatos que antes me colocavam expectativas eram agora lidos com certa desconfiança. Afinal de contas por que ‘fulano’ me falara tão mal de determinada boate, recusando meus convites? Porque a boate *x* era ‘melhor’ do que a *y*? As opiniões dos meus amigos, das pessoas que fui conhecendo nas boates e as minhas próprias me indicaram que, no modo como se aproveitava uma boate, se exerciam relações de poder que tinham seus efeitos no que tange à sociabilidade nesses espaços.

Após a construção de anteprojetos, seleção de mestrado e mudança de cidade, com todas as angustias durante esse processo, eu tinha um novo contexto a ser conhecido. Além de novas boates, eu deveria fazer novos/as amigos/as que me incluíssem em suas redes de relacionamento e que se dispusessem a me introduzir, como fez meu inseparável amigo de Goiânia, às novas pistas de dança e as ruas, avenidas, e praças, para chegar até as boates.

Minimamente incluído eu passei a freqüentar as novas boates, locais onde um ano depois eu freqüentaria não só como ‘o garoto que deseja se inserir numa vida *gay* urbana’, mas como alguém que faria perguntas sobre as experiências cultivadas ali.

Minha primeira saída em Belo Horizonte, num sábado, evocou algo parecido com a minha primeira ida a uma boate em Goiânia. Lembro-me de estar caminhando na Avenida Amazonas com rapazes que eu havia conhecido a poucos dias. Estávamos fazendo essa caminhada para checar como estava a movimentação em duas boates que ficavam a aproximadamente a 500 metros uma da outra. De repente, passamos por um garoto que, sozinho, caminhava em direção contrária a nossa. Eu o achei bonito e

---

espaços de pesquisa e estudo coletivos aos quais estava vinculado, o Núcleo de Estudos Psicossociológicos (NEPSI), por meio do grupo Construção de Fatos Sociais, da PUC Goiás e o Núcleo de Estudos de Gênero e Sexualidade (Ser-Tão) da UFG; entrar em contato com a formação de um mercado GLS e as hierarquias presentes nesse mercado. Leituras, debates e orientações passaram a me apontar para uma possível regulação da sociabilidade nas boates em questão.

imediatamente comentei com um dos colegas que estava em minha companhia. Ele concordou sobre a beleza do transeunte e juntos sorrimos. A situação acabou se configurou em um flerte, pois esse gesto foi notado pelo rapaz que passava, retribuindo com um sorriso. Olhamos para trás e ele também nos mirava.

Minhas companhias após constatarem que o rapaz também olhava esboçaram certa indiferença e continuaram a andar. Eu desacelerei meu passo e o rapaz também o dele. Um dos meus amigos, poucos metros a minha frente, exclamou “vai lá, Leo. Ele está afim de você!”. Fui em direção ao garoto e ele fez o mesmo. Nos cumprimentamos e após falarmos rapidamente sobre nossos planos para a noite ele me abraçou e eu lhe beijei na boca. Um beijo rápido, leve e discreto em uma avenida movimentada no centro de Belo Horizonte.

Para mim, essa cena foi tão marcante quanto ver outros garotos saindo da Praça Tamandaré em direção à República do Líbano. Além de pessoalmente possuir um ‘sentido libertador’, por ser um ato realizado em lugar público. Condensavam-se também naquela situação aspectos e imagens de uma nova cidade, novos endereços, novas paisagens, novas pessoas e novas boates em minha experiência.

Essa experiência se intensificou para além da colocação do meu corpo nas boates; durante o primeiro ano de mestrado, principalmente; e passou a incluir leituras, debates e orientações de pesquisa e, nesse ínterim, a ida nas boates e conversa com alguns frequentadores. Agora não somente como alguém que ia desfrutar dos locais, mais que estava ali de atenção redobrada para compreender que possíveis exercícios de poder são realizados por meio do e no corpo dos frequentadores.

### Na ‘balada’, na Etnografia...

Às voltas da construção do projeto de qualificação e, depois, no primeiro semestre do segundo ano o modo como eu compreenderia meu objeto de pesquisa, a sociabilidade pela centralidade do corpo, esteve sob tensão do ponto de vista metodológico. O que estava vagamente previsto era que eu fosse às boates, entrevistasse alguns frequentadores e talvez proprietários, e também coletasse *flyers* e anúncios para algum tipo de análise. Estavam aí dadas algumas maneiras na tentativa de acesso ao meu problema de pesquisa, que também não estava pronto aguardando a definição do procedimento metodológico correto a ser aplicado.

Trabalhei, então, a partir da etnografia, que inclui minha freqüência em seis boates GLS da capital mineira e também entrevistas com alguns frequentadores dessas boates. Penso aqui a etnografia como um trabalho de descrição densa, assim como apontada por Clifford Geertz (1989). Desse modo ao fazer etnografia, não estou falando somente na utilização de procedimentos de coleta de dados, mas em um esforço intelectual interpretativo que busca apreender uma “hierarquia estratificada de estruturas significantes” (p. 17). Essa expressão implica abranger como os acontecimentos são produzidos, percebidos e interpretados. Faz-se uma descrição densa à medida que o processo etnográfico responde a seguinte pergunta: o que se transmite a partir de um acontecimento e o que essa transmissão produz? No caso dessa pesquisa, minha pergunta passa pela interrogativa acerca do significado de discursos, práticas e códigos nos espaços das boates e pela tentativa de entender que exercícios de relações de poder pelo corpo se dão na emergência do que ocorre nas boates.

O trabalho etnográfico, a partir dessa concepção foge a tentativa de encontrar a realidade. Uma observação participante não se destina ao encontro da verdade, a aplicação de um procedimento para a obtenção de um ‘real’ sem interferência entre a

observação e o que está sendo observado. Esse, por sua vez, é um problema de fôlego aos interesses antropológicos. Tomo aqui como exemplo o esforço de Malinowski (1978) de construir uma perspectiva de trabalho de campo na qual a sinceridade metodológica deve funcionar em prol da construção da Etnografia como uma ciência irrefutável, sendo fundamental um relato honesto do/a pesquisador/a. O trabalho etnográfico além de não contar com fatos manipulados<sup>4</sup>, deve desbastar a subjetividade de quem observa, pois os dados devem se evidenciar por si mesmos.

Apono que meu trabalho se distancia dessa perspectiva ou mesmo de propostas antropológicas em que a etnografia emerge como aporte para compreensão de leis no campo social. Isso por acreditar que não é possível apreender o fato em si ou mesmo, numa perspectiva ‘mais próxima’ da adotada pela Biologia, fazer da etnografia uma cristalização de fatos que serão compreendidos posteriormente como estruturas sociais em funcionamento, assim como pretendeu Radcliffe-Brown (1973). Em relação aos propósitos de uma antropologia que pudesse chamar a si mesma de científica e seus efeitos nas discussões etnográficas, a idéia de *inscrição* de Geertz (1989) me parece uma alternativa pertinente para pensar o registro etnográfico. Nesse sentido o/a

---

<sup>4</sup> A manipulação, nesse contexto, diz respeito a apresentação dos fatos como se fossem extraídos de um limbo. Malinowski (1978) utiliza esse termo para criticar conclusões realizadas sem uma exposição das condições da pesquisa de campo, criando generalizações distantes das experiências concretas. Para o autor um trabalho etnográfico relevante só pode ser assim considerado se trazer dados das observações diretas, organizados em uma elucidação da vida nativa, em contraposição as conclusões feitas com base no “bom senso e na intuição psicológica” (p. 18). Nesse caso creio ser importante problematizar o que Malinowski denomina como manipulação, tendo em vista o viés no qual ele teoriza a etnografia. Sobre esse tema me aproximo de Geertz (1989, p. 30) ao se posicionar da seguinte maneira: “(...) o que inscrevemos (ou tentamos fazê-lo) não é o discurso social bruto (...). Todavia, isso torna a visão da análise antropológica como manipulação conceptual dos fatos descobertos, uma reconstrução lógica de uma simples realidade, parecer um tanto incompleta. Apresentar cristais simétricos de significado, purificados da complexidade material nos quais foram localizados, e depois atribuir a sua existência a princípios de ordem autógenos, atributos universais da mente humana (...) é pretender uma ciência que não existe e imaginar uma realidade que não pode ser encontrada. A análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados (...)”. Não pretendo, entretanto, afirmar que a manipulação ao qual Malinowski se refere é a mesma rebatida por Geertz, porém as problematizações acerca do que consiste o trabalho de campo, advindas de Geertz emergem como argumento frutífero na crítica a etnografia como o registro de dados que falam por si mesmos independente da subjetividade e dos posicionamentos do/a pesquisador/a.

etnógrafo/a ao fazer um registro, anota um discurso, tirando-o da natureza de um acontecimento que nunca se repetirá para inscrevê-lo sob a forma de um relato que poderá ser consultado no futuro. A descrição torna-se um ato de inscrever algo. A partir dessa noção chega-se a uma pergunta que coloca problemas às premissas científicas de etnografia: o que o etnógrafo escreve?

Para Geertz (1989) a descrição densa se ocupa da escrita, não do acontecimento de falar, mas do que significa falar aquilo que está sendo falado. Isso porque o texto produzido pelo/a autor/a da etnografia é um discurso, no mínimo, de segunda mão. É um discurso sobre o discurso do/a nativo/a ou daquele de quem ele/a ouviu algo.

Durante os três meses que ‘fiquei em campo’; julho, agosto e setembro de 2011; eu passei a freqüentar as boates pelo menos três vezes por semana: quintas e sextas feiras e aos sábados. Muitas vezes eu ‘saía’ também nas quartas-feiras e em raras semanas, nas terças e domingos. Minha freqüência as boates nos referidos meses oscilaram entre 12 e 20 idas às boates. Os critérios para a escolha das casas a serem freqüentadas variava. Procurei observar quais eram as principais noites de cada uma das casas noturnas, para ir nessas noites ou fazer propositalmente uma rota contrária e freqüentar uma boate que não ‘bombasse’ no dia em questão. Busquei também manter uma estabilidade de freqüência, de modo que não ficasse sem freqüentar uma determinada boate num período maior do que 15 dias. Esses eram meus dois critérios principais. Os demais eram combinações do dispêndio de tempo para transporte em relação às obrigações que eu acumulava durante o dia; e, portanto tempo de preparação; os descontos nos valores de entrada que obtinha mediante as listas em que eu participava, já que por estar em algumas dessas listas, tive, em alguns casos, todo o valor da entrada revertida em consumo de bebidas no interior da boate.

Com o passar do tempo eu criei alguma ou outra preferência por algumas boates, especificamente por aquelas que pareceriam mais heterogêneas, em termos de público, fazendo-me sentir mais a vontade. Todavia procurei alternar todos os critérios citados na garantia de que eu estivesse presente nas diferentes boates. Nesse sentido, recordo-me de um comentário endereçado a mim por um conhecido: “E você não sai da noite, né?”. Essa pergunta me soou como uma confirmação de que minha frequência constante às boates não passava incólume.

Ao longo desses três meses conheci ou aprofundei relações com alguns rapazes que eu já havia encontrado pelas ‘baladas. Utilizei-me deles para a realização de entrevistas. Após perceber que havia ficado um clima amigável entre nós, eu falava brevemente sobre minha pesquisa e que precisaria entrevistar ou conversar sobre as idas às boates. As conversas foram realizadas em locais definidos conjuntamente entre mim e os entrevistados. Talvez o termo entrevista não traduza da melhor maneira esses momentos, pois pode formalizar demasiadamente o modo como as falas desses rapazes foram obtidas. Não utilizei gravadores, por conceber que o objetivo dessas conversas não era captar a verdade do discurso daqueles sujeitos. Enquanto conversávamos eu tomava nota e imediatamente após o momento eu ia para casa produzir um relato em diário da conversa.

Para que tais entrevistas pudessem ocorrer passei por um período de negociação no qual o grau de afinidade e intimidade em relação aos sujeitos determinou o modo como seria a conversa. De início todos me apontaram para uma facilidade na combinação de um horário, o que não ocorreu. A maioria das conversas precisou ser adiada em função das agendas dos sujeitos. Houve casos em que eu pensei que não conseguiria um novo horário. Semanas depois quando nos encontrávamos e voltávamos a falar do meu trabalho, sem esperança de conseguir marcar um horário, eu conseguia

acordar um novo momento. Atribuo essa dificuldade a informalidade da minha abordagem e também ao caráter aparentemente não científico que meu tema de pesquisa podia trazer. Não raro ao contar sobre minha pesquisa, eu ouvia interrogações como “*Você está falando sério?*”

As conversas realizadas, em sua grande maioria no período da noite, aconteceram em lugares como praças de alimentação e cafés de Shoppings; lanchonetes e bares. Ao negociar com os entrevistados eu ressaltai que o local onde se realizaria a conversa deveria satisfazer os critérios de cada um deles e que para mim não haveria problemas em me deslocar de onde eu morava independente da distância. O resultado foi o encontro em locais próximos as suas residências ou de trânsito cotidiano dos mesmos, todos em bairros ou regiões de classe média ou classe média alta da cidade<sup>5</sup>.

Eu me dirigia para os locais marcados com meu diário e um roteiro preparado conforme as situações que eu havia vivenciado com cada um dos rapazes quando nos encontramos nas boates. Uma parte desse roteiro continha questões de cunho socioeconômico, que considerei importantes por me permitir uma vaga caracterização desses rapazes. A segunda parte, produzida diferentemente para cada conversa, continha tópicos de assuntos para consulta caso minha memória falhasse. Não considero que existia entre mim e nenhum dos entrevistados algum laço mais íntimo ou duradouro de amizade, pois nos conhecíamos há pouco tempo. A alguns deles eu fui apresentado durante a fase da pesquisa em que freqüentava as boates, enquanto outros foram me

---

<sup>5</sup> Encontrei-me com Rafa no *California Coffee*, uma rede de cafeterias no modelo de *coffee shop* americano e europeu. Essa loja, por sua vez, estava localizada no *Diamond Mall*, um shopping conhecido pela alta freqüência da população da alta classe média de Belo Horizonte. Com Rodrigo o encontro foi realizado na praça de alimentação do *BH Shopping*, localizado no Belvedere, um bairro ‘nobre’ da capital. Cena parecida com a de Napoleão. Nossa conversa foi realizada na praça de alimentação do *Pátio Savassi*. Napoleão residia em um bairro próximo, na região centro-sul da cidade. Nesses três casos os entrevistados moravam próximos aos shoppings. A conversa com Henrique e seu amigo foi realizada em seu início no *McDonalds* da Savassi e depois nos dirigimos a um bar bastante próximo dali. Com Lico a entrevista foi realizada na cantina do prédio da faculdade onde estuda, um centro universitário privado da capital. A conversa com Jesen ocorreu no *McDonalds* do bairro Floresta, na Avenida do Contorno, local de residência de classe média.

apresentados por amigos, dentro das boates ou em outras situações. Entretanto me surpreendi com afinidade que desenvolvi com alguns deles. Não raro, nos momentos com Jensen e Lico, por exemplo, a conversa não se deteve somente as boates, mas a gostos e interesses pessoais fora do contexto da pesquisa, fazendo inclusive com que ‘perdêssemos a hora’. O clima de descontração presente ao conversar com Henrique e seu amigo, que para minha surpresa foi convidado pelo mesmo, permitiu que esse, que não era inicialmente com que eu havia acordado a entrevista, me colocasse questões relativas à pesquisa: *“Eu queria saber por que as pessoas tem uma hora pra pegar? Me explica porque todo mundo tem que esperar tal hora pra beijar? Por que não pode pegar 00h1min5 e 00h30min já estar em casa?”*.

### **Sobre a noção de Campo**

Durante esses dois anos de mestrado a definição da idéia de campo me intrigou bastante. Ao ler Geertz (1989) e seu aviso de que não se pode confundir o lócus da pesquisa com o seu objeto, me pareceu urgente ter em evidência um conceito claro do que fosse o campo. A advertência repetiu-se em Peter Spink (2003) ao enfatizar que o local aonde se frequenta quando se diz ‘vou ao campo’ não pode ser confundido com um processo de construção de um problema de pesquisa. O campo vincula-se, então, a um tema, com a produção de um interesse intelectual no qual estão inseridas diversas vozes em seus aspectos políticos e teóricos. Para esse autor não se pode literalmente ‘ir a campo’, pois esse é uma construção que diz respeito a uma série de apropriações e conduções de um tema. O lugar aonde se vai passa a ser, nesse sentido, o espaço utilizado para se aproximar desse campo-tema<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> No decorrer dessa dissertação utilizarei as expressões como campo, entrada em campo com aspas (‘campo’/‘entrada em campo’) quando for me referir ao lócus da pesquisa. Farei isso para evitar expressões desagradáveis na leitura e marcar que a noção de campo na qual está ancorada essa dissertação busca fazer referência a discussão realizada acima.

Essas discussões apontam uma acertada insuficiência do referente espaço físico como o critério principal de delimitação da noção de campo. Todavia, ao mesmo tempo esses alertas não me apontaram uma precisão do que deve ser este conceito. Talvez porque esses textos façam parte de uma discussão que não está finalizada, até porque ao falar de campo se fala de problemas e objetos de pesquisa, que, por sua vez, estão sempre abertos a leituras e críticas. Ao pensar as complexidades na delimitação disciplinar da antropologia, Clifford (1998, p. 267) explicitou a complexidade em torno da definição da idéia de campo no interior dessa disciplina:

Mesmo o trabalho de campo está em discussão e sob tensão, porque também não está claro o que se define como “campo” e o que significa “ir para o campo”. (...) “Trabalho de campo” é uma prática espacial de pesquisa interativa intensa em torno de uma ficção que é o “campo”, não tanto como lugar, mas como um conjunto de práticas institucionais.

A noção de campo é pensada neste trabalho a partir das contribuições desses três autores. Devo aqui assinalar que tratam de problemáticas de pesquisa diferentes e essa diferença também está evidenciada nas leituras que cada um desses teóricos faz em suas pesquisas. Entretanto, enxergo uma convergência para negação da idéia de campo como um lugar, dando espaço ao campo como a produção de um problema ou objeto de pesquisa que pode ter como efeitos a chegada do/a etnógrafo/a na tribo, no terreiro, na rua, nos clubes de sexo ou na boate. Creio não ser necessário mais uma vez mencionar no que consiste o campo-tema ou o campo como ficção, mas aponto uma útil forma de entender esse conceito a partir de Vagner Gonçalves da Silva (2006), que me forneceu um atalho. Tomando-se o campo em um “sentido amplo do termo” (p. 27), esse define-se não somente com base na implicação entre o/a pesquisador/a e as pessoas com quem ele/a se relaciona e os lugares onde se passa a frequentar ou viver, mas na experiência

da leitura de livros, dos relatos de outras pesquisas e da construção do projeto de pesquisa e dos textos finais.

Durante alguns meses eu precisei alterar drasticamente minha rotina. Era preciso estar acordado durante as madrugadas. Ao chegar em casa eu fazia algumas anotações e ia me deitar. Horas depois eu passava a tarde, algumas vezes a parte inicial da noite, produzindo o diário de campo com a ajuda das anotações que havia feito de manhã. E assim era, geralmente, de quarta a sábado. Meu dia-a-dia tinha se transformado em função da ‘balada’. Quando eu ‘estava em campo’ raramente eu almoçava, pois quase sempre eu só conseguia acordar no horário que os restaurantes comumente se fechavam. Meu guarda roupas também denunciava essa rotina: muitas peças sujas e poucas disponíveis para uso, pois tinha menos tempos para limpeza de minhas roupas e para outros afazeres domésticos e também acadêmicos.

Essa alteração tão intensa em meu cotidiano, para além dos transtornos, foi também um dos aspectos mais importantes desta pesquisa. As reflexões que se desenvolverão nas páginas dessa dissertação são fruto não somente da minha presença noturna nas boates, mas advém dessa experiência etnográfica em que ‘o campo’ tinha efeito sobre as 24 horas do meu dia. Dormir durante o dia e, ao levantar, já pensar na próxima ‘balada’, por exemplo, se tornaram atitudes que diziam respeito a experiências do meu problema de pesquisa e que contribuíram para que eu pudesse compreender a sociabilidade por meio do corpo nesses espaços. Pensar, mensalmente, em quanto dinheiro eu gastaria ou em que roupa utilizar na ‘balada de logo mais’ se tornaram lembretes mentais diários que evidenciavam como a minha vida tinha se tornado o ‘campo’. Aqui eu retomo e intensifico a amplitude com qual o campo é visto na perspectiva de Silva (2006), amplitude que se alastra pelo cotidiano. Essa experiência

ressalta a característica mais marcante do trabalho de campo: a não separação entre os domínios ocupacionais e extra-ocupacionais da vida. Para Geertz (2001; p. 45):

Devemos encontrar amigos entre os informantes e informantes entre os amigos; devemos encarar as idéias, atitudes e valores como outros tantos fatos culturais e continuar a agir de acordo com aqueles que definem os nossos compromissos pessoais; devemos ver a sociedade como objeto e experimentá-la como sujeito. Tudo o que dizemos, tudo o que fazemos e até o simples cenário físico têm ao mesmo tempo que formar a substância da nossa vida pessoal e servir de grão para o nosso moinho analítico.

### **Quando os limites entre freqüentador e pesquisador são quebrados...**

As negociações para a ‘entrada em campo’ implicam em reconfigurações dentro desse próprio campo. Há todo um esforço na tentativa de incorporar o/a etnógrafo/a nas relações cotidianas dos grupos e contextos em estudo. Nesse processo há relações que muitas vezes podem ser tensas. Nesse contexto, Silva (2006) destacou os ‘rituais de delicadeza’, para utilizar seus próprios termos, nos quais antropólogos/as que pesquisam religiões afro-brasileiras se inserem com vistas a obterem um lócus de pesquisa e pessoas com quem possam conversar para obter dados. As estratégias desses/as pesquisadores/as eram muitas vezes a participação em rituais religiosos como forma de proximidade com pais e mães de santo.

Jogo-de-búzios; banhos de ervas; e sacrifícios de animais são outras formas enumeradas por esse autor de como alguns/as antropólogos/as conseguiram algum acesso menos superficial ao cotidiano dos grupos envolvidos na pesquisa. Por esses rituais se dava também uma classificação do/a etnógrafo/a de modo a torná-lo/a alguém familiar. Gostaria de sugerir que os rituais de delicadeza são ‘utilizados’ nos mais variados trabalhos antropológicos, inclusive naqueles em que os temas principais da pesquisa giram em torno de gênero e sexualidades. Há interessantes investigações nas quais os pesquisadores relatam, ao seu modo, uma participação nas dinâmicas de

exercício do desejo que estavam pesquisando. Braz (2010) precisou despir-se nos clubes de sexo. Henning (2008) relatou que em algumas situações passava a retribuir os olhares que recebia dos frequentadores. Ambos assim fizeram, pois enxergaram nessas situações, onde seus corpos saíam do lugar supostamente neutro do pesquisador e passavam a ser visualizados a partir dos atributos que provocavam o desejo alheio, uma oportunidade de inserção direta naquilo que se propuseram compreender.

Um aspecto fundamental no desenvolvimento dos rituais de delicadeza é que eles são estratégicos para o pesquisador que está em campo, constituindo-se como formas de acesso aos ‘imponderáveis da vida real’, nos termos de Malinowski (1987). Todavia, no momento em que o pesquisador/a pisa no chão e adentra em uma boate ou no clube de sexo, seu corpo adentra também nas lógicas de desejo que conferem uma dinâmica específica do (ou no) lugar. A presença em ‘campo’ do/a pesquisador/a passa a ser tomada nos termos pelos quais o desejo se exercita e se manifesta ali. Retomando Geertz (1989) e a sua idéia de que um ‘campo’ existe para um/a etnógrafo/a, pode-se dizer que aquela experiência é textualizada para o/a pesquisador/a, que toma aquele conjunto de relações, sujeitos, materialidades e geografias como aspectos de um campo-tema-problema.. Sendo assim, para o/a pesquisador/a pode-se tratar de um ritual de delicadeza. Todavia ‘em campo’ esse ritual torna-se, ou volta a ser, a paquera, o flerte e a excitação. Braz (2010), mesmo nú em uma de suas idas aos clubes de sexo, afirmou estar ‘vestido de antropólogo’. Entretanto creio que tal roupa era visualidade de modo muito parcial entre os frequentadores dos clubes de sexo, fazendo com que ele fosse naquele instante um desejável ou não de acordo com as convenções de sexo/gênero vigentes no local. Sustento a ideia de que as coberturas etnográficas/as que levamos ao ‘campo’ não desaparecem. Permanecem lá em nossas observações, movimentações, aproximações, conversas, percepções. Todavia, em base em minha experiência nas

boates a diferença entre quem está etnografando e quem está no caminho do/a etnógrafo/a mostrou-se frágil: a medida que as lógicas locais de circulação desejo passavam a alcançar meu corpo, simplesmente pelo fato de eu estar lá na boate, qualquer posição pre forjada de controle etnográfico passava e ser falível frente aos flertes, cantadas, corpos, música, risadas que me levaram justamente para o centro do desejo em questão ali.

Há, ainda, um desdobramento fundamental da discussão sobre os modos pelos quais os/as pesquisadores/as se inserem em ‘campos’ nos quais os principais temas de pesquisa são o corpo, desejo e a sexualidade: a confusão entre os lugares de etnógrafo e de sujeito da pesquisa. Trago um trecho de meu diário que diz respeito a este aspecto:

Fiquei curioso em relação ao *Dark room*<sup>7</sup>. Pensei várias vezes em não entrar. Mas achei necessário (...). Pensei em como faria para passar por aquela porta. Isso porque não queria ser visto parado ou dando a entender que ia entrar. Era como as outras pessoas faziam: sempre entradas e saídas rápidas (...). Entrei e logo me esbarrei na parede. Estava muito escuro e não consegui enxergar muita coisa. Uns dois passos a frente e alguém ascende a luz do celular. Questão de segundos. Vi como algumas pessoas estavam dispostas (...). Fui até o espaço mais escuro (...), nesse instante um homem tocou minha bunda. Dei um passo ao lado e ele continuou. Tirei as mãos dele, mas ele ligeiramente as colocou sobre minha barriga, estava atrás de mim. Apertou minha cintura. Aquilo já foi o suficiente para que eu ficasse excitado. Andei, sem pronunciar nenhuma palavra, até a parede oposta e ele insistiu em me seguir e segurar novamente em minha bunda. Quando estávamos perto da parede ele rapidamente me encostou e colocou uma de suas mãos por dentro de minha cueca. Hesitei por uns três segundos, mas retirei a mão dele, que mordeu meu pescoço e colocou a mão sobre meu peito, descendo-a pela barriga. Nesse momento eu sentia muito tesão e acabei colocando minhas mãos em seus braços e depois no peitoral(...). Rapidamente toquei na barriga dele, que era firme e magra (...). Ele quis desabotoar minha calça e eu coloquei minha mão protegendo os dois botões, o zíper (...). Nesse momento senti o pênis ereto dele bater em minha mão. Eu me esquivei e ele desistiu das investidas, parou de me tocar (...). Não demonstrei recusa veemente, mas também não retribuí aos toques dele. Desejo versus postura de pesquisa: Não queria fazer sexo em campo. Sendo assim não deveria buscar ou retribuir contatos, mas em algum momento os desejei, sobretudo

---

<sup>7</sup> Os *Dark Rooms* são espaços escuros utilizados, em tese, para a realização de práticas sexuais anônimas. Podem ser encontrados em boates, clubes de sexo, saunas e cinemas de ‘pegação’ para homens. Uma discussão sobre o funcionamento dos *dark rooms* será feita no capítulo quatro dessa dissertação.

quando esse contato veio por meio de um corpo que me agradava. Permaneci ali parado (...) e de repente me veio à cabeça: “Você está aqui desejando e não mais com interesse etnográfico”, “Já tem dados suficientes para seu diário”. Desci rapidamente a escada e cheguei à pista... (Diário de Campo, Belo Horizonte, Julho de 2011).

A situação descrita nesse trecho publiciza um momento ‘em campo’ no qual o desejo passou a ser exercido de onde inicialmente se poderia prever uma postura afastada das manifestações do desejo naquele quarto escuro. Eu, pesquisando, me vi completamente absorvido nos modos sentir e desejar no *Dark room*. Tal circunstância merece ser explicitada nos textos etnográficos à medida que coloca em questão a procedência da oposição ‘freqüentador desejante x pesquisador’. Ao discutir sobre a figura do antropólogo nativo, expressão que Clifford (1998) atribui como fora de uso, pode-se interrogar acerca da fragilidade oposição ‘freqüentador x pesquisador’ exposta em meu diário. Para o autor o termo nativo merece questionamento pela lógica na qual ele é utilizado. Lógica essa que estabelece que a existência um ‘interno’ onde estaria localizado o informante, dotado de uma pureza, sendo sua condição de informante dada pela autoridade vinda do ‘exterior’, onde está o/a antropólogo/a.

A situação descrita acima foi somente um dos exemplos pelos quais eu recorri, no início de meu período em ‘campo’ a frágil condição de pesquisador, como se estivesse descolada do meu corpo naquele espaço. Em minha primeira ida a *No Terciopelo* eu estava sentado olhando para a pista quase vazia quando um homem se posicionou ao meu lado. Começamos a conversar e em determinado momento ele me interrogou “rola um beijo?”. Eu respondi “prefiro não!”. Justifiquei que eu estava ali fazendo pesquisa e que por isso não ‘ficaríamos’, mesmo querendo beijá-lo naquele momento. A minha resposta negativa em prol do resguardo das fronteiras entre pesquisador e freqüentador somente ocultaram algo que, no caso dessa pesquisa, compreende um dos aspectos principais a serem analisados: o desejo em sua relação

com o corpo e a sociabilidade nas boates. Esse *versus* em minha postura mais uma vez revelou-se ilusório a partir das discussões empreendidas sobre a subjetividade erótica do pesquisador/a.

O envolvimento afetivo e sexual no trabalho de campo e o posterior silêncio nos relatos de pesquisa já são fruto de debate por alguns/as autores/as dentro da Antropologia. Luiz Fernando Rojo (2004), ao pesquisar uma comunidade naturista, chamou atenção ao fato de que o silêncio acerca dos envoltimentos sexuais e afetivos em campo se constitui como silêncio acerca das condições de realização do trabalho e que tais envoltimentos são aspectos do próprio encontro antropológico, não devendo ser ocultados.

A afirmativa de Rojo (2004) segue o esteio das críticas feitas por Don Kulick (1995) sobre o desaparecimento da subjetividade erótica dos/as antropólogos/as em seus textos. Para esse autor um dos principais aspectos explicativos desse silêncio textual se refere ao mito da objetividade no conhecimento antropológico, que produz um desdém pela narrativa pessoal, categorial na qual esses relatos seriam colocados.

Um dos principais problemas em torno da subjetividade erótica levantados por Kulick (1995) reside na falta de articulação entre o sexo do antropólogo ‘em campo’ e o seu próprio trabalho sobre sexualidade. Distante da condição do tabu, o sexo na Antropologia foi um tema bastante explorado, produzindo inúmeras reflexões para a disciplina. Ausentes nessas reflexões estavam as discussões sobre desejo e relações sexuais entre os antropólogos/as e as pessoas das comunidades onde eles/elas pesquisaram.

Leio a oposição ‘freqüentador de boates GLS x pesquisador’ com a qual iniciei a pesquisa a partir dessas idéias. Ao adentrar na boate eu, infalivelmente, me tornava exposto a sociabilidade em questão nessa pesquisa, não se apartando daí as

possibilidades de ‘ficar’ com os freqüentadores que estavam a minha volta. Ressalto que esse ‘ficar’ adquiriu proximidade ao tabu do ‘erótico no campo e no texto’ na medida em que um ‘simples’ beijo na boca, em suas diferentes intensidades, poderia ter resultado em intercursos sexuais, nos *dark rooms*, banheiros ou mesmo em cantos mais escuros e menos vigiados da boate. Além disso, o ‘beijar’, ‘agarrar’, ‘roçar’ e transar são situações permeadas pelo desejo e pelo modo como ele é exercitado nas boates. A decisão de expor meu corpo ao *dark room*, com todas as restrições em curso, assim como minha recusa inicial ao beijo e minha posterior decisão de ‘ficar em campo’ que resultou em uma situação de envolvimento sexual, explicitam que há exercícios do desejo em campo e que os limites que separam as diversas possibilidades de envolvimento entre pesquisador/a e sujeitos são muito tênues. Atribuir-lhes imediatamente o status de sexual de modo a criar um interdito não contribui para a escrita e compreensão antropológicas do interesse de pesquisa em questão. Os aceites e negações aos ‘convites’ dos sujeitos em campo interferem fatalmente na pesquisa e podem ser utilizados para problematizar o argumento da neutralidade científica.

Em prol dessa neutralidade os trabalhos de campo operam sob o regimento de uma regra em relação ao sexo entre pesquisador/a e informante ou sujeito, que permanece não falada e não escrita na formação do antropólogo<sup>8</sup>. A regra é “Não faça” (Kulick, 1995, p. 10). Ao explorar o tema da subjetividade erótica nos trabalhos de outros antropólogos/as, Don Kulick mostrou como o sexo e o exercício do desejo por parte do pesquisador são consideradas como inserções ‘em campo’ impróprias e não éticas. Para além desse aspecto o sexo em campo tomado em si como impróprio é

---

<sup>8</sup> Embora a subjetividade antropológica, em Kulick (1995), esteja referida a formação do ofício do antropólogo, essa é uma discussão fundamental para se pensar os trabalhos de ‘campo’, especificamente em pesquisas nas quais a etnografia não se resume a procedimentos de coletas de dados regidos pela observação direta.

problemático por se constituir numa espécie de contrário do objetivo da inserção em campo. Nas palavras de Ralph Bolton (1995, p. 140)<sup>9</sup>:

Se um etnógrafo se envolve ou não em relações sexuais no campo, isso é antes de tudo uma questão puramente pessoal. Mas o tradicional tabu pelo qual esse comportamento permanece de greve está no cerne da disciplina. Consequentemente, o tabu em si merece uma consideração crítica séria. Sua existência levanta questões importantes e inquietantes sobre como as suas próprias opiniões sobre a sexualidade são moldadas por bases culturais não refletidas. O tabu sobre o envolvimento sexual no campo serve para manter um limite básico entre nós e os outros em uma situação em que o nosso objetivo como etnógrafos é diminuir a distância entre nós.

Diante da regra ‘não faça’, que incorpora não só as relações sexuais em si, mas diversas formas de envolvimento nas quais o desejo sexual está presente, o problema não se resolveria pelo imperativo do ‘faça’. Assim como apontou Braz (2010) o trabalho antropológico é viável independente da postura adotada pelo/a pesquisador/a. O fundamental é que o texto não deve silenciar o modo como o corpo do/a pesquisador/a é materializado em ‘campo’. Para, além disso, creio como Kulick (1995) e Braz (2010) que o desejo em campo pode trazer importantes reflexões para a pesquisa. Todavia, penso que em pesquisas nas quais a presença ‘em campo’ envolve em alguma medida o exercício do desejo e da corporalidade como elementos da própria análise é importante ir além de uma vaga noção do desejo em campo, presente no modo como o corpo do/a pesquisador/a é percebido, e deixar visível também os próprios desejos e o que as negativas e aceites significam para a própria pesquisa e a interpretação que ela constrói.

---

## Capítulo Dois...

### Na *Zonal Sul* ou na *Avenida Amazonas*? Sobre os Circuitos das Boates GLS de Belo Horizonte e sua Relação com os Gradientes Hierárquicos

*Don't Stop the Music*

[Carl Sturken, Evan Rogers, Rihanna]<sup>10</sup>

Está ficando tarde.

Eu estou indo para o meu lugar preferido.

(...) Eu só vim aqui para festejar, mas agora nós estamos agitando na pista de dança.

(...) Eu quero te levar embora.

Vamos escapar na música.

Dj, deixe tocar.

Por favor, não pare a música.

---

<sup>10</sup> Canção interpretada por Rihanna.

O objetivo deste capítulo é realizar uma apresentação inicial do circuito belo horizontal das boates GLS. Nessa apresentação buscarei situar como as casas noturnas freqüentadas emergiram na fala dos entrevistados e também ‘no campo’. Ao tocar nessa questão trago, também, como os diferentes frequentadores foram concebidos nessas falas. A exploração desses dois aspectos, a boate e o público, permite uma primeira visualização das valorações em torno da deseabilidade dos corpos. Além das falas acerca de cada uma das casas noturnas, eu descrevo, a partir das observações realizadas, os aspectos físicos e localização na cidade, bem como as características do público presente em cada uma das boates.

Retomo as contribuições da Antropologia Urbana por meio de Magnani (2007, 2008) acerca do lazer e das vigências sobre as sociabilidades nos espaços e momentos de entretenimento em contextos urbanos. Sob essas referências o lazer deixa de ser pensando exclusivamente em seu aspecto constitutivo na sociedade e passa a ser explorado nos termos de uma dinâmica na qual se exercem formas reguladas de entretenimento e encontro<sup>11</sup>. Dessa forma, tratarei neste capítulo de como as boates e as lógicas de freqüência nessas configuram-se em cenários, com atores específicos. Categorias como *Pedaço*, *Mancha*, *Trajeto* e *Circuito* surgirão na tentativa de captar que regularidades, e também irregularidades, estão presentes no uso das boates e nos comportamentos que lá se desenvolvem. Essa posição analítica advinda da Antropologia Urbana foi se mostrando uma valiosa alternativa à minha pesquisa, na

---

<sup>11</sup> Magnani (2008) realiza uma discussão acerca da legitimidade do estudo de questões ligadas as dinâmicas do lazer. Para o autor, em fins da década de 1970, temas como política ou trabalho eram justificativas recorrentes para se preterir a investigação sobre o entretenimento e lazer. Nessas objeções a principal concepção do lazer era de que esse seria irrelevante, haja vista que o tempo livre estaria condicionado ao trabalho. O lazer só teria algum tipo de explicação na sua oposição com o trabalho. A abordagem teórico-metodológica desenvolvida por Magnani (2002, 2007, 2008), da qual esta dissertação sofre diretas influências teóricas, propõe “situá-lo em outro contexto, não menos determinante, pois se tratava das condições reais e concretas de seu exercício, no espaço do bairro. A mudança era: da lógica do capital – para qual o significado do lazer já está dado, não sendo preciso nenhuma pesquisa para explicá-lo – para a lógica do ‘outro’, na outra ponta do processo. (...) estão vinculadas ao modo de vida e as tradições dessa população” (Magnani, 2008, p. 31).

medida em todas as minhas conversas com os frequentadores das boates, a idéia da ‘diversão’ se manifestava. Todos os meus entrevistados quando perguntados sobre os motivos pelos quais vão as boates, responderam que buscavam se divertir. Porém aqui é preciso sublinhar um aspecto específico no qual a contribuição das categorias antropológicas a serem utilizadas, coloca, de certo modo, em suspensão a sexualidade. As reflexões a serem realizadas neste capítulo, ao invés de se ocuparem dos jovens e homens *gays* e de suas corporalidades, retomando a algo comum desses sujeitos, coloca em primeiro plano a inserção dos frequentadores nas boates e de como elas estão localizadas no espaço urbano. Isso significa migrar a atenção de um denominador comum que seria reflexo de manifestações sociais diversas e privilegiar analiticamente, por meio da etnografia, a inserção e circulação urbana desses frequentadores. Nas palavras de Magnani (2007; p. 19) realizar um deslocamento nesse sentido implica em

articular dois elementos presentes nessa dinâmica: os comportamentos [recuperando os aspectos da mobilidade (...)] e os espaços, instituições e equipamentos urbanos, que ao contrário, apresentam um maior [e mais diferenciado] grau de permanência na paisagem (...).

Isso não significa que as discussões em torno das sexualidades sejam preteridas da reflexão nesse trabalho, mas que por um instante será ressaltado o caráter da inserção dos frequentadores no espaço das boates por meio de aspectos como lugar de origem e classe social. Buscarei nesse capítulo apenas deixar ‘a sexualidade’ na tentativa de não ocultar os aspectos do uso do espaço urbano que permeiam a sociabilidade nas boates. Considero não ser possível falar aqui de uma sociabilidade não sexualizada ou prescindida dos regimes de verdade sobre o sexo. Por meio da sexualidade como dispositivo de controle da vida a produção da subjetividade se dá mediante um escrutínio do sexual, assim como mostrou Foucault (1993, 2006). Desse modo não é possível excluí-la quando o assunto são as formas de exercício de corporalidades de

homens *gays*. Isso não deve implicar, por sua vez, um texto que afirma a sexualidade para reiterá-la, mas para explicitar seu caráter regulatório e seus efeitos. Os trajetos que serão enfatizados nas próximas páginas, a partir de classe e dos lugares de origem, são integrados aos gradientes hierárquicos das sociabilidades em consideração as regulações da sexualidade no campo do governamentalidade.

Pelo trabalho etnográfico, incluindo aí minhas conversas com frequentadores, notei que esses dois elementos funcionam como referências pelas quais, tanto o público, quanto as boates são enxergadas dentro de uma ‘escala’ valorativa, que por sua vez não se descola do modo como os corpos serão ou não desejados.

### **O que é uma boate GLS?**

Essa pergunta inclui pensar na própria denominação ‘boate’. Expressões como casas noturnas, boates parecem, ao mesmo tempo, ser expressões análogas e substitutivas de expressões como *discoteca* ou *danceteria*. Em minhas conversas com os entrevistados outra expressão também surgiu: a ‘balada’. Esta expressão, porém, visa designar não só o espaço físico, mas o aproveitamento e uso das boates. “*Vamos pra ‘balada’ hoje?* Ou “*Vai badalar’ hoje?*” Muitos dos convites que recebi para frequentar as boates eram feitos empregando o termo, ao invés do uso da palavra boate. Na literatura acessada por mim, (Henning, 2008; Calil, 2008; Oliveira, 2009; França 2010) os termos ‘casas noturnas’ ou ‘boates’ foram amplamente utilizados pelos/as pesquisadores/as numa referência a estabelecimentos de funcionamento noturno com pista de dança.

Durante todo o período anterior a entrada ‘em campo’ a escolha das boates a serem visitadas esteve sempre em questão. Boa parte do tempo por conta da estruturação do problema de pesquisa. Na época do exame de qualificação, por

exemplo, minha proposta foi a de frequentar duas boates específicas. Uma delas foi fechada, dando lugar à *Little Surprise*. O segundo locus seria a *Heavy House*. Essa proposta seria justificável a partir de possíveis diferenças relativas a classe social dos frequentadores dessas duas boates. A partir do interesse específico pelo corpo, essa escolha se desfez e optei por frequentar todas as boates denominadas GLS. Minha tarefa era identificar quais delas se intitulavam destinadas a gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. Os sites e reportagens na internet sobre as casas noturnas de Belo Horizonte me apontaram alguns nomes. Alguns como *Eros*<sup>12</sup>, deixaram de funcionar antes mesmo que eu entrasse em campo.

Adotando o critério de auto-nomeação ficaram de fora algumas casas que são consideradas ‘alternativas’, mesmo que recebessem o mesmo público das boates publicamente nomeadas *gay* ou GLS. Nesses lugares demonstrações de afeto entre dois homens ou duas mulheres podiam ser manifestadas sem repressão por parte da administração da casa, fazendo com que o público dessas casas se confundisse com o GLS, ou mesmo que fosse denominado como inteiramente GLS, independente da casa utilizar essa sigla ou não. Minhas entrevistas mostram algo interessante em relação a tentativa de definição ou circunscrição do perfil desses lugares: ao apresentar e explicar os objetivos da minha pesquisa eu não definia o que estava chamando de boate GLS e durante todas as conversas as boates denominadas ‘alternativas’ aparecerem como locais de alta frequência *gay*, em algumas vezes até indiferenciadas em relação as notadamente nomeadas.

Devo dizer que essa auto-nomeação não é unívoca. Entre as boates que frequentei somente duas delas utilizam a expressão GLS como forma de identificação em seus sites ou redes sociais, sendo preciso recorrer a reportagens midiáticas ou sites e

---

<sup>12</sup> Esse é a única boate que manteve com o nome original.

catálogos especializados para entender quais casas noturnas poderiam ser chamadas de *gays*. Expressões como *friendly* ou até menos objetivas como ‘espaço moderno’ foram utilizadas para fazer referencia ao público freqüentador. Vejo essa variedade nos modos de nomeação como estratégias mercadológicas como formas de garantir com que cada vez mais os sujeitos da categoria ‘S’ possam tornar-se clientes, garantindo a sobrevivência desse segmento de mercado voltado ao público GLS.

Outra questão presente em minha escolha pelos lugares citados foi a diferenciação entre bar e boate, que me pareceu ainda mais complicada. Alguns espaços recebiam o nome de bar, porém contavam com pista de dança, que em boa parte da noite estava mais cheia do que o espaço do bar. Henning (2008) também se deparou com a dificuldade dessa classificação, interrogando os sujeitos acerca das diferenciações e o principal fator relatado por esses foi o de que na boate as interações estavam centradas na dança. Assumindo essa caracterização, com suas limitações, o autor classificou boa parte dos espaços que freqüentou como boates. Assumo em partes tal diferenciação, mas creio que aqui seja necessário argumentar o meu interesse está focado nos espaços de dança, de funcionamento predominantemente noturno, denominados no senso comum como boates ou casas noturnas. Minha sugestão, com base no trabalho etnográfico realizado, é a de que nas boates há maiores possibilidades de desenvolvimento de exercícios de poder nos quais a corporalidade se constrói como aspecto central de análise. A disposição dos corpos em um bar e o aproveitamento do espaço, por exemplo, já seriam fariam parte de um cenário mais fixo de antemão. Ao chegar, geralmente em um espaço iluminado, o cliente procura-se uma mesa para se sentar. Nesse sentido a organização do espaço permitiria uma melhor ordenação e visualização topográficas. Nas pistas de dança das boates a mobilidade dos corpos, sob

uma luz reduzida, é variável. Sendo possível ‘burlar’ com maior facilidade a segurança em relação ao uso de drogas e realização de intercursos sexuais.

Ademais, a centralidade que a dança e música ocupam na construção e organização do aspecto físico do espaço são condições nas quais desenvolvem-se sociabilidades. A música eletrônica, presente em quase todos os espaços de pista ou bar dos locais pelos quais passei durante a pesquisa estão atrelados a circulação de discursos estéticos e ideológicos, nos quais os modos de dançar, vestir e utilizar gestuais são dotados de uma articulação a partir de um referente simbólico, não apartado das relações de poder (Abreu, 2007).

### **G, L e S: Quem aparece na ‘balada’?**

Ao freqüentar as boates notei que o público predominante é composto por homens. Essa percepção, é claro, se deu a partir das primeiras vezes que freqüentei as boates em Belo Horizonte. Sempre que eu chegava às boates via poucas mulheres. Essa quantidade tendia a aumentar pouco durante a noite, tornando as pistas de dança e demais espaços lotados de homens. Dentre as casas noturnas freqüentadas os cenários menos femininos eram a *Talk That Talk* e a *Teenage Dream*. Lá o número de mulheres era sempre muito pequeno. Bem menor do que nas demais casas citadas. Esse aspecto merece atenção, pois pode oferecer fecundas perguntas sobre a capacidade de inclusão do termo GLS e, mais importante, sobre a construção de espaços de sociabilidade definidos por lógicas comerciais. A ausência dos sujeitos ‘L’ nas baladas me pareceu tão naturalizada durante meu período em campo’, que muitas vezes a sigla e a idéia contida nela; que em si, já são problemáticas por excluir travestis; nem são utilizadas. Fala-se diretamente em boate *gay*, privilegiando a homossexualidade de homens.

Essa prioridade em relação aos homens no mercado das boates é resultado, segundo e Henning (2008), de um projeto político, que muitas vezes não é explicitado, orientador dos estabelecimentos de lazer na opção pela preferência ao cultivo de um público masculino. A programação e divulgação das festas já seriam em si projetadas para atrair em primeiro lugar o público masculino, ocasionando uma espécie de invisibilidade das lésbicas, expressa pela quantidade maciçamente superior de homens em relação a mulheres nessas boates. *Flyers* eram comuns para a divulgação das festas e em grande parte deles estavam homens musculosos como tentativa de agrado ao público masculino.



Figura 1: Flyers de divulgação de festas da *Talk That Talk* e *Ponto Central*<sup>13</sup>.

França (2006) chama atenção ao efeito do desenvolvimento da segmentação de mercado no esteio do GLS na cidade de São Paulo. Bares voltados para as lésbicas

<sup>13</sup> Utilizei editor de imagens para apagar os reais nomes das casas e de seus *DJs* residentes. Mantive o nome de Leandro Becker e da boate paulistana *The Week*, por serem referências nacionais na cena da 'balada' GLS brasileira e ao mesmo tempo não constituírem o circuito gay belo horizontino. Portanto, não tratados nessa dissertação.

atendendo aos seus diversos gostos foram criados. Em Belo Horizonte, cito dois exemplos de estabelecimentos, um deles fechado na época de minha entrada ‘no campo’, que foram criados com objetivo de atrair mulheres lésbicas. Segundo relatos de pessoas do meu convívio se tratam de espaços mais parecidos com bares e que ultimamente boa parte do seu público seria de homens *gays*, acarretando em uma descaracterização dos moldes iniciais. Tais dados permitem apontar como estabelecimentos semelhantes a boates, por mais que essas carreguem o nome GLS, parecem não ser capazes de visibilizar de modo mais intenso o segmento ‘L’.

No caso das travestis a situação é ainda mais séria, pois a idéia de GLS, que em sua origem apresenta independência das pautas e discussões políticas cunhadas em torno do movimento LGBT, não se refere ao corpo das travestis, sequer as toma a partir de alguma potencialidade mercadológica.

Em duas boates, a *Ponto Central* e a *Heavy House*, pude perceber uma maior presença de mulheres. Todavia, essa presença se dá sob condições específicas e ainda sim não me pareceram suficientes para tornar os lugares visivelmente femininos, em termos de presença de mulheres. Na festas de quinta-feira da *Heavy House* é possível ver quase sempre mulheres chegando juntas. Durante a noite esse grupo se fixa perto do palco ou dos cubos onde os *gogo boys* dançam. No momento em que alguns deles aparecem nus no palco, elas pareciam gritar mais alto do que os homens *gays* ali presentes. Não se tratariam nesse caso das frequentadoras necessariamente lésbicas, mas de amigas realizando despedidas de solteiro. Algo já corriqueiro. Essa é uma prática comum, inclusive incentivada pela casa, que inclui nas listas amigas, mulheres interessadas na realização de suas despedidas de solteiro. A *Ponto Central* é conhecida por ser uma boate de alta frequência lésbica. Todavia questiono aqui a expressão “lá da muita lésbica”, ouvida algumas vezes entre os entrevistados e pessoas do meu convívio.

Não pude deixar de notar que havia um número maior de mulheres em relação as demais boates, entretanto a maior parte do público era masculina. É interessante também notar que era no segundo piso da boate que muitas delas permaneciam, sendo notável a diferença de mulheres no primeiro e no segundo piso. Esse lugar foi retratado durante meu período em campo' envolto em certa aura pejorativa, por tocar músicas como *funk* e *axé* e também por ser espaço de apresentação ao vivo de músicas sertanejas. Esses dois exemplos da presença das mulheres em 'campo' são significativos por apontarem que a regulação presente nas boates vai além do modo como se dá a inserção do corpo masculino e se estende na ausência do corpo feminino ou de sua colocação possível em condições específicas.

### **Na *Savassi* ou no *Barro Preto*? O Circuito das Boates GLS de Belo Horizonte, seus cenários, pedaços e trajetos**

As casas noturnas pelas quais passei apresentam diferenças notáveis no que se referem a estrutura física. Enquanto algumas possuíam espaço amplo, outras não poderiam suportar confortavelmente mais do que quatrocentas pessoas. Notei também grandes diferenças em relação ao acabamento e decoração dos locais. Aspectos relativos a estrutura física e design ou ambientação das boates não ocuparam grande parte minhas preocupações, a não ser em minhas primeiras noites 'no campo'.

Todavia, me parece relevante explicitar que em uma dessas boates, a *No Tercipelo*, havia cadeiras e outros objetos amontoados no bar do segundo piso. Uma imagem próxima daquela que vemos quando vamos fazer uma mudança ou reforma e passamos a acumular entulhos em algum canto da casa. Durante meu período 'em campo' não ouvi nenhuma reclamação ou menção negativa a esse amontado de cadeiras. Eu mesmo me esqueci disso e os entulhos ficavam por vezes invisíveis para mim. O acabamento da casa tinha imperfeições notáveis e a decoração não sugeria que

o lugar fosse moderno ou futurista. Suponho que para os demais frequentadores também pudesse ser assim: uma paisagem já naturalizada.

Enquanto isso, em outra boate, na *Zona Sul* da cidade, a *Heavy House*, a imagem diante dos olhos era outra. *Design* moderno composto de bonitos *puffs*, espelhos e luzes, conferiam ao lugar um ar de sofisticação. A cabine do *Dj* possuía um painel digital que ficava direcionado para a pista. Durante as batidas musicais havia em esquema de movimentação de luzes desse painel. Ao longe era possível ver luzes vermelhas que piscavam e se moviam com base na velocidade da música.

Certamente creio que os aspectos físicos dessas duas boates diziam das valorações e imagens que se construía sobre as pessoas que ali freqüentavam. Os aspectos de estrutura física se aglutinam com a sociabilidade do local colocando as casas e seus frequentadores em níveis diferentes de exercício do desejo sexual e da corporalidade. Assim como muitos comportamentos pareciam ser algo do local, algo não questionável para os frequentadores, a estrutura física das boates também o era. Mas o que pretendo destacar é que a estética arquitetônica e de *design* dos casas noturnas, tomados como lugares sobre os quais os frequentadores não costumam especular, participam da rede de símbolos que se utilizam no exercício da sociabilidade.

A fim de esclarecer a composição do gradiente hierárquico, passo a uma breve descrição das casas, de sua localização na cidade e de como elas se compõem cenários com lógicas de funcionamento e mobilidade dentro do espaço urbano.

Compreender os espaços e, para além disso, suas lógicas de funcionamento urbanas exige uma olhar analítico que supere a descrição de ruas e de detalhes de decoração para a explicitação das formas de apropriação das boates e da circulação entre elas. Para esse fim me utilizarei das categorias como Peça, Trajeto, Circuito, Cenário e atores, que tem o objetivo de abarcar as regularidades no uso do espaço

urbano, bem como os comportamentos que ocorrem por conta dessa apropriação (Magnani, 2002, 2007).

A categoria do *Pedaço* permite compreender como um espaço torna-se ponto de referência para um grupo de pessoas, de modo que a frequência no espaço em questão torna capaz a criação de uma rede de relações. Tal categoria surge inicialmente a partir de um sistema oposicional que estabelece uma dinâmica cotidiana do ‘em casa’ versus um ‘fora de casa’. No primeiro tem-se uma sociabilidade voltada para os eventos que possuem como referência a família, ou ao menos aqueles significados como ritos fundamentais na vida das pessoas. No segundo termo, o ‘fora de casa’, podem ser descritas as relações que são desenvolvidas na vizinhança e fora da vizinhança. Aí estão os locais de encontros de lazer como lanchonetes, bares, igrejas ou terreiros de candomblé, campos de futebol, para citar alguns exemplos. São espaços que sofrem de regulações, haja vista que neles se dão formas de reconhecimento e controle dos conhecidos do bairro (Magnani, 2002, 2008). É nesse intervalo, no bairro, entre casa e rua que se desenvolve uma sociabilidade mais ampla do que aquela calcada nos laços familiares e ao mesmo tempo “mais densa, significativa e estável do que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade” (Magnani, 2007; p. 20), que são resultado de práticas coletivas.

O uso da idéia de *pedaço* para compreensão da sociabilidade no bairro não invalida seu uso em contextos urbanos mais amplos e caracterizados pela impessoalidade ou anonimato, como neste caso e boate e a chegada até ela. A diferença, segundo Magnani (2008) é que passamos a tratar, ao invés de uma sociabilidade típica do bairro com seus pedaços construídos cotidianamente por pessoas que minimamente se conhecem, lidamos com relações entre desconhecidos nas quais o caráter coletivo da construção do pedaço se dá especificamente pelo reconhecimento e exercício de

símbolos, valores, gostos e hábitos semelhantes. Os *pedaços* passam a funcionar como espaços para o exercício de códigos comuns e de marcação de diferenças. Sendo assim, defendo que na frequência as boates o que ocorre não é somente a diversão; como veremos no próximo capítulo, obtida por meio da dança, uso de drogas e encontro com os amigos; mas a construção de uma sociabilidade nas quais exercícios de poder realizados nesse pedaço são também exercícios sobre o próprio corpo e a subjetividade dos frequentadores. Creio ser essa uma das principais contribuições da categoria *pedaço*, pois permite visualizar não só o aspecto regulatório das relações de poder, mas a produção de práticas sociais em torno de um exercício das relações de poder em questão. Aqui emerge uma nuance fundamental da categoria. Mais importante do que estar no *pedaço*, é ser do *pedaço*. Esse matiz se refere aos mecanismos diferenciadores, separadores e classificadores presentes na construção da sociabilidade no pedaço (Magnani, 2002). Sob esse olhar há habilitações que tornam alguém ‘do pedaço’. No caso dessa pesquisa, tomo essas habilitações como os próprios elementos do que nomeio como sociabilidade; as práticas, códigos e discursos dos frequentadores naquele/sobre as boates e as corporalidades ali presentes.

A segunda categoria é a *Mancha*, que se difere do pedaço por ser mais estável na paisagem e permitir um número maior de “procedências” (Magnani, 2002; p. 23). Isso significa um maior acolhimento aos diferentes tipos de usuários. É o efeito das relações entre os pedaços e da afluência de seus frequentadores num espaço contíguo. Ao falar de *manchas*, devem ser identificados os estabelecimentos e equipamentos de lazer que estão espacialmente agrupados. É a partir dessa categoria que Simões e França (2005) propõem repensar o gueto homossexual na cidade de São Paulo, por exemplo. Creio que independente de uma nova proposição sobre o gueto e suas funções, *os pedaços* e possíveis *manchas* são importantes na ótica do lazer por serem lócus de construções

sobre os corpos e de exercício do desejo, sendo, nesse sentido, inseparáveis das relações de poder.

Uma terceira categoria da Antropologia Urbana é a de *Trajetos*. No espaço da cidade, as pessoas transitam de um *pedaço* ao outro, ou mesmo no interior de uma *mancha*. Essa passagem referida ao exercício da sociabilidade nos *pedaços* e *manchas* é o trajeto. Por estarem referidas as passagens pelos códigos de reconhecimento e diferenciação, os *trajetos* tratam-se de fluxos recorrentes no espaço urbano (Magnani, 2002, 2008). A partir de uma inicial descrição das boates que freqüentei procurarei mostrar como os trajetos entre os *pedaços* estão marcados por regulações relativas a lugar de origem. Homens *gays* pobres e advindos das regiões mais periféricas têm seus *trajetos* delineados a partir do lugar onde moram e de sua suposta classe socioeconômica. Esses aspectos se reverberam nas diferentes boates à medida que nelas de vêem tipos diferentes de corporalidades e apropriação dos espaços.

As boates que freqüentei estão localizadas em três diferentes bairros de Belo Horizonte, porém é possível estabelecer duas rotas ou circuitos principais para visualizar a localização dessas casas noturnas. O primeiro circuito é o da Zona sul e o segundo da Avenida Amazonas. A partir das entrevistas com alguns frequentadores aponto que algumas boates não concebidas como GLS acabam se confundindo as nomeadamente *gays*. Mesmo não as tendo como lócus de observação, apontarei como elas estão localizadas nesses dois circuitos, de modo a possibilitar uma esparsa visualização dos trajetos entre as boates. No circuito da Zona sul estão a *Talk That Talk* e a *Heavy House*. Já o circuito da Avenida Amazonas é composto pelas seguintes casas: *No Terciopelo*, *Little Surprise*, *Ponto Central* e *Teenage Dream*. A idéia de circuito aqui utilizada se ampara na perspectiva antropológica já citada. Se refere a aproximação, não pela contigüidade como nas *manchas*, de determinados

estabelecimentos que pode ser reconhecida pelos usuários. Nesse aspecto a idéia de um circuito *gay*, seria o suficiente para apontar para as boates como não necessariamente próximas ou relacionadas entre si, mas componentes de uma totalidade, que seriam os diversos *pedaços* possíveis. Preferi, desse modo, criar analiticamente esses dois circuitos com base em sua localização espacial.

A *Zona Sul*, como é popularmente conhecida se refere a um conjunto de bairros, em sua maioria, de classe media alta de Belo Horizonte. De acordo com a divisão de regionais do município, a *zona sul* faz parte da região administrativa Centro-Sul, que é formada por 42 bairros. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é o mais alto da cidade. O circuito das boates GLS da zona sul se desenvolve entre a tradicional região da Savassi<sup>14</sup>, conhecida por sua vida noturna, e o bairro Santo Antônio.

A *Talk That Talk* fica localizada no Bairro *Santo Antônio*, bairro de classe média alta. Esse bairro possui uma tendência residencial, porém conta com estabelecimentos comerciais como “boutiques de gife, mercearias, farmácias, lavanderias, sacolões, padarias e serviços de primeira necessidade” (PBH, 2012). A vida noturna no bairro está circunscrita às ruas Leopoldina, Congonhas e Santo Antônio do monte. Vizinhos à *Talk That Talk*, estão bares de alta frequência noturna.

Sempre que chegava a porta dessa boate eu via uma rua movimentada de pessoas, entre elas, freqüentadoras dos diversos estabelecimentos vizinhos e vendedores ambulantes de chicletes ou balas. Nas vezes em que utilizei o serviço de táxi para chegar ao endereço, fui consultado pelos taxistas se eu poderia ser deixado a alguns

---

<sup>14</sup> Não há clareza quando ao status da Savassi como bairro ou região. Se derivou a partir da instalação de uma padaria que levava o sobrenome de seu dono na atual Praça Diogo Vasconcelos. Na década de 1950 a padaria Savassi começou a servir de ponto de referência para a praça. Os moradores passaram a chamar a praça em questão de Praça da Savassi. Uma turma de amigos que se reunia na frente da padaria logo foi designada como turma da Savassi. Com um uso difundido no nome Savassi para nomear a região, tempos depois as localidades da praça e algumas ruas no entorno da praça vieram a ser oficialmente a região ou bairro da Savassi. Tramita na câmara municipal de Belo Horizonte um projeto de lei que visa instituir a Savassi como região.

metros da casa, pois o tráfego na Rua Congonhas, entre as ruas Leopoldina e Santo Antônio do Monte, quarteirão onde fica localizada a boate, estava muito lento. Um de meus alvitreiros do local é composto pela movimentada cena, na qual muitas pessoas se aglomeravam em filas, não só da *Talk That Talk*, enquanto outras atravessavam, sem pressa, a rua. Afinal, da calçada, via-se o trânsito quase parado. Ao avistar o ‘badalado’ quarteirão, ao longe, certa agitação podia ser prevista: as luzes dos faróis dos carros, das fachadas das boates e bares e dos postes combinavam-se ao burburinho da conversa das pessoas misturado às buzinas dos carros.

Em termos de estrutura física, essa boate é resultado da transformação de uma ampla casa. Possui uma fachada branca, com grandes janelas e é coberta por telhas de barro francesas. Na parede da frente há um discreto letreiro *backlight*<sup>15</sup> afixado. No seu interior a *Talk That Talk* possui dois ambientes. Em um deles funciona uma espécie de bar, com espaços onde as pessoas podem se sentar e conversar com menor esforço, pois a música não permanece tão alta, ao contrário da pista de dança, que possui um formato da letra L. Durante todas as noites os monitores de TV, de tela plana, colocados em uma das paredes da pista exibiam videoclipes das músicas tocadas pelos *Djs* ou imagens de pessoas numa festa com a logo da boate sobre as imagens. *Rafa* e *Napoleão* citaram como uma das principais características da casa, as situações nas quais poderiam se desenvolver conversas mais delongadas. As observações desses dois entrevistados me chamaram atenção para o investimento da casa na decoração do espaço *lounge*<sup>16</sup>. Enquanto na pista, paredes e cortinas escuras, chamavam atenção apenas para a iluminação e os monitores de TV, a área na qual as pessoas podiam se sentar possuía

---

<sup>15</sup> Esse tipo de letreiro é composto de uma arte em lona revestindo uma estrutura de metal. No interior da estrutura revestida ficam luzes que ao ascenderem dão visibilidade ao que está impresso.

<sup>16</sup> O espaço *lounge* pode-se caracterizar por um bar, restaurante ou até mesmo lanchonete com música ambiente. No caso das boates, o *lounge* costuma ser utilizado para referir-se a uma área na qual a principal atração não é a pista de dança sendo operada pelo *Dj*, mas uma disposição do espaço composta de um bar e de espaços para conversas.

uma ambientação que, além das luzes e da exibição de videoclipes, contava com pequenos detalhes, dentre eles, o teto com trechos de poemas e os *pufs* iluminados por energia elétrica. A diferença da decoração nesses dois espaços, com detalhe para os destaques na parte *lounge*, sugere uma característica de aproveitamento dessa boate, enfatizando um espaço onde é possível, e talvez desejável, que se desenvolva alguma conversa delongada.

Funciona nos dias de sexta-feira e sábado. Enquanto estava em ‘campo’ a boate abriu algumas vezes nas quintas-feiras, na tentativa de angariar público, o que me pareceu não ter tido sucesso, pois no site, a programação divulgada já não inclui, durante o período dessa escrita, as noites de quinta-feira.

Na região da Savassi, a aproximadamente a um quilometro da *Talk That Talk*, está a *Heavy House*. Esse bairro/região conta com um comércio e estabelecimentos de lazer destinado predominantemente às classes médias e classes médias altas da cidade. É uma das boates GLS mais antigas da cidade, com 10 anos de existência, localizada nas proximidades da *Praça da Savassi*. Com capacidade para aproximadamente 950 pessoas em seus dois andares, a casa possui decoração e sistema de iluminação ‘modernas’ e ‘futuristas’<sup>17</sup>. No primeiro piso, ao longo de toda a pista de dança, as paredes e o teto possuem uma instalação que lembra o interior de uma colméia de abelhas onde a extremidade de cada favo está coberta por um filamento de luz, que é acionado em combinação com o ritmo da música tocada pelo *Dj*. Funciona como boate GLS nas noites de quinta-feira e sábado. Em dias como sexta-feira e domingo abre as portas com outro nome e não é dedicada do público GLS.

Nas quintas-feiras, intituladas como *Quinta-mix*, a programação aparece menos associada à sofisticação, uns dos traços pelos quais a casa é conhecida.

---

<sup>17</sup> Expressões utilizadas pela própria casa.

Ao se referir as possíveis diferenças entre as noites de quinta e sábado, Napoleão me disse que nas quintas o clima é “muito suburbano”. (...) “Um sábado não é igual uma quinta-feira” (Diário de Campo, Conversa com Napoleão, Janeiro de 2012).

Esse aspecto foi algo recorrente nas falas de outros frequentadores com quem conversei. A programação das quintas feiras, geralmente inclui shows de *drag queens* e *gogo boys*, que realizam um *strip-tease* e retornam ao palco nus e de pênis ereto. Essas atrações são executadas pela casa a partir de uma pausa da discotecagem, por volta de 01h30min, quando a *hostess* da noite conversa com público e apresenta algum/a convidado/a. Outro aspecto da programação das quintas-feiras é o funcionamento do *dark room*. O valor entrada, sem pacote de consumação, custa R\$ 15 até as 00h e R\$ 20 após esse horário, quando as pessoas começam realmente a chegar. Aos sábados o valor de entrada chega a ser triplicado<sup>18</sup>. As festas desse dia geralmente possuem nomes em inglês ou espanhol e contam com *DJs* convidados, muitos deles vindos de fora do Brasil. Aos sábados notei que o *dark room* não funcionava. Além disso, a programação do *Dj* não era interrompida para apresentação de shows. Os *gogo boys* não apareciam nus, mas dançavam com sungas ou pequenos *shorts* durante boa parte da noite, por vezes no palco e outras vezes sobre os pequenos cubos colocados no centro da pista. Em minha conversa com Henrique e seu amigo me foi feita uma pergunta que explicita claramente as diferenças entre as quintas e sábados:

(...) o amigo de Henrique me fez uma pergunta extremamente interessante e sob a qual eu já vinha pensando desde que notei aquilo que ele me interrogaria. “Me explica por que é só lá que tem *dark room*? Por que é nas *finas* que tem algo que a gente julga lixo, vulgar? Na *Ponto Central* não tem! (Diário de Campo, Conversa com Henrique e seu amigo, Dezembro de 2011).

---

<sup>18</sup> Depois que saí ‘do campo’, a *Heavy House* passou a oferecer diversas possibilidades de pacotes de entrada. Além dos diferentes benefícios de ter os nomes na lista, que muitas vezes seguem os critérios dos *hostess*, pode-se, nos sábados até 01h pagar valores próximos aos das quintas-feiras. Todavia é importante dizer que nesse horário a movimentação de frequentadores ainda é fraca. Fazendo com que a grande maioria do público presente nessas festas pague os R\$ 45 ou R\$ 80 revertidos em consumo, caso não esteja com seus nomes nas chamadas *listas amigas*.

Pude notar duas formas pelas quais as noites da *Heavy House* se diferenciam. Um desses níveis me foi perceptível pelo olhar. ‘Em campo’ bastava observar um pouco e já era possível notar diferentes características entre os frequentadores desses dias. Na *Quinta-mix* a presença de homens negros, mais velhos, de corpos não sarados e que não utilizavam roupas de grifes era maior. Não eram a maioria do público, mas podiam ser notados. Nos sábados esse cenário se alterava, fazendo com que essas características quase desaparecessem. Minha pergunta diante da programação de quinta-feira e do público que a ‘contempla’ era: A programação é responsável por atrair um público mais ‘heterogêneo’? Que circulação de práticas e símbolos a quinta-feira opera em diferenciação aos sábados e o que essas diferenças podem dizer sobre a sociabilidades nas boates?

Um segundo aspecto pelo qual a *Heavy House* é sinônimo de diferenças se deu pela fala dos entrevistados. A diferença, além de ser notada em termos das marcações de raça e classe, passou a ser diretamente valorada. Expressões como ‘suburbano’, ‘de periferia’ para nomear os rostos diferentes em relação aos conhecidos descamisados dos sábados, assumiam, nas falas, um caráter valorativo. A *Heavy* de quinta e a *Heavy* de sábado podem ser pensadas como apresentando dois cenários distintos de sociabilidade. Nesse sentido, em cada um desses dias há formas peculiares nas quais se dá a inteligibilidade do corpo, como será desenvolvido no terceiro capítulo.

Apondo também que essa diferenciação está presente nas descrições das próprias casas, ressaltando diferenciais de outras boates GLS da cidade. Todavia, essa descrição está associada a sofisticação que deve ser oferecida ao público, como pode ser visto nos trechos abaixo, retirados dos sites da *Talk That Talk* e da *Heavy House*, respectivamente:

(...) destaca-se no cenário noturno o *Talk That Talk Lounge Club*, localizado no bairro Santo Antônio. *Talk That Talk*, como é mais conhecido pelos seus freqüentadores, é uma excelente opção para quem pretende curtir uma noite de qualidade. Indicada pelas conceituadas revistas *Veja*, *Vougue*, *G Magazine* e *Dom* como o melhor club alternativo/ *friendly* de Belo Horizonte, a casa conta com um delicioso espaço *lounge*, área externa e uma pista de dança digna dos melhores clubes mundiais. Inaugurado em 2003, a boate criou um novo conceito de diversão em Belo Horizonte. É ideal para quem quer reunir os amigos, tomar um *drink* e escutar boa música! Frequentado pelo público A e B, a casa se destaca pelo atendimento, apresenta os melhores *DJs* da cena nacional e reúne muita gente bonita (Página da *Talk That Talk* na internet).

Transformado em um local futurista em toda a sua identidade, o Club prima pela criação da sensação de um “novo mundo” para surpreender e seduzir (Página da *Heavy House* na internet).

Essas descrições já desempenham uma tentativa de associar as duas casas da *Zona Sul* da cidade à idéia de que se tratam locais luxuosos ou de altos padrões de qualidade. O trecho referente à *Talk That Talk* faz, inclusive, menção ao tipo de público adequado para freqüentar essa casa. As categorias A e B indicam supostamente aspectos socioeconômicos dos freqüentadores. Ou seja, já na própria apresentação, a boate se pronuncia como alvo de pessoas das classes médias altas. Ao julgar pelo valor da entrada, que nunca passou dos R\$ 25,00<sup>19</sup> e até por minha própria entrada na boate eu me arrisco a dizer que os públicos A e B são valorizados não como público em si, mas como ideal de freqüentadores. Minha leitura é de que nessas duas casas da *Zona Sul* há um exercício da sociabilidade que se dá pela colocação pública, na pista de dança, de uma corporalidade que seja marcada por aspectos que aproximem esses freqüentadores dos ideais do que deve ser uma pessoa das classes A ou B. Elementos da sociabilidade como a produção e apresentação corporal são umas das formas de se aproximar o corpo a determinados símbolos. Desse modo, *ser do pedaço* nessas duas

---

<sup>19</sup> Meu nome estava na lista amiga quase todas as vezes que fui a *Talk That Talk*, o que gerava descontos ou parte do valor da entrada revertido em consumação.

casas está associado a uma aparência, via corporalidade, de riqueza ou, pelo menos, de não ser ou não parecer ser pobre.

Mas não foi somente no discurso presente na propaganda da boate que uma espécie de estratificação ficou explícita. Ao me falar das boates que mais frequenta, *Rafa* as ordenou qualitativamente. Para ele existem boates A, B e C, sendo que A possui relação de superioridade em relação a B sobre C. De acordo com *Rafa*, essas camadas não corresponderiam necessariamente as classes sociais. Segundo ele o ‘de outra classe’ estaria se referindo ao fato de que seriam tipos de pessoas diferentes em relação aos frequentadores habituais do sábado da *Heavy House*. Para ele existem as boates tipo A, na qual os frequentadores vão por conta de uma exibição do corpo, da dança e do uso de drogas, como a *bala*. Em oposição teríamos as boates onde os principais objetivos eram a *pegação*, de classe C ou de periferia. A principal função da ida a boates como essas seria a procura de parceiros sexuais. Indaguei como ele nomearia as boates de Belo Horizonte. Respondeu-me que a *Heavy House* é uma boate A, enquanto que a *Ponto Central* seria uma boate C.

No circuito da Avenida Amazonas eu frequentei quatro boates. Duas delas estão tão próximas que é possível seguir de uma a outra caminhando em aproximadamente cinco minutos, ou menos. Denominei aqui o circuito com o nome da avenida em questão, pois a partir da Amazonas; umas das vias mais importantes e movimentadas da cidade, que liga o centro às extremidades da *Zona Oeste*; é possível chegar às seguintes boates: *No Terciopelo*, *Little Surprise*, *Ponto Central* e *Teenage Dream*. Essa avenida tem a paisagem bastante diferente das avenidas da Savassi e das ruas do Santo Antônio.

O comércio ali não está marcado, por exemplo, pelas lojas de grifes sob o teto dos shoppings da *Multiplan*<sup>20</sup>.

A *No Terciopelo* possuía dois ambientes. No segundo andar da casa funcionava a pista de dança. A pista era cercada por um bar e pelo palco. Aos lados há espaços com mesas ou grandes degraus feitos de madeira, onde muitas pessoas sentam ou recostam seu corpo durante a noite. No primeiro piso funcionava uma espécie de bar ou *longe*<sup>21</sup>. Em alguns dias da semana, enquanto a pista não lotava, alguns funcionários da casa faziam às vezes de garçom, trazendo bebidas nas mesas quando eram solicitados. A boate contava com uma área de fumantes, também no primeiro andar, ao lado do bar. Esse pequeno espaço para possui uma TV e algumas mesas e outros espaços para que as pessoas pudessem se sentar. Durante boa parte da ‘balada’ essa área permaneceu cheia de pessoas, pois como há bancos, cadeiras e mesas, as pessoas pareciam ter a tendência de aproveitar o lugar não só para o fumo, fazendo de lá uma área como a do bar ao lado. Pude notar que alguns frequentadores, mesmo não fumando, permaneciam algum tempo bebendo ou conversando na área de fumantes. Em algumas quartas-feiras cheguei a presenciar a área de fumantes lotada. Todos pareciam interessados nos jogos de futebol que estavam sendo exibidos.

É uma das casas GLS mais antigas da cidade, criada em 1999. Atualmente está localizada no centro da cidade, às voltas da *Praça Raul Soares*. Sua programação inclui festas em quatro dos sete dias da semana: de terça-feira á sábado. A programação da *No*

---

<sup>20</sup>A maior rede de shoppings do Brasil. Fazem parte 14 construções em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Brasília e Campo Grande. São conhecidos como shoppings ‘dos ricos’. Segundo a descrição no site, as construções da *Multipam* são pensadas para receber em sua maioria os público das “classes A e B”. Em Belo Horizonte essas unidades são: *BH Shopping*; *Diamond Mall*; e *Pátio Savassi*. Todos localizados em áreas ‘nobres’ da cidade.

<sup>21</sup>Durante ‘o campo’ ou as entrevistas o termo *lounge* não apareceu nenhuma vez, por parte dos frequentadores, para denominar o espaço do primeiro andar da *No Terciopelo*. Passei a me interrogar sobre isso, haja vista que possui aparentemente a mesma função da área de bar da *Talk That Talk*. Certamente os diferentes status que essas boates assumem no circuito *gay* da cidade se relacionam com os termos utilizados para denominar esses espaços nessas duas casas.

*Terciopelo* se mostrou bastante variada. Em cada um das noites havia um destaque. Geralmente as terças ocorriam apresentações de *drag queens*. Durante as quartas ocorria um concurso de talentos intitulado “Quem sabe canta, quem não sabe dança”, nos quais diversos candidatos se apresentavam e eram julgados pelo público. Às quintas, as principais atrações eram os *gogo boys* que dançavam ora no palco, ora em dois cubos improvisados na pista. Às sextas feiras, a casa recebia a *hostess* da boate *Heavy House*, que trazia dois *gogo boys* dessa boate. No palco ocorriam shows e a interação entre a *hostess* da *Heavy House* e convidados/as, quase sempre num tom cômico, eram o centro da programação. Aos sábados dois cantores, um homem e uma mulher, apresentavam covers de músicas nacionais de internacionais de variados estilos musicais, entre eles a comum música pop norte-americana das pistas, o axé e o sertanejo. Nas noites de sábado a *No Terciopelo* sempre estava lotava, tanto nos espaços do bar, quanto da pista.

Em algumas das entrevistas que realizei, a região onde está localizada a *No Terciopelo* aparece como um local da cidade onde não é ‘bom’ ser visto à noite. Isso porque as pessoas que freqüentariam a praça seriam predominantemente de periferia e reuniriam características desvalorizadas entre os frequentadores das boates da *Zona Sul* da cidade. A paisagem é composta de prédios antigos e muitas vezes mal conservados. Botecos ‘copo sujo’<sup>22</sup> são muito comuns nas redondezas da praça e na Avenida Amazonas. Esses seriam bares freqüentados em sua maioria por pessoas ‘feias’ e pobres. Não possuiriam qualquer referência de ambientação ou decoração, sendo nomeados por entrevistados e pessoas do meu convívio como lugares feios. A boate está localizada no Barro Preto, na divisa com o centro da cidade, área de grande circulação de trabalhadores, sem a ‘sofisticação’ das ruas da Savassi.

---

<sup>22</sup> ‘copo sujo’ surge como forma de nomeação de estabelecimentos com bebidas vendidas a baixo preço, sem decação moderna e com alto fluxo de pessoas pobres e consideradas feias. .

Também localizada no Barro Preto está a *Ponto Central*. Porém a cerca de 1,5 km da *No Terciopelo*. O bairro, de classe média, tem característica predominantemente comercial, sendo que a região onde fica a *Ponto Central* é conhecida pela prática da pegação<sup>23</sup> noturna entre homens, incluindo a prostituição masculina. A boate é ampla, sendo talvez a maior em espaço físico dentre as boates frequentadas. Possui dois andares, que são diferenciados, principalmente pelo tipo de música que tocam. Enquanto no primeiro piso se ouve *pop* internacional ou *house music* remixados, no segundo piso o destaque fica com músicas nacionais de axé, *funk*, pagode e sertanejo. A programação de discotecagem é interrompida nos dois ambientes pela *hostess*, uma *drag queen* conhecida nesse cenário; dona, de um programa de rádio com alcance em toda região metropolitana. A *Hostess* sobe ao palco do primeiro andar e apresenta os shows de *drags* e interage com o público de modo cômico, por meio de piadas, histórias e brincadeiras envolvendo situações vividas por ela. Nesse momento eu sempre via toda a boate atenta às falas da *hostess*, que muitas vezes incluem valorações hierárquicas em relação aos locais de origem dos frequentadores. Abaixo trago dois trechos do diário de campo nas quais as falas da *hostess* ganham tom humorístico, seja nela mesma ou pelos frequentadores.

(...) ela perguntou ao garoto o bairro onde ele morava. Ele respondeu Carlos Prates. Em seguida disse: “e aí gente, é bom? Carlos Prates é bom? Podia se ouvir muitos gritando não ou fazendo sinal negativo com os braços levantados. Ela estranhou a resposta e disse em seguida: “Por quê, gente? Não, lá é mais ou menos”. Rindo disse que não era um bairro tão ruim. Para o segundo convidado ela fez a mesma pergunta. A resposta foi “Camargos”. Imediatamente ouvi risos e um comentário de uma rapaz que estava próximo a mim “Isso aí já é

---

<sup>23</sup> O trabalho de Alexandre Teixeira (2009) ao tratar dos territórios de ‘pegação’ de Belo Horizonte localiza um conjunto de ruas nas quais a prática da pegação e da prostituição masculina ocorre. Esse conjunto é denominado como ‘Circuito do Barro Preto’. O ‘novo autorama’, como são chamadas as ruas próximas ao Fórum *Lafayette*, está bem próximo da *Ponto Central*.

Contagem”. Diante da espontânea reação do público (a *hostess*)<sup>24</sup> perguntou em quem o rapaz morava. O mesmo disse que morava sozinho em um apartamento e por conseqüência foi indagado se esse era alugado ou próprio. Ao responder “próprio”, a *hostess* se virou para o público dizendo: “Suas bichas invejosas, pelo menos ele mora sozinho e o apartamento é dele” (Diário de Campo, Agosto de 2011, *Ponto Central*)

Depois de muito elogiar uma garota que estava na platéia (a *hostess*) a convenceu a subir no palco. Escolheu um também um garoto. De praxe: duas pessoas estavam no palco e ela provavelmente os perguntaria sobre os bairros onde moravam, aproveitando essa situação para criar alguma piada ou fala que arrancasse risadas da platéia. Começou com o menino. Ao perguntá-lo, a resposta foi “Lourdes”. (A *hostess*) voltou seu corpo para o público e disse “Olha gente ele aprendeu a mentir direitinho!”. (...) para o rapaz disse “você não tem cara de Lourdes não, viu?”. (...) a garota disse que morava no Prado. A *hostess*, então, olhou com uma expressão que pareceu simbolizar que estava impressionada e disse “Olha viado, ela mora no Prado”. (...) Comentou que a roupa da garota parecia ter sido comprada na *Feira Shop*<sup>25</sup>. A garota retrucou: “Você está louca? É da Chicletes com Guaraná!” e, rindo, a *hostess* disse: “tá meu bem?” (Diário de Campo, Agosto de 2011, *Ponto Central*)

Esses dois trechos são importantes, pois já permitem compreender, inicialmente, como moradores de bairros de periferia e que não tem acesso a símbolos associados normalmente as pessoas de classe média ou média alta, como o uso de roupas de certas marca, são posicionados no interior do gradiente hierárquico. O modo cômico ou humorístico com o qual o lugar de origem e a localização de seus corpos a partir da produção corporal foram explorados, não só pela *hostess*, mas nas risadas e respostas do público apontam para valorações nas quais pertencer as áreas nobres da cidade, e por conseqüência ser visto como rico ou de classe média alta, se atrelou ao modo como as pessoas estavam vestidas. Minha pergunta passa a ser a seguinte: o que significa, em termos das regulações sobre o corpo nas boates, ser questionado quando se diz morar num bairro nobre, mas parecer estar mentindo e ser elogiada por ser rica, ou algo do gênero, e ter uma apresentação corporal que supostamente demonstra isso? Estaria

---

<sup>24</sup>Esse uso do termo *hostess* entre parênteses surge aqui na dissertação para substituir o nome utilizado pela mesma em suas apresentações.

<sup>25</sup>*Feira Shop* é uma espécie de shopping com várias lojas de vestuário e acessórios de preços populares.

tratando de uma sociabilidade na qual a corporalidade e seu status em relação ao desejo passa a depender da visibilidade das possibilidades econômicas transcritas, de algum modo, no corpo?

Outro aspecto que me chama atenção nessas falas é sua comparação com discursos de frequentadores que comumente só vão as boates da zona sul. *Rodrigo*, por exemplo, me disse não frequentar a *Ponto Central* por conta dos comentários que ouvia sobre seus frequentadores. Seriam pessoas feias e de pobres. Além de *Rodrigo*; *Rafa*, *Napoleão* e o amigo de *Henrique* localizaram essa boate como lugar frequentados por pessoas vindas da periferia da cidade. Todavia isso não impediu que na própria *Ponto Central* circulasse um discurso pejorativo sobre *gays* pobres e sua produção e apresentação corporal. Aqui lembro que essas falas e risadas são atos que funcionam como códigos reguladores da inserção do corpo nas boates e do modo como se exercitava o desejo.

A *Little Surprise* está localizada na Avenida Amazonas nos limites entre o Barro Preto e o Santo Agostinho. Em sua página internet, o endereço faz referência ao bairro Santo Agostinho, o que pode ser entendido como uma tática para atrair uma determinada clientela, haja vista que esse é considerado um bairro nobre, marcado por um grande número de prédios de alto padrão construídos nos últimos 10 anos. Estar situado num bairro considerado nobre significa a possibilidade de receber frequentadores ‘natos’ na zona sul da cidade, ou seja, advindos das famílias ricas e de classe média alta. Além disso, boates como a *No Terciopelo* e a *Ponto Central*, localizadas no Barro Preto são consideradas de periferia, na qual a frequência expressiva seria de pessoas pobres e, nesse sentido, estar localizada num bairro que não possui o mesmo status que a região da Savassi e os bairros, entre eles o Santo Antônio, do seu entorno já lhe configuraria um lugar menos valorizado no gradiente hierárquico

das boates. Durante meu período ‘em campo’ eu pouco fui a *Little Surprise*. No mesmo local funcionou outra boate GLS, que aglutinava um público advindo das classes populares e tinha como uma das principais noites o domingo. Lembro-me de ir a essa boate e encontrá-la fechada. Levei um susto, pois dias antes quando havia começado a freqüentar as boates com interesse etnográfico, aquela casa ainda estava funcionando. Ao mesmo tempo me senti um pouco triste, pois para mim era uma boa alternativa às opções da Savassi, onde quase sempre eu saía com meus amigos durante o meu primeiro ano de residência em Belo Horizonte. Dias depois fiquei sabendo que ali funcionaria uma nova boate, que só pude conhecer por volta de um mês antes de encerrar minhas saídas noturnas com finalidade etnográfica. Desse modo poucas vezes farei menção a *Little Surprise* nessa dissertação. A boate ganhou novo letreiro e uma nova decoração interna, tornando-a mais requintada que sua antecessora. Na minha primeira vez na *Little Surprise* havia uma apreensão por parte dos funcionários da casa em relação a quantidade de pessoas presentes. Ao entrar e fazer o cadastro, notei que as duas funcionárias do caixa conversavam sobre o pequeno número de pessoas presentes ali. Ingressando na pista eu pude a ver a boate praticamente vazia. Não havia mais do que 10 pessoas ali dentro. Na esperança de que ainda fosse cedo e de que a noite ainda pudesse ‘bombar’, por mais que o relógio já marcasse quase uma hora da manhã, eu continuei ali por mais quarenta minutos, decidindo ir depois para a *No Terciopelo*, que fica localizada a aproximadamente 300 metros dali.

Outra boate, que nomeio aqui como *Teenage Dream*, também possui referência inexata ao bairro. Ao conferir o endereço no site, lê-se Santo Agostinho. No entanto ouvi de alguns frequentadores e amigos que o correto seria considerar aquela boate como sendo localizada no Barro Preto. Vejo aí uma suposta tática adotada, semelhante a da *Little Surprise*, no sentido também de aproximar a casa de boates da Zona sul, como

a *Heavy House* e a *Talk That Talk*. A *Teenage Dream*, de qualquer modo, reúne alguns aspectos que possibilitam uma melhor aproximação estabelecimentos da zona sul, já que está localizada numa parte mais valorizada do Barro Preto e possui uma decoração sofisticada, com destaque para a área de fumantes no segundo andar, que se transforma numa segunda pista de dança. O ambiente possui o chão coberto por um piso de madeira e uma pequena piscina. Do seu solo se projeta uma estrutura de metal criando um espaço acima do nível da água, onde o *Dj* fica posicionado. O preço de entrada se revelou um dos mais caros entre as boates que freqüentei. Ao freqüentar a *Teenage Dream* eu dei preferência às sextas-feiras, pois era conhecida como a noite *gay* dessa boate. Próximo do fim de meu período de campo, informaram-me que as noites de sábado também estavam sendo dedicadas a esse público. Por motivos de sua localização essa boate foi colocada aqui como pertencente ao circuito do Avenida Amazonas, mas se assemelha as boates da zona sul, tanto no que se refere a estrutura física, quanto nas características do público: garotos brancos, de cabelos predominantemente lisos, ou alisados.

Creio que é importante condicionar a compreensão das sociabilidades ao cenário apresentado em cada uma das boates. Não é possível falar da sociabilidade pelo corpo sem entender como essa é exercida em cada uma das casas noturnas em questão. Isso implica, por sua vez, um esforço na descrição dos diversos aspectos associados a cada uma das boates, pois o exercício de sociabilidades no qual o corpo adquire importância central, para essa pesquisa, se faz imbricado aos discursos em torno das boates e como eles estão em exercícios de poder.

Não se trata de uma relação estática de influência, de uma direção à outra. Mas em uma ordem na qual a sociabilidade em exercício mantém relações com as procedências de raça, classe e lugar de origem, por exemplo, e como esses estão postos

nas boates. Nesse sentido, a inteligibilidade do corpo e a sua inserção num gradiente hierárquico a partir da deseabilidade podem ser entendidas como ato regulatório no qual as corporalidades presentes nas diversas boates emergem como tentativa de inserção no que é desejável naquele local e, por sua vez, legitimando os exercícios de poder regulatórios que conferem os padrões sobre os quais se dá a inteligibilidade do corpo naquela boate, em específico.

Ao mesmo tempo essa regulação - em função de diversas modalidades de exercício das relações de poder, que passam por raça, classe e lugar de origem, dentre outras e como tais marcadores compõem a materialidade do corpo - funciona em seu caráter produtivo. Isso significa dizer que o corpo materializado 'no campo' ou seja, como é visto e desejado a partir de: sua cor, atributos físicos, vestimenta, proximidades e distanciamento com modelos de masculinidade; é um efeito da regulação que funciona também como aspecto regulador. Assume esse aspecto produtivo nas relações de poder na medida em que ao se agitar ao som das batidas, se indica publicamente, com base na inserção no gradiente hierárquico, quais são as corporalidades legítimas daquele cenário. Desse modo, o efeito regulado assume a função de produzir e fazer funcionar a regulação.

Com base numa duplicidade desse mecanismo, entendo as corporalidades como sujeitas às lógicas de regulação/produção da sociabilidade em exercício nas mais diversas boates. Todavia essa possível 'sujeição' recoloca o mesmo exercício de sociabilidade do qual a corporalidade é fruto no campo da manutenção. Sendo assim os aspectos de cada boate que se plasman ao corpo, regulando-o, somente se mantêm ativos no processo regulatório à medida em que a regulação se dá. A boate passa também a ser, nesse enquadre, efeito dos exercícios de poder aos quais ela submete o corpo.

### **“Jovem é agredido em Belo Horizonte por ser homossexual, diz polícia”**

Esse foi o título de uma matéria lançada no mês de setembro de 2011 em um dos maiores portais brasileiros de notícia pela internet<sup>26</sup>. A curta reportagem fazia menção a um rapaz de 18 que foi agredido de madrugada por dois homens na *Praça da Liberdade*, Savassi. O motivo, segundo a própria polícia, foi a intolerância à orientação sexual do jovem.

Essa notícia de certa forma interrompe a fluência do texto dessa dissertação, mas não poderia deixar de escrever alguns parágrafos para tratar desse assunto, pois todas as noites uma multidão de jovens *gays* trilham o caminho ‘casa-balada’, não só em Belo Horizonte, mas em várias cidades do país.

Lembro-me de uma ocasião, poucos dias depois de ler essa notícia, em que caminhava em direção a *Ponto Central* para mais uma noite de ‘campo’. A Avenida Barbacena estava completamente vazia, a não ser por um ou outro carro que percorria pelas pistas. Já passava da meia-noite e eu andava a passos acelerados pensando em como eu e outras centenas de jovens estávamos desprotegidos ao fazer uma simples caminhada noturna até uma boate qualquer.

A agressão relatada nessa reportagem ocorreu em um dos cartões postais da cidade. A menos de 500 metros da Praça da Liberdade fica um dos locais de maior movimentação da noite belo horizontina. Movimentação que é composta visivelmente de jovens *gay* saindo ou chegando nas boates, nomeadamente *gays* ou alternativas, ‘dando pinta’ pela Avenida Getúlio Vargas e se encontrando no *Mc Donalds*, ou na barraca de cachorro quente montada ali perto, para um lanche antes de voltarem para

---

<sup>26</sup> Essa reportagem foi pesquisada na página do G1, na seção G1 Minas Gerais. Pode ser acessada pelo seguinte endereço: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2011/09/jovem-e-agredido-em-belo-horizonte-por-ser-homossexual-diz-policia.html>

casa. Duas perguntas indignadas me surgiram ao ler reportagem: como isso pôde acontecer? Devermos caminhar temerosos quando estivermos a pé indo para a boate?

Não era novidade para mim que a violência física se oferece para os homossexuais nas ruas, mas essa notícia, no período em que eu estava ‘em campo’, colocou a ‘balada’, que era meu interesse teórico, e os trajetos que se fazem para chegar até ela marcados pela possibilidade real da homofobia.

Capítulo três...

Os Elementos da Sociabilidade e a Construção do Corpo nas Boates

Till the world ends  
[Lukasz Gottwald, Alexander Kronlund, Max Martin, Ke\$ha]<sup>27</sup>

Você nota o que estou vestindo.  
Você nota assim que chega.  
Você sabe que posso te levar para um outro nível...  
Eu não agüento, não agüento mais.  
Nunca me senti assim antes.  
Venha me trazer para a pista de dança.  
Dj, o que você está esperando?  
...Veja o sol nascendo!  
Nós não vamos parar.  
Continue dançando até o mundo acabar.  
Se você está sentindo, deixe acontecer...

Toda formação discursiva é um lugar de poder, e não nenhum lugar de poder onde a dominação, subordinação, solidariedade e filiação baseadas em princípios igualitários, ou as condições de afinidade, convivialidade e sociabilidade sejam produzidas e asseguradas de uma vez por todas (Brah, 2006)

---

<sup>27</sup> Música interpretada por Britney Spears no álbum *Femme Fatale*.

Este capítulo tem o objetivo de apresentar os elementos ou aspectos da sociabilidade nas boates. Os códigos, símbolos, práticas e discursos estão expressos a partir das situações vivenciadas em campo, bem como das falas dos frequentadores sobre suas experiências ‘na balada’. Ao abordar, por exemplo, a produção e apresentação corporal, estou tratando de símbolos que atrelados a corporalidade possuem determinados efeitos e funcionalidades na boate.

Os dados em questão vão desde a produção e apresentação corporal; passando pelo flerte e o uso das boates e chegam a questões como o uso de substâncias de drogas ilícitas e as ausências e presenças em termos das corporalidades, nas diferentes casas noturnas. Nesse sentido é necessário descrever que roupas, corporalidades, aspectos geracionais e raciais estão presentes e ausentes nas mais diversas boates.

Ao apresentar cada um desses elementos, a tentativa é inscrevê-los como pontos pelos quais se exercem relações de poder que constroem os corpos, conferindo, inclusive, o estabelecimento dos limites de desejabilidade desses corpos.

### **Elementos iniciais sobre corporalidades na ‘balada’**

É importante localizar quais atributos tais corpos possuem. Há uma variedade de símbolos anexados ao corpo que passam a funcionar como elementos importantes nas relações que se estabelecem nas boates. As roupas; o jeito de dançar de olhar e a forma do corpo de acordo com referenciais estéticos; transformam-se em elementos pelos quais a disciplina se exercita. Passo inicialmente a tratar das corporalidades visíveis nas boates e de como elas tornam-se elementos centrais na composição dos gradientes hierárquicos em questão.

A exposição corporal protagonizada pelas *barbies*<sup>28</sup> muitas vezes ganha caráter mitológico nas análises acerca das regulações sobre o corpo. Em algumas boates que freqüentei o comportamento de tirar a camiseta chamava atenção para os corpos musculosos das *barbies*. Nas noites de sábado da *Heavy House* tal acontecimento adquiria tamanha legitimidade que muitas vezes notei que havia mais rapazes sem camisa do que completamente vestidos e a maior parte deles expunha corpos forjados pela musculação. Os menos musculosos, sendo magros ou gordos, não se arriscavam em tirar suas camisetas. Essa disposição dos atores sugerem em algumas interpretações uma forma de normatização corporal. Para Miskolci (2006) os corpos musculosos, moldados por um ideal de masculinidade expresso nos braços e peitorais musculosos aparecem como sinônimo de um assujeitamento a padrões específicos de corpo.

Ao olhar para a pista de dança e perceber que a maioria dos homens possuíam corpos trabalhados pela musculação e que tais corpos estão expostos, em contraposição a um número menor de homens não musculosos vestidos, teríamos, sob esse ponto de vista, elementos iniciais para compreender as corporalidades e sua relação com a sociabilidade e o desejo baseados no assujeitamento. Todavia tal interpretação me parece insuficiente à medida que não explora uma forma ampla e difundida de exercício de disciplina sobre o corpo (Foucault, 2008). Em algumas boates nenhum dos freqüentadores expunha os corpos, sendo esses musculosos ou não. Pode-se supor, então, que a sociabilidade aí seria não assujeitada? Creio que aqui não se trata de apontar a priori quais as corporalidades seriam ou não assujeitadas.

Tomo, desse modo as corporalidades. As diferenciações no modo como se estabelecem as corporalidades, são modos de exercício da disciplina. Dessa forma tanto

---

<sup>28</sup> As *Barbies* seriam homens *gays* que cultivam uma imagem corporal definida pelo corpo musculoso e sem pelos. Tal padrão corporal estaria ainda vinculado a manutenção de ideais de masculinidade por meio da virilidade, apresentada pelo corpo musculoso.

na *Heavy House* ou Ponto Central, onde ficar sem camisa era um comportamento freqüente, quanto no *Talk That Talk* ou *Teenage Dream*, lugares onde todos permaneciam completamente vestidos, a sociabilidade se dá ligada aos diversos códigos e símbolos utilizados na conferência de inteligibilidade aos corpos naquele espaço específico.

### **O ‘Esquenta’ em frente ao espelho e a produção e apresentação corporal nas boates: entre roupas de grife, topetes e moicanos**

A expressão ‘esquenta’ é comumente utilizada para nomear a situação na qual um grupo de pessoas, que vão juntas a boate, se reúnem para ingerirem bebida alcoólica, com a finalidade de chegarem à boate sob um leve efeito de espontaneidade, alegria ou desprendimento. Essa reunião pode ocorrer em algum bar ou mesmo na casa de alguém do grupo e parece ter a função de preparar as pessoas para a ‘balada’. Esse preparo pode se dar também e função do preço elevado das bebidas alcoólicas dentro da boate. Contudo quero destacar aqui outra preparação recorrente para o aproveitamento da noite na boate. Essa preparação é feita em casa, entre banheiro e quarto, na tentativa de garantir que a roupa e o cabelo estivessem apropriados para a saída. Desenvolve-se nesse ‘esquenta’ um ritual de preparação da apresentação corporal que será realizada momentos depois. Minha rotina incluía, na maioria das vezes, tomar banho cerca de duas a três horas antes de minha saída de casa para garantir o cabelo liso e um bom topete. Ao aproximar-se o momento da saída, eu realizava alguns procedimentos de cuidado com a pele e preparação para maquiagem para cobertura de marcas faciais mais evidentes; escolhia e vestia a roupa; e modelava, com ajuda de alguns produtos estéticos, o meu penteado. Só a partir daí eu estava pronto para sair.

Ao utilizar a expressão ‘esquenta’ para designar o modo como eu me arrumava para ir as boates quero explicitar uma espécie de produção fundamental a ser realizada.

Essa produção tinha a função de não somente me deixar arrumado para sair, mas enfatizar um referencial estético qualquer que eu, como freqüentador, julgava ser o mais desejável e que conseguia se adequar, melhorar ou esconder algo em minhas características físicas. Desde a modelagem do cabelo até a escolha da roupa estava em questão um procedimento que visava deixar meu visual adequado para a noite.

Ao adentrar nas boates eu passei a perceber que havia tipos uso de roupas e cabelo que se repetiam entre os frequentadores. Camisetas, estampas, camisas, calças, calçados, grifes, cortes e modelagens de cabelo eram elementos visíveis na pista que surgiam atrelados ao modo como cada freqüentador se arrumava, agregando ao corpo aspectos simbólicos desses diversos elementos. Todavia o que cada freqüentador atrelava ao seu corpo, intensificando ou criando corporalidades distintas, não aparecia nas boates aleatoriamente.

A experiência do campo me possibilitou entender que os visuais presentes nas boates mantinham relação com o 'esquenta' e que nesse espaço entre as corporalidades visíveis nas pistas de dança e uma simples preparação para a noite entram em questão uma produção que visa o corpo como depósito e exercício de símbolos que exercem a regulação nas sociabilidades. Desse ponto de vista o 'esquenta' explicita um mecanismo de exercício de poder no campo da sexualidades por meio das corporalidades nos espaços das boates.

A composição de um visual para freqüentar as noites eu chamo aqui de produção e apresentação corporal. Esse aspecto quer se referir a que símbolos são atrelados aos corpos dos frequentadores. Desse modo os tipos de cabelos e a vestimenta são vistos neste trabalho como elementos que ocupam espaço na composição da sociabilidade nas boates. Ter certo tipo de corte e penteado de cabelo ou vestir determinada marca de roupas torna-se um aspecto importante para a inteligibilidade dos corpos nas relações

entre as pessoas na ‘balada’. Essa produção, que muitas vezes não é explicitada, desemboca nas hierarquias vigentes em torno do corpo nas boates. Nesse sentido aponto que alguns desses visuais gozavam de prestígio por não aparentarem ser produzidos.

Notei dois tipos recorrentes na modelagem dos cabelos. O primeiro deles, característica com maior expressividade entre os frequentadores da *Heavy House*, *Teenage Dream* e *Talk That Talk*, se dava pela disposição dos cabelos lisos num topete. Geralmente esse penteado estava estruturado num corte baixo, quase raspado, na parte inferior da cabeça e fios longos na parte de cima. Esse tipo de modelagem e corte arrumado sob a forma de topetes chamava atenção para os cabelos lisos. O tamanho dos topetes variava. Enquanto alguns apresentavam um topete mais longo, outros com cabelos mais curtos somente posicionavam os fios para cima, formando um pequeno topete. Boa parte dos homens nos locais citados utilizava este tipo de corte e modelagem, enfatizando certo referencial estético.

Já no *Ponto Central*, especificamente, vi muitos garotos, quase sempre negros ou pardos, com cabelos cortados na forma de moicanos. Os fios eram alisados e, então, modelados para cima. Essa modelagem algumas vezes podia ser notada pelo exagero, seja pelo comprimento do moicano ou pelo teor do alisamento. Alguns frequentadores, ainda, apresentavam esses penteados combinados à descoloração.

As formas de penteado não se resumiam somente a esses dois tipos, mas foi comum identificar que esses tipos de disposição do cabelo eram os que mais se repetiam entre os frequentadores. Pode-se entender que em ambas as formas de se produzir o cabelo liso é a referência. Ter cabelos lisos torna-se um ‘item’ desejável assim como é o corpo malhado. Como resultado homens negros utilizam técnicas capilares que deixam a mostra que o seu liso é artificial.

Nessa produção a modelagem do cabelo ganha destaque na corporalidade. Isso porque alguns penteados se repetiam entre os frequentadores e os tipos mudavam conforme a boate. O modo pelos quais os corpos eram regulados nas boates também incluíam o modo como os cabelos eram arrumados, não em função da boate, mas como efeito e exercício da sociabilidade própria do local. Desse modo, utilizar determinado tipo de modelagem do cabelo não se explica pela boate em si, mas sim pelo exercício de sociabilidade que se exerce ali, ou seja, pelos elementos que fazem com que a sociabilidade ali seja o que ela é. Esses elementos atuam como efeito das sociabilidades como reguladores da inteligibilidade dos corpos apropriados para o local. Nesse sentido um modo qualquer de arrumar os cabelos significa a possibilidade de inserção na boate bem como o elemento reiterativo que insere naquele cenário um caráter regulatório.

Embora fosse comum que os frequentadores das diferentes casas produzissem seus corpos de modo diferenciados, chamo atenção aqui ao fato de que as produções corporais e as boates não são excludentes. Na *Teenage Dream* e *Talk That Talk*, por exemplo, podia-se ver homens negros e pardos com cabelos semelhantes aos descritos aqui e na *Ponto Central* homens jovens brancos de cabelo aparentemente lisos naturais exibindo topete. O que é importante destacar é que essa diferenciação em torno da produção corporal é mais um dos elementos que ao circularem nas boates produzem e reforçam determinadas corporalidades, e conseqüentemente, as sociabilidades, que por sua vez são um exercício regulatório do corpo. Desse modo, o fato de na *Heavy House* as figuras comuns utilizarem penteado de determinada forma diz da produção corporal necessária para inserir o corpo ali naquele espaço. Cada novo frequentador que, como eu preparava o topete, experimentava um disciplinamento do corpo para se tornar

alguém daquele pedaço. De modo que determinadas produções corporais podiam não ser reconhecidas como daquele local, não fazendo parte do desejável ali.

Ao mesmo tempo em que esses penteados aparecem ali na tentativa de ‘imitar’ um cabelo liso, percebia um que os moicanos podem ter ganhado outro significado naquelas relações. O exagero, ao qual muitos moicanos me remetia deslocavam esse tipo de produção e apresentação corporal do nível da reprodução do cabelo liso e coloca em funcionamento uma nova imagem a ser desejada e seguida pelos frequentadores dessas boates, um lugar preferido por pessoas da periferia. O cabelo visivelmente liso não natural se tornava ali um referencial estético vigente naquele local. Ao olhar mais atentamente para a recorrência desses dois tipos de disposição dos penteados destaco a valoração positiva sobre os visuais que pareciam naturais ou que estariam mais próximos do menor nível de intervenção sobre o corpo<sup>29</sup>. Formas claramente visíveis como fruto de uma produção deliberada ganhavam nessa valoração um status negativo, sendo aproximadas a feiúra. Em minhas conversas com alguns dos frequentadores, como já destacado, não raro o público da *Ponto Central* aparecia como feio. Sua produção e apresentação corporal possuía uma desejabilidade diminuída ou ganhava inferioridade se comparada a dos tipos comuns as baladas das casas noturnas da Savassi.

No primeiro capítulo trouxe um fragmento de meu diário de campo que ressaltava como minha produção e apresentação corporal era lida em uma boate considerada de periferia, a *No Terciopelo*, ou, pelo menos, diferente do eixo Boates da Savassi – *Teenage Dream*. Ao ressaltarem o meu ‘cabelo bonito’, de aspecto liso, e que este item não era algo que os frequentadores daquele lugar possuíam, destaco uma

---

<sup>29</sup> Isso no que se refere a disposição dos cabelos, pois como apontarei mais adiante a prática da musculação é uma atividade de produção de corporalidade valorizada, sendo seus efeitos tomados como positivos entre os frequentadores.

avaliação social que além de inferiorizar a produção corporal daquele espaço, elegeu aspectos da minha produção como naturalmente superiores em termos estéticos. Nessa situação e em outras no qual meu cabelo ‘estiloso’ e, supostamente, liso natural ganhou atenção, está a idéia de que um penteado a partir de um liso natural é superior por ser algo oposto a intervenção química capilar visível dos moicanos. Essa valoração traz consigo a idéia que a beleza desejável da *Heavy House* ou *Talk That Talk* não passam por uma lógica da produção corporal. Os aparatos acoplados à forma física de frequentadores característicos desses locais seriam já naturalmente e originalmente dados no corpo, enquanto garotos negros e/ou de periferia que utilizassem moicanos seriam uma tentativa mal sucedida de aproximação das imagens corporais dotadas presentes nas boates do eixo Savassi-Antônio.. Nesse sentido, a ideia de produção e apresentação corporal visa interrogar tais concepções vigentes em campo. A experiência do ‘esquentar’ aponta para uma tentativa de me aproximar de um ideal estético. As práticas desenvolvidas nessa preparação para balada demonstram que há, em ambos os casos, um procedimento de construção e regulação do corpo em execução e em torno de um referencial estético que marca a desejabilidade, independente das características físicas desses frequentadores. A partir de minha rotina de preparação; na qual também estavam incluída o uso de alisamento<sup>30</sup>, deixando meu cabelo ondulado com aparência de liso; pude, por exemplo, supor que muitos frequentadores poderiam ter utilizado a mesma técnica de alisamento que a minha. Todavia; assim como em meu caso, esses frequentadores também exibiam cabelos que pareciam ‘lisos naturais’, passando não só pela produção como a aproximação de certos ideais estéticos, mas por procedimentos práticos, que juntos compõem o ‘esquentar’.

---

<sup>30</sup>Para que meu cabelo ficasse liso não era necessário utilizar produtos químicos. Após o banho, com cabelos quase secos eu utilizava toucas por volta 30 minutos a uma hora. Ao retirá-la eu utilizava pequenas quantidades de pomada para modelá-lo.

Outro aspecto referente a produção corporal são as roupas utilizadas pelos frequentadores nas boates. Percebi que a vestimenta não era um fato aleatório, à medida que vi repetidamente alguns ‘jeitos’ de se vestir conforme as boates em questão. A roupa surgia no contexto da ‘balada’ como símbolo ligado ao corpo, tanto pelas marcas famosas, que eram repetidas em determinadas boates e noites, quanto pelo tipo de vestimenta que poderia caracterizar as especificidades dos frequentadores de determinado local.

Tive a impressão de que estávamos quase todos utilizando uniformes. Em boa parte das camisetas era possível ver as letras CKJ<sup>31</sup>. Muitos dos que não portavam o corpo coberto por essas letras estavam com camisas xadrez. Essa era a imagem. Tive a impressão de que todos eram muito parecidos. Ou ‘xadrez’ ou ‘CKJ’ para cobrir os musculosos bíceps e peitorais que mais tarde estariam expostos (Diário de Campo, *Heavy House*, Julho de 2011).

Na maioria das noites de sábado na *Heavy House* vi que as roupas de grife famosas, especialmente as camisetas, compunham a cena. Na minha primeira visita nessa ocasião percebi que grande parte dos homens que eu podia ver na pista estavam vestindo camisetas de determinadas marcas. Enquanto eu estava parado perto do palco notei que algumas logos, letras e nomes eram extremamente repetitivas sobre os peitos, braços e costas dos homens que ali estavam. A partir daí procurei me atentar a esses detalhes e vi que quase todos os que adentravam o espaço da pista onde eu estava, entravam portando suas marcas. Algumas me parecerem ser preferidas, não só naquela noite, mas nos demais sábados que frequentei aquela boate. *Calvin Klein Jeans* era a marca mais utilizada pelos rapazes, mas outros nomes também apareceram com muita frequência: *Abercrombie & Fitch*; *Hollister Co*; e *Adidas*. Tais símbolos pareciam uma segunda pele ou uma tatuagem nos corpos dos frequentadores da *Heavy House*. Pelo

---

<sup>31</sup> Sigla da Linha de Roupas *Calvin Klein Jeans*, da marca *Calvin Klein*.

que vi em noites posteriores, utilizar essas marcas era algo comum entre aqueles rapazes.

Essa reiteração no uso das marcas famosas dota, neste caso, o corpo de símbolos específicos, pois associa os usuários aos valores das grifes em questão. Douglas e Isherwood (2009) apontam que os bens estão ligados a valores sociais e o seu uso tem o poder de adubar ideais e categorias; sustentar estilos de vida; bem como manter determinadas permanências ou criar formas de mudança. Desse modo entendo que as marcas, e também os tipos de vestimenta na balada, dão inteligibilidade possível aos corpos no que diz respeito a esses valores sociais. Além das camisetas, foi possível apreender uma preocupação desses frequentadores com as roupas íntimas e com os óculos utilizados durante as festas. À medida que as camisetas deixavam de cobrir o tronco dos homens que ali estavam, outra peça de roupa ganhava destaque: a cueca. Muitas delas repetiam o nome *Calvin Klein* nos elásticos que ficavam à mostra.

Utilizar CKJ ou *Abercrombie* aproxima o frequentador dos ideais e valores ligados à grife e as classes médias altas e mantém uma ordem nos quesitos da apresentação corporal necessária para estar ali, para ser considerado um corpo desejável naquele espaço. Nesse sentido duas perguntas são importantes nesse contexto: Que permanências e mudanças, ou que funcionamento, em termos da sociabilidade o uso das marcas e tipos de vestimenta procede nas noites, especificamente a do sábado, na *Heavy House*? Em termos do desejo, como as marcas participam da criação dos tipos de inteligibilidade para os corpos?

Além das marcas, saliento que o tipo/modelo de roupa utilizado também ganha destaque ao lado das grifes. Como explicitado no trecho acima, do diário de campo, não só as marcas se convertem em códigos simbólicos importantes, mas também o tipo de roupa. Utilizei o exemplo da camisa xadrez para apontar uma produção estética comum

entre os freqüentadores das noites de sábado da *Heavy House*. Quero destacar certa repetência do uso de marcas e camisas xadrez como um exemplo de uma regulação sobre os corpos nas boates. Regulação exercida no corpo e pelo corpo. Após ficar intrigado com uma produção corporal tão específica, me dei conta de que eu próprio também estava associado a aqueles mesmos códigos ali. Vestia uma sobreposição composta de uma camiseta CKJ e uma camisa Xadrez, significando, sob este aspecto da produção corporal, que provavelmente meu corpo seria um corpo comum do local, como já explicitado no capítulo 1. Tal produção corporal mantém uma proximidade com as noites de quinta-feira<sup>32</sup>.

Todavia nas quintas o cenário da circulação de pessoas torna-se outro, recebendo um público que não expõe o mesmo tipo de produção corporal dos frequentadores do sábado. A *Heavy House* nas quinta-feiras recebia um número maior de frequentadores que diferia dos tipos musculosos do sábado, embora esses ainda fossem um número considerável entre as pessoas ali. Adentravam na casa homens mais velhos e menos musculosos e também como ouvi diversas vezes, seja nas próprias boates ou nas entrevistas, um público não tão seletivo como o dos sábados, vindos de bairros de periferia da capital ou de outras cidades pobres da região metropolitana.

O que o uso específico de tipos e marcas e roupas pode nos dizer acerca da sociabilidade? Arrisco-me a dizer que tais códigos são importantes, pois são capazes de marcar quem pertence a aquele pedaço. Para Magnani (2002) o pedaço é uma categoria útil na compreensão de um espaço físico tomado como ponto de referência de um grupo ou segmento de freqüentadores de um espaço. Desse modo se forma uma rede de relações localizadas num espaço que exercitam o uso de códigos e símbolos comuns,

---

<sup>32</sup> Há algumas diferenças entre as noites de quinta e sábado na *Heavy House*. Nos sábados o valor da entrada costuma ser até três vezes maior. A programação dessas noites também é diferenciada: Enquanto aos sábados as festas, quase sempre com nomes em inglês, costumavam receber *DJs* internacionais ou residentes de outras boates do país, as noites de quinta-feira, conhecidas como *Quinta Mix*, possuem como atração a presença de gogo boys que fazem exibem os pênis eretos no palco. Outra diferença se dá em relação ao *Dark room*. Somente presenciei o local aberto nas noites de quinta-feira.

bem como a marcação das diferenças. Passa a importar, então, “ser do pedaço” (p. 21), de modo que nesse ‘ser do pedaço’ estão implicadas as formas de apropriação específica daquele espaço, bem como das relações desenvolvidas ali. As marcas e tipos de roupas emergem, não só, na *Heavy House* como acessórios simbólicos atrelados ao corpo que habilitam os freqüentadores como parcialmente pertencentes à aquele pedaço, além de sinalizar que o aproveitamento da noite ali estaria condicionado ao uso de uma determinada vestimenta. Nesse caso estamos tratando de um exercício da sociabilidade no qual o desejável e o próprio das noites da *Heavy House* passam pelo corpo marcado por determinadas marcas e tipos de roupa, sendo que esse corpo marcado é não só critério de reconhecimento, mas forma de inteligibilidade do corpo.

O corpo vestido se mostrou um aspecto presente em todas as casas que visitei durante o percurso etnográfico. Em uma noite de quarta feira, na *No Terciopelo*, o modo como eu estava vestido serviu por duas vezes para interrogações acerca do meu ‘pertencimento’ a aquele lugar. Já no começo da noite um rapaz veio conversar comigo e se mostrou surpreso com minha presença ali. Segundo ele eu seria um “menino da *Velvet*<sup>33</sup>” (Diário de Campo, *No Terciopelo*, Agosto de 2011). Eu me vestia de um jeito ‘moderno’ se comparado às pessoas que geralmente freqüentavam a *No Terciopelo*. Mais ao fim da noite outro rapaz, com quem ‘fiquei’, disse que gostou de ter me encontrado ali, já que eu não parecia com as pessoas que freqüentava o lugar. Perguntei o que havia de diferente e ele me disse, dentre outras coisas, que era o jeito como eu me vestia. Segundo ele eu me vestia “bem” e tinha um bom corte de cabelo. Novamente a

---

<sup>33</sup> Velvet, nome original, é uma das boates que não foi incluída no processo etnográfico dessa pesquisa. Localizada na esquina das ruas Getúlio Vargas e Segipe, em um trecho com alta concentração noturna de pessoas, por conta dos bares, boates e restaurantes localizados na própria rua segipe ou nas ruas paralelas. A *Heavy House* localiza-se em uma rua perpendicular, há menos de 500 metros da Velvet, conhecida por seu público majoritariamente juvenil, entre 18 e 24 anos, e pela cena de música alternativa. Durante as entrevistas, foi citada como uma casa noturna que recebia e acolhia o público LGBT, mesmo sem oficialmente se nomear como um espaço voltado ao segmento GLS.

palavra ‘moderno’ surgiu para me identificar. Disse a ele que no começo da noite me chamaram de “*menino na Velvet*”. Ele respondeu: “*Mas é verdade*”.

**“Mas como são as pessoas que vão lá?”: Os ‘garotos’ da *Teenage Dream* e os velhos da *No Terciopelo***

Durante meu período nas boates perguntas acerca das características dos freqüentadores das boates foram repetidamente endereçadas a mim. Muitas vezes esse questionamento escondia um interesse pela idade das pessoas que freqüentavam as diferentes casas noturnas. Ficou explícito que homens de diversas idades parecem ir as boates: eram ‘adultos jovens’, ‘velhos’, jovens e outros que pareciam ter praticamente saído da adolescência. Vi todos eles circulando pelas diversas boates. Essa circulação, contudo, não se dá ao acaso. Há casas noturnas onde a presença majoritária é jovem, bem como outras mais abertas a uma heterogeneidade geracional. Nesse cenário, meu esforço será de tentar destacar também os diferentes modos pelos quais os corpos não tão jovens são inseridos/incluídos nos espaços das boates.

Mais uma vez estavam lá pessoas muito jovens. Não há outra palavra para descrever aqueles meninos, a são ser por ‘garotos’. Nas duas pistas e na área reservada foi raro eu ver alguém que aparentasse mais de uns 30 anos. Mas não era só isso. (...) Trinta anos era praticamente um teto máximo, se eu puder colocar dessa maneira. Alguns deles pareciam ter completado a idade mínima para entrar em boates dias antes de estar ali. Outros; a grande maioria, diga-se se passagem, não aparentava ter mais do que 24 ou 25 anos (Diário de Campo, Agosto de 2011, *Teenage Dream*).

Esse trecho de meu diário de campo relata uma das minhas idas a *Teenage Dream*. Lá a presença é, sobretudo, masculina e muito jovem. Aqui me parece complicado operacionalizar a idéia de jovens. Com isso quero denominar os garotos que durante o meu percurso em campo aparentaram ter no máximo por volta de 25 anos de idade. Essa freqüência tão juvenil foi constante em todas as minhas idas às sextas-feiras

na *Teenage Dream*. A expressão ‘ausência pela presença’ se aplica perfeitamente ao cenário da *Teenage Dream*. Além da presença maciça dos ‘garotos’ do local, minha surpresa se ligava as poucas oportunidades de encontrar alguém com mais de 40 anos ali. Ao encontrá-los, notava que sua participação ali era uma espécie de passagem. Não permaneciam lá por muito tempo. Levando em conta todas as casas noturnas que passei a frequentar nesses três meses foi possível ‘constatar’ que a presença majoritária de rapazes muito jovens é uma característica específica da *Teenage Dream*.

Os ‘garotos’ que ocupavam os espaços da *Teenage Dream* não estavam somente no público. Uma boa parte dos funcionários da casa, relacionados à recepção do público e a discotecagem, também estava localizada na mesma faixa geracional que os frequentadores. Os cargos de *Dj* e *hostess* eram ocupados em sua maioria por homens jovens, principalmente em relação aos *hostess*, primeiro contato do público com o local na hora da festa<sup>34</sup>. Durante a noite eles se misturavam aos demais frequentadores. Passavam a conversar e dançar com algumas pessoas e em algumas ocasiões assumiam o controle das cabines de *Djs*, tornando-se os responsáveis pelas músicas tocadas no local. Tais cabines também eram ocupadas, em sua maioria das vezes, por ‘garotos’. Durante minha ida a essa casa só presenciei uma única situação em que uma mulher assumiu a discotecagem. Minha impressão, diante da ‘garotada’ era a de um lugar no qual possuir um corpo jovem era um dos elementos centrais de noite na *Teenage Dream*. O próprio corpo jovem era condição e forma de aproveitamento da noite. Como será explicitado adiante, a *Teenage Dream* foi um dos lugares onde menos notei a formação de casais ao fim da noite e onde menos se estabelecia um clima de *pegação* ou caça. Era como a se a presença de um ‘garoto’, conectado obviamente as regulações do

---

<sup>34</sup> Os *Hostess* se posicionavam na porta da boate antes do início da festa. Lá eles conferiam as listas de desconto, organizavam a fila e interagiam com pessoas presentes.

próprio lugar, já fosse o objetivo em si. Ser ‘garoto’ funciona, além do símbolo pelo qual cada freqüentador se atrela as lógicas locais, como a finalidade de estar na *Teenage Dream*: ver e se relacionar com outros ‘garotos’.

Nas demais boates, notei, ainda, a predominância desse público jovem, todavia é maior a quantidade de homens em faixas geracionais distintas, sendo que os mais velhos variam sua freqüência conforme a boate e a noite da semana. Na grande maioria dos locais eu já percebia a presença de homens na faixa ou acima dos 40 anos logo no começo da noite. A presença desses homens, caracterizadora de uma limitada heterogeneidade geracional nos espaços, não pode ser compreendida somente em termos em seus termos quantitativos, mas também por meio dos símbolos atrelados ao corpo desses homens e como esses símbolos fazem com que sua presença ali seja inteligível. Durante o período de campo me preocupei em não só realizar uma genérica contabilidade geracional, ou nos termos da etnografia em Malinowski (1978) se pautando no método de documentação estatística por evidência concreta, dos corpos, mas também em perceber que atributos acompanhavam os corpos, bem como os modos pelos quais a presença das pessoas se fazia ali. Nesse sentido, a quantidade de homens velhos e sua variação nas boates deve ser pensada em relação às formas de inclusão dos corpos nas diversas boates, pois é por esse aspecto que se faz possível apontar os modos pelos quais esses ‘não tão jovens’ colocam seus corpos nos diversos lugares, bem como sua tentativa de se tornarem desejáveis por meio dos símbolos e códigos utilizados com recorrência nos espaços. Esse aspecto aponta para uma sociabilidade que exige que, do ponto de vista da regulação corporal, que os homens que não apresentam corporalmente os sinais da juventude precisam, para se tornar desejáveis, atrelar determinados símbolos aos seus corpos.

Na *Talk That Talk* e na *Heavy House* notei que grande parte do público era composto de jovens, entre eles alguns que vi nas noites da *Teenage Dream*, e adultos jovens, com até 35-40 anos. Homens com aparentemente mais de 40 anos se faziam presentes. Mas uma minoria em termos proporcionais. Nesses dois locais os sinais da idade sobre o corpo como pele e cabelos brancos apareciam algumas vezes, mas tendiam a sumir no meio do aglomerado dos mais jovens. O interessante foi perceber que mesmo sendo minoria na *Heavy House* e *Talk That Talk*, boa parte dos ‘não tão jovens’ e ‘não jovens’ que freqüentavam a *Heavy House* seguiam a tendência de exibir algumas características de apresentação corporal comuns de se ver nas noites de sábado, como o uso de determinadas marcas de roupa e o corpo musculoso. Sendo essa a principal forma de inserir seus corpos nesses lugares. Via também que em algumas situações muitos desses frequentadores buscavam situações de paquera com os mais jovens.

No caso específico da *Heavy House* alguns deles também tiravam suas camisetas em determinada altura da noite. Nesse sentido a diferenciação entre jovens e mais velhos nesses locais é marcada pelo uso de ‘estratégias’ nas quais os corpos menos jovens podem ser aproximados dos musculosos mais jovens. Desta feita, as formas de produção e apresentação corporal passam a funcionar para homogeneizar as aparências tendo em vista um corpo musculoso, depilado e o mais distante possível de sinais possíveis da velhice.

Cabe explicitar aqui que ao afirmar que há uma ênfase sobre os corpos jovens nas boates já citadas devo informar ao/a leitor/a que se tratam de exercícios de sociabilidade distintos. A juventude e uma supressão das marcas da idade, por meio das formas de produção corporal, estão presentes no modo como os frequentadores dessas casas se apresentam, todavia tratam-se de cenários sensivelmente diferentes. Enquanto

na *Teenage Dream* os ‘gatoros’, homens na faixa etária dos 18-25 anos, eram predominantes; na *Heavy House* o cenário se definia em função de um referencial estético determinado cultivado pela atividade da musculação. Tanto na *Heavy House* quanto no *Talk That Talk* a presença de homens mais velhos era certamente uma minoria.

No *Ponto Central* e *No Terciopelo* o cenário me apresentou uma forma de regulação, na qual os homens já de ‘pele não tão firme ou lisa, barrigas salientes, rugas no rosto e cabelos grisalhos eram presença comum, sobretudo na *No Terciopelo*. Contudo volto a ressaltar que a maioria de público é ainda de homens de até 40 anos. Sendo que boa parte desse público não parecia ultrapassar a faixa dos trinta.

Outro fato que me chamou atenção é que muitos desses freqüentadores mais velhos chegavam desacompanhados e boa parte deles continuava desacompanhada ao fim da noite. Por volta das 3h da manhã, quando as pessoas parecem formar casais ou ‘ficarem’, eu via muitos desses homens sozinhos, como estavam na chegada. As condições de permanência desses freqüentadores, creio eu, não pode ser compreendida somente pela sua idade ou por não compartilharem corporalmente os padrões da juventude, mas também deve ser pensada em função dos procedimentos pelos quais as pessoas realizam exercício dos corpos em relação ao marcador geracional nessas duas boates, aproximadas, inclusive pelos entrevistados, por serem lugares freqüentados por um público considerado feio e de periferia. Já que em direção ao fim da noite grande parte dos freqüentadores das boates, que chegou solitária, ainda permanecia ‘sem companhia’.

### “Mas é só isso que acontece aqui?”...Sobre flertes e os usos das boates

Não havia muitas pessoas se beijando. Muitos estavam sozinhos ou acompanhados em grupos [de amigos] (Diário de campo, Julho de 2011, *Heavy House*).

Notei que havia uma intensa troca de olhares, mesmo sendo o começo da noite. As pessoas se olhavam bastante. Alguns mais rápidos e outros que me pareceram flertes. De qualquer modo vi que isso não acontecia só comigo. Todos ali pareciam estar conferindo os demais. Mesmo assim não via as pessoas se beijando ou chegando umas nas outras. Nesse início da noite a dança foi comedida e os olhares atentos. (...) Os que chegavam acompanhados ficavam em rodinhas com os amigos e os que chegaram sozinhos se acomodavam no bar ou nas extremidades da pista. (...) Por volta das 4h da manhã eu não via muitos ‘casais’ formados. Poucos se beijavam (...). (...) as pessoas dançavam mais à vontade (Diário de Campo, Julho de 2011, *Talk That Talk*).

A idéia de um gueto homossexual como pensada por McRae (2005), na qual bares e boates gays podem ser citados como exemplos, tinha como um dos aspectos principais a construção de uma rede de sociabilidade entre homens *gays*. Lá esses homens poderiam encontrar pares, além de ampliar a possibilidade de relações e parceiros afetivo-sexuais.

A partir da minha inserção etnográfica comecei a me atentar ao fato de que as boates não são necessariamente espaços utilizados em Belo Horizonte para a famosa ‘pegação’. Com o passar das horas notava quase sempre que ‘poucos’ ‘casais’ se formavam e que um número pequeno de manifestações como beijos e abraços se desenvolvia<sup>35</sup>. Enquanto isso muitos estavam dançando, conversando com os amigos ou posicionados em locais onde se podia ter uma visão mais abrangente do lugar. Esses lugares eram as extremidades das pistas de dança, o balcão do bar ou algum outro lugar onde havia desnível entre piso no chão, criando uma espécie de degrau.

---

<sup>35</sup> Assumo aqui o risco na utilização do termo “poucos”. Utilizo essa expressão intencionalmente de forma a marcar minha curiosidade em torno de um jogo de olhares, paqueras e seduções sendo desenvolvido nas boates, algumas com lotação próxima das mil pessoas. Todavia, ao mesmo tempo, a formação de interações como beijos e intercursos pre sexuais serem algo timidamente presente em relação a quantidade de pessoas presentes.

A partir das conversas com as pessoas que conheci durante meu período nas boates o termo ‘*pegação*’ surgiu para referir-se as situações nas quais procura-se conhecer alguém e inicialmente beijá-lo durante algum momento da noite. Esse ‘conhecer’ pode ser uma simples troca de cumprimentos e olhares ou situações nas quais os contatos perduram após o fim da ‘balada’, sendo que, quanto mais rápido o contato, em termos da conversa, e mais intenso, em termos do intercuro corporal, mais próximo se está da idéia de ‘*pegação*’. O termo *pegar* pode se referir tanto ao beijo na boca quanto aos contatos mais intensos com agarrões e tentativa de algum intercuro sexual ali no local.

Na fala dos homens com que conversei, a *Ponto Central* emergiu como o lugar mais comum onde as pessoas se dirigem quando querem fazer *pegação*.

*A Ponto Central* seria o último lugar, quando se quer sexo. (...) O que a *Ponto Central* teria a oferecer aos seus freqüentadores, segundo seu ponto de vista, são o resto dos corpos disponíveis para o sexo. (...) “Você vai lá quando quer um corpo” (Diário de campo, Novembro de 2011, conversa com Rafa).

“A *Ponto Central* é o lugar onde eu mais beijo” (Diário de campo, Novembro de 2011, conversa com Lico).

Além das conversas com esses frequentadores minha freqüência nas boates me mostrava repetidamente que nas pistas do *Ponto Central*, e também do *No Terciopelo*, eram onde ocorriam com maior constância as cenas de *pegação*, nos diversos espaços do *Ponto Central* nas pistas entre danças e abraços e também nos mesas próximas à chapelaria. Ao me atentar para a *pegação*, me chamou atenção uma cena que se repetiu em praticamente todas as boates que frequentei. Embora se aproximasse do fim da noite e alguns casais já estivessem formados, o local era cenário de uma troca de olhares entre os frequentadores, sem que essa troca de olhares resultasse, necessariamente em *pegação*. Nesse contexto era comum que se ficasse parado em algum lugar com vista

privilegiada para o público e de lá se observasse o movimento da casa e também os demais frequentadores individualmente.

Outro aspecto que aproxima a *Ponto Central* da ideia de um lugar para a *pegação* é a localização da casa. Esta boate fica situada próxima a uma zona de prostituição masculina. Além disso, no entorno da boate é comum reconhecer alguns frequentadores da *Ponto Central* realizando a *pegação* em partes mais escuras nas ruas próximas, principalmente as ruas que ficam de fundo para o Ponto Central.

Sáimos juntos da boate. Continuamos nos beijando. Ele conversou com alguns conhecidos, se despediu e disse que não poderíamos ir a sua casa porque ele morava com os pais. (...) Descemos em direção a avenida do contorno e entramos numa rua que dava para os fundos da boate. Sem saber exatamente onde ele pretendia me levar eu acompanhei. Passamos por um caminho no qual era possível ver pessoas alguns dos caras que estavam mais cedo na boate. Eles ficavam concentrados em locais onde a luz dos postes era interrompida, como atrás de bancas de revista ou embaixo de alguma árvore mais pomposa. Enquanto isso, notei que alguns carros passavam pelo local com uma velocidade reduzida a ponto de poderem observar ou sinalizar algum interesse nas interações que se desenvolviam no local. (...) Andamos por volta de uns 15 ou 20 minutos até chegar numa rua com dois ou três motéis. (...) Ele insistiu que entrássemos num deles, que já os conhecia e que ali seria “tranquilo de ficar” (Diário de Campo, julho de 2011, *Ponto Central*).

Ao andar era possível avistar ao longe homens parados nas esquinas e outros em espaços mais crepúsculos. Não soube diferenciar se havia garotos de programas naquelas ruas, algo bastante comum cerca de três ou quatro quarteirões acima, às voltas do Fórum *Comendador Irineu Pacheco*. Os motéis mencionados também são mecanismos utilizados na *pegação*. Apesar serem localizados não tão próximos a boate, podem ser utilizados por aqueles que não aderem a *pegação* em espaços abertos.

Enquanto o rapaz que estava comigo tentava me convencer de entrar num deles eu notei que dois homens entraram juntos num desses motéis. Sua fala “aqui é tranquilo de ficar”

me indicou que os motéis eram lugar constante utilizado para encontros sexuais na região.

Nesse sentido, tanto a fala dos rapazes que conversaram comigo, quanto minhas observações concebendo a *Ponto Central* como um lugar mais propício a *pegação*<sup>36</sup> aos fins da noite, parecem estar ancoradas não só numa produção de sociabilidades nas boates, mas também estar sujeita a lógicas de um espaço no qual a própria boate está localizada em relação aos modos pelos quais a cidade territorializa o erótico e os exercícios corpo em torno do prazer sexual.

A partir de minhas entradas em campo notei que na *No Terciopelo* a *pegação* também se desenvolvia com constância parecida a do *Ponto Central*. Cabe aqui destacar que a *No Terciopelo* está localizado nas proximidades da *Praça Raul Soares*. Além da *No Terciopelo* a região conta com mais uma boate GLS, a *Little Surprise*, e outros dois locais comerciais para sexo entre homens, a *Sauna Vapore* e o *Cine G World*; além dos bares do entorno da praça, conhecidos pela alta frequência de *gays e*, em sua maioria, lésbicas. Todo esse trajeto poderia ser feito a pé.

No começo da noite era comum, em algumas boates, que a dança fosse bem contida. Os frequentadores raramente faziam movimentos corporais elaborados ou chamativos. Não raro nessas mesmas boates foi possível notar que durante toda a noite a grande maioria dos frequentadores não arriscava muito mais do que movimentos discretos com os ombros e as pernas, entre muitos outros que ficavam quase parados, numa espécie de observação contínua. Como exemplos desse tipo de colocação dos corpos na cena eu destaco a *Teenage Dream* e o *Talk That Talk*.

---

<sup>36</sup> As falas dos sujeitos com quem conversei e minhas observações embora apontem na mesma direção devem ser diferenciadas, haja vista que na compreensão das pessoas com quem conversei a *Popnto Central* é um lugar de *pegação*, enquanto que minha frequência ao local indica que lá é o espaço onde foi mais constante a situação da *pegação*, localizando essa boate inclusive numa territorialidade onde a *pegação* não estaria ligada somente a boate em si.

Na *Teenage Dream* foi comum notar que a pista do segundo piso era mais utilizada para dançar, enquanto que no primeiro piso, os ‘garotos’ em sua maioria, exercitavam o chamado ‘carão’<sup>37</sup>. Os movimentos eram comedidos, mesmo com a música remixada. Na pista de dança da área de fumantes o som era menos remixado e era mais expressivo o comportamento de cantar as músicas em voz alta e de dançar. A conversa lá também se desenvolvia mais facilmente. Por ser o espaço uma área de fumantes os ‘garotos’ se dirigiam até lá para conversar enquanto fumavam. Essas características fazem emergir um outro cenário dentro do cenário *Teenage Dream*, no qual o comportamento ‘carão’ da pista seria menos usual em troca das conversas, do fumo e das danças, criando um ambiente mais descontraído até para que as pessoas interagissem umas com as outras. Na pista do primeiro piso a dança comedida e a quietude nas expressões corporais dos ‘garotos’ fez com que um frequentador se virasse a um amigo perguntando “*Mas é só isso que acontece aqui? O povo aqui só fica olhando para a cara do outro?*” (Diário de Campo, Julho de 2011, *Teenage Dream*), disse esse homem que aparentava ter mais de trinta anos e possuía um corpo fugidio a maioria dos corpos do local. Era gordo. A pessoa que o acompanhava também aparentava ser mais velhas do que o comum dos jovens do local. Passado algum tempo não os vi na boate. A presença desse grupo e a indagação de um deles apontou justamente para um exercício de uso e produção do espaço que não era majoritariamente explorado naquela boate.

O cenário das interações no primeiro piso se alterava pouco durante minhas idas a *Teenage Dream*. No segundo piso, a interação e a ‘descontração’ pareciam, de algum

---

<sup>37</sup> O carão ao qual me refiro é uma espécie de teatralização das expressões faciais. Busca-se passar a idéia de uma indiferença à presença das demais pessoas no ambiente. Sendo interpretada, tanto como uma atitude esnobe, quanto em algo apropriado a depender das situações. A situação da chegada das pessoas nas boates muitas vezes era feita sob o carão. Ao entrar não se olhava diretamente para as pessoas, pois isso, em alguma medida, visava demonstrar segundo alguns de meus entrevistados uma suposta superioridade.

modo, se intensificar. Os jogos anunciados pela boate, como leilão dos frequentadores e as moedas, eram realizados na área de fumantes<sup>38</sup>, implicando numa exposição mais intensa de alguns frequentadores. Daí decorriam comentários em relação ao rapaz leiloado ou com mais fichas. Em algumas situações os *hostess*, que conduziam os jogos, colocavam ‘os garotos’ em contato direto uns com os outros.

Nas noites do *Talk That Talk* destaco a vigência dos olhares sobre os frequentadores. Além dos movimentos corporais comedidos, no início da noite, para acompanhar as músicas, vi que muitas eu era olhado insistentemente por outras pessoas, fazendo com que eu me sentisse inicialmente incomodado por ser observado. Os corpos pouco se mexiam; formavam-se rodinhas ou aglomerados de três, quatro ou mais pessoas que interagiam entre si. Esses haviam chegado juntos e vinham conversando desde a fila de entrada. Alguns solitários se posicionavam nas extremidades da pista, onde podiam ter visão privilegiada. Nessa ocasião, as pessoas se entreolhavam constantemente. Comecei a me atentar para essa situação à medida em que notei que os olhares endereçados a mim não pareciam expressar a intenção de alguma conversa, pelo menos naquele momento, inicial, da noite. As expressões faciais eram dotadas de uma certa seriedade e os olhares por vezes eram rápidos e por vezes eram mais demorados. Meu incomodo inicial diante de uma situação na qual os olhares construía a exposição e que me fizeram nomear aquela cena como observação logo se dissipou e passei a fazer o mesmo que os demais frequentadores. Adentrei eu também no exercício da observação, que me permitiu não só notar as nuances dos olhares, aprender como olhar, mas também notar a o caráter de generalidade da observação que se desenvolvia ali. Os corpos estavam ali para serem vistos. Esse exercício me pareceu um dos mais intensos,

---

<sup>38</sup> Dos jogos que presenciei o único realizado no piso inferior foi o dos tequileiros, que ficaram dispostos no meio da pista de dança. Quem se sentisse à vontade poderia ir ao encontro dos mesmos que, despejavam uma pequena quantidade de bebida diretamente na boca do frequentador, e logo em seguida, sacolejavam a cabeça da pessoa ao ritmo da música.

dada a naturalidade com que as pessoas passavam a ‘examinar’ as outras, como se o comportamento de olhar e dançar fosse algo que se desenvolvesse automaticamente. Numa das minhas noites de campo fui acompanhado de alguns amigos e conhecidos e foi interessante notar como eles passaram rapidamente ao exercício da observação. Enquanto comentávamos situações diversas de nosso cotidiano estávamos todos inseridos no exercício de olhar e mexer o corpo em discrição.

A ‘*observação*’ se mescla a outro tipo de exercício da sociabilidade no *Talk That Talk*, expresso na seguinte fala: “deixa dar duas e meia da manhã pra você ver, o povo vai começar a ficar louco pra se pegar” (Diário de campo, *Talk That Talk*, Setembro de 2011). Essa fala, de um freqüentador que encontrei outras vezes nas ‘baladas’, chamava atenção ao funcionamento da noite na boate e de como vigoram naquele espaço regulações que possuem uma inscrição temporal no modo como as pessoas experienciam a noite. No *Talk That Talk* a ‘*observação*’ precederia ao momento em que os freqüentadores se engajavam na pegação, que notavelmente era diferente da realizada em boates como a *Ponto Central* ou a *No Terciopelo*, e parecia se dissolver, dando lugar a um exercício de olhar orientado para a procura de algum parceiro para trocas de carícias ou sexuais fora dali. Essa marcação temporal foi uma ocorrência comum em todas as boates que frequentei. No começo da noite era raro presenciar cenas de beijos ou de paqueras. Essas interações ficavam mais frequentes com o passar tempo e especialmente após duas ou três horas de início de lotação da casa. No *Talk That Talk* o modo como os frequentadores movimentavam seu corpo ao dançar e os locais que ocupavam no espaço se alteravam visivelmente. Por volta das duas da manhã as pessoas já dançavam de modo mais descontraído, realizando movimentos mais de uma coordenação dissociada de movimentos. O espaço *lounge* da casa ficava mais cheio de pessoas, sendo difícil encontrar muitos lugares vagos para se sentar caso se cansasse de

ficar em pé na pista. A ‘*observação*’ desenvolvia-se em conjunto com outros elementos e outros usos do espaço, que não necessariamente estão ligados somente a *pegação*<sup>39</sup>. Almeida e Tracy (2004) chamam atenção à temporalidade como um elemento fundamental na análise dos processos que produzem os espaços e seus modos de aproveitamento. Essa produção de espacialidades da vida noturna articula ênfases e inserções temporais que caracterizam as relações produzidas nos espaços. Aponto, com base nesse aspecto, que as inteligibilidades dos corpos e circulações de desejo nas boates passa pela modo como a experiência da boate ganha um aspecto qualitativo no modo como o corpo está e se desloca (ou não) ‘durante’ a noite. O ‘durante’ resguarda nas boates um aspecto qualitativo da construção das sociabilidades nas boates GLS.

#### **“Eu vou pra me divertir, usar uma balinha”**

Nas noites de sábado da *Heavy House*, o modo como as pessoas se relacionam e se inserem nos procedimentos da paquera e do contato afetivo e sexual se explicita por vias diferentes da do *Talk That Talk*. Nos sábados da *Heavy House* o uso de substâncias psicotrópicas recreativas e a exposição do corpo forjado em academias de musculação se destaca em relação a ‘*observação*’. A inserção na tentativa de garantir alguma aproximação afetiva ou sexual na *Heavy House* passa pelo uso de substâncias psicotrópicas recreativas e pelo formato corporal. Se inserir no uso coletivo de ‘bala’, ‘doce’, ‘*Special Key*’ e Cocaína e portar um corpo malhado são exemplos de práticas e códigos pelos quais a ‘*pegação*’ se desenvolve nas noites de sábado dessa boate. Nas noites de quinta-feira o cenário se alterava dando espaço, como a ser tratado adiante, aos menos brancos, jovens e musculosos. Com isso a ‘*pegação*’ passava a se equacionar na

---

<sup>39</sup> Ressalto, ainda, que o que eu chamo de *pegação* no *Talk That Talk* é diferente do correlato em outras boates e que, nesse sentido, ao falar de *pegação* ou de como se desenvolvem o comportamento da paquera deve-se localizar de que boate se está falando e conseqüentemente de como se desenvolve a sociabilidade ali, mesmo que haja semelhanças na forma como os corpos e desejos se inserem nos diferentes espaços.

ordem de uma valoração dos corpos dos frequentadores em termos de geração, raça e classe. O uso de substâncias psicotrópicas recreativas era menos visível e nos espaços da boate se via um público sensivelmente diferente do público frequente dos sábados. É importante ressaltar que a marcação temporal funcionava também na *Heavy House*. Nas noites de quinta-feira essa inscrição temporal parecia contar com um marcador mais objetivo: o momento da noite em que a *hostess* subia ao palco para apresentar o show dos *stripers* e a performance da *drag*. A música era interrompida e as atenções se voltavam para o palco. Era nesse momento, entre 1h30min e 2h da manhã que as portas do *dark room* eram abertas aos frequentadores. Nas quintas-feiras era possível notar um número maior de interações como carícias e beijos entre frequentadores, tendo ainda o *dark room* como possibilidade de realização de algum intercurso sexual.

Nesse sentido, a minha inserção etnográfica me permite desconstruir a boate como um lugar pelo qual seus frequentadores ‘a priori’ buscariam com o objetivo de ampliar a possibilidade de novas relações sexuais. A ‘pegação’, o flerte, certamente, estão presentes, mas até que se chega a essas práticas se passam por uma série de procedimentos nos quais o corpo deve se inserir para que seu corpo possa ser desejável como parte das práticas sociais nesse espaço. Nesse ínterim se desenvolvem práticas se vinculam códigos sobre o corpo que criam novos roteiros para a utilidade do corpo ali, tornando o ficar uma etapa ou parte do que é aproveitar a boate. Nessa inserção que é corporal, porque tem no corpo um recurso de poder simbólico que atua em função de regulações da sociabilidade e do desejo.

### **As corporalidades na ‘balada’: “Afe! Gordo tinha é que ficar casa!”**

Uma madrugada de sábado para domingo no *Talk That Talk* e eu tentava chegar perto do caixa. Vi, então, que um rapaz abriu uma passagem em meio a pista lotada.

Coloquei-me atrás dele, de modo a aproveitar o espaço que ele abriria. Após alguns passos ele viu dificuldade em passar por alguns rapazes e pediu licença. A licença foi concedida e pelas costas ouvi o comentário entre aspas que compõe o título dessa seção. A passagem foi de proximidade corporal. Não haveria como não ser. A casa estava lotada. Ao passar o rapaz, gordo, tentou ao máximo se desviar do contato físico com o dono da fala, mas seu corpo, que não possibilitava um movimento esguio e a lotação da casa não permitiram que isso acontecesse, fazendo com que a barriga do transeunte se roçasse as costas do outro garoto, magro. Esse tipo de fala sempre foi interesse deste trabalho, pois nessa exclamação estão refletidas hierarquias e valorações sobre os corpos, desejos e as sociabilidades construídas nesse bojo. Para além disso, ao realizar esse comentário sobre a forma física do transeunte em questão, se coloca em circulação uma reiteração sobre o espaço das boates e como as diferentes corporalidades se tornam inteligíveis ali. Na mesma noite outro exemplo, retirado de meu diário de campo, de quais corpos são preteridos e preferidos me chamou atenção.

Logo no começo da noite vi um cara que me chamou atenção pelo seu aspecto físico. Era alto; jovem (devia ter por volta de uns 25 anos, no máximo); tinha cabelos lisos e curtos modelados num topete; tinha uma pele morena bem clara; utilizava uma camiseta pólo da *Reserva*<sup>40</sup> e um relógio. Não era musculoso, mas também não era magro ao ponto de passar despercebido. Tanto o achei bonito quanto pensei que ele podia chamar algum tipo de atenção no público ali por conta de suas características físicas. (...) eu estava parado perto do bar e vi que o rapaz que achei bonito abrindo caminho para passar. Na passagem um frequentador que estava no caminho esperou que ele passasse e virou para outro que estava consigo dizendo “Oh” numa expressão facial de surpresa e em seguida sorrindo. O outro concordou com a cabeça e sorriu também. Tais códigos me sugeriam uma aprovação da beleza física do ‘cara bonito’. Segundos depois, ainda na tentativa de passagem, a situação se repetiu. Ele passou por outros dois frequentadores que simultaneamente, como se fosse num gesto

---

<sup>40</sup> A Reserva é uma marca brasileira de moda masculina que tem ganhado destaque nos últimos anos. O seu nome faz referência a uma praia carioca chamada Reserva, que é território ecológico protegido pelo governo brasileiro. O discurso da marca constrói a imagem de um cliente modernos e que adotam um estilo de vida saudável. O preço de uma camiseta dessa marca pode chegar aos R\$ 200,00.

reflexo, sorriram e balançaram suas cabeças olhando para rapaz que passava (Diário de Campo, Julho de 2011, *Talk That Talk*).

O trecho acima é importante para explicitar que tipos de corpos são os desejáveis e as relações de espaço estabelecidas com aqueles corpos que estão numa margem do que se produz como belo na fala dos frequentadores. A relação entre preteridos e preferidos não está definida a priori, não sendo os frequentadores meros atores que cumpririam a função de cancelar um corpo eleito como o desejável e apreciável. Contudo, é possível falar em termos de uma hierarquia na qual determinadas corporalidades parecem assumir, nas diferentes boates, uma posição de destaque, ganhando, portanto na fala daqueles que frequentam uma centralidade hierárquica que se traduz na valorização/desvalorização de determinadas aparências físicas. Penso aqui a noção de corporalidades com base, especificamente, dos traços físicos dos frequentadores e também dos códigos associados a produção e apresentação do corpo. Incluem-se aí vestuário e formas de corte e modelagem dos cabelos. Durante minha frequência lá vi que nenhum dos frequentadores tirava suas camisetas ao longo da noite. Essa condição era expressa tanto pelos homens mais musculosos, quanto pelos mais magros os gordos. Fui informado por dois entrevistados que era proibido retirar a camiseta no recinto. Caso isso ocorresse os seguranças estariam autorizados a retirar a pessoa do *Talk That Talk*. Nesse sentido uma das condições para a desejabilidade, em termos das características físicas, no *Talk That Talk* passava por uma beleza localizada no rosto e dissipada no corpo devidamente coberto.

Na *Teenage Dream* ocorria algo semelhante, os ‘garotos’ mantinham-se completamente vestidos durante a ‘balada’.

Diferentemente; na *Heavy House*, *Ponto Central* e *No Terciopelo*; o comportamento de retirar a camiseta durante a noite era frequente. Em cada uma dessas

boates o ‘ficar sem a camiseta’ ocorria de uma forma, chamando atenção, do ponto de vista etnográfico, a especificidades das corporalidades exercidas nas boates.

Na *Heavy House*; tanto nas *quintas mix*, quanto nas festas de sábado; ficar sem camisa ao longo da noite foi algo que vi acontecer de modo recorrente. Os frequentadores iam tirando suas camisetas paulatinamente e quando me dava conta boa parte dos homens da boate já estavam com suas camisetas amarradas aos braços e cintura ou presas nos passadores de cinto das calças. Nas festas de sábado essa imagem era ainda mais comum. Nas proximidades do fim da noite a maioria dos homens musculosos estavam sem suas camisetas. Segundo um de meus entrevistados os homens começam a tirar a camiseta à medida que a música e as danças ficam mais intensas ou a partir do momento em que encontram os amigos. Nessas situações eu tinha a impressão de ser diferente ou estranho. Ao lançar um olhar para a pista eu notava que era parte da pequena porção de frequentadores com corpo tronco coberto. Nesse cenário os homens musculosos despidos são chamados de *barbies*: homens musculosos, geralmente depilados e que cultivam um ideal estético de corpo masculino viril definido pela atividade da musculação. Um dos modos pelos quais a *Heavy House* é conhecida é por ser um lugar de *barbies*. É importante dizer aqui que a maioria dos homens que permaneciam vestidos mantinham alguma distância dos formatos corporais marcados pela hipertrofia e/ou definição muscular. Eram magros ou gordos. Ao conversar com Rafa, ele mencionou a existência de uma formação grupal entre os frequentadores que estavam sem camiseta.

(...) uma “manifestação tribal” que se dá [na *Heavy House*] pela junção, perto da aparelhagem do Dj, de homens sem camisa. Esses homens em tese possuiriam “um corpo legal”. Essa ‘manifestação pelo tribal’ faria parte de uma divisão entre aqueles frequentadores que permaneciam vestidos e os “descamisados” (Diário de campo, conversa com Rafa, novembro de 2011).

Tal diferenciação teria efeitos nas relações entre as pessoas, pois segundo Rafa não haveria muita interação entre os ‘descamisados’ e os demais<sup>41</sup>. Retirar a camiseta poderia ser visto como um comportamento determinado pela temperatura das boates, já que é comum fazer calor no interior das casas noturnas. Porém quase sempre que notava alguém retirando sua camiseta eu via corpos musculosos sendo exibidos. Além disso, é importante considerar que a maioria de público da *Heavy House* aos sábados é composta das chamadas *barbies*, fazendo com que o cenário fosse configurado a partir de uma paisagem na qual fosse comum ver descamisados musculosos espalhados pelo local e em número bem menor homens ainda vestidos com suas camisetas. Essa configuração expressa uma normativa a respeito dos atributos necessários para exibir o corpo.

Segundo Rafa o comportamento de tirar a camiseta tem a ver com uma espécie de autorização (termo meu). “É uma questão de poder. Quem não pode, não pode, e quem pode, tira”. Para isso não seria necessário ser “super sarado”. É necessário ser saudável. (...) Antigamente o que importava para as pessoas na boate era o rosto, que deveria ser bonito. Essa exigência atualmente se dirige para o corpo também (Diário de Campo, Conversa com Rafa, Novembro de 2011).

Rodrigo me disse que caso possuísse um corpo malhado, também o deixaria a mostra. Para ele quem não possui esse tipo de físico não deve tirar a camisa, pois “se tira é porque tem algo pra mostrar, né? Se não tem é bobagem mostrar” (Diário de Campo, Conversa com Rodrigo, Outubro de 2011).

Os trechos de meu diário de campo apontam para uma regulação acerca da exposição corporal presente na *Heavy House* sob o comportamento de tirar as camisetas ao longo da noite, comportamento esse que está vinculado a exposição do corpo musculoso, sendo esse um critério regula como as pessoas mantém a vestimenta na ‘balada’. Em algumas situações notei que havia na pista homens com corpos ‘não tão

---

definidos ou musculosos' que também se despiam. Nas noites de sábado eles eram quase uma raridade. Esses, por mais que estivessem 'descamisados', não seriam vistos da mesma forma. Desse modo há nas boates uma regulação que mantém corpos menos malhados e musculosos não expostos. Nessa regulação emergem também as formas de diferenciar qual tipo de corpo 'saudável' pode estar a mostra. Essa corporalidade é uma das condições que conferem aos homens frequentadores das casas noturnas o seu caráter de desejabilidade. É essa lógica que habilita e desabilita alguns a exporem seus corpos e que torna os que não musculosos sem camiseta como uma 'bobagem'. Nas noites de quinta-feira o cenário se altera. A boate passa a receber mais homens negros, 'maduros' e não musculosos; o que faz com que haja menos frequentadores sem camisa. Todavia pude vislumbrar vez ou outra homens mais magros ou gordos sem camiseta. Alguns desses tomavam o palco usado pelos gogos. Tal fato diz de uma diferenciação clara entre as noites de quinta-feira e sábado na *Heavy House*, inclusive do ponto de vista de quais corporalidades se visibilizariam na pista de dança. Aos sábados foram raras as vezes nas quais via homens magros ou gordos sem camiseta. Nas quintas-feiras esses corpos não eram a maioria, mas eram sempre visíveis.

Em boates como a *No Terciopelo* e a *Ponto Central* presenciei um uso das corporalidades que acolhia diferentes características corporais, se diferenciando das noites de sábado da *Heavy House*, e até mesmo da quinta-mix. Nessas duas boates também era bastante comum que se vissem frequentadores 'descamisados'. Todavia boa parte deles se distanciavam da figura das *barbies*. Muitos eram magros; outros, em menor quantidade, tinham uma barriga saliente, enquanto alguns não apresentavam peito e abdômen depilados. Outra característica que diferencia a corporalidade dessas duas casas em relação a *Heavy House* é que entre os descamisados há homens negros, poucas vezes vistos na *Heavy House*.

Nesse contexto, o ficar sem camiseta aponta para outro exercício de sociabilidade no qual os corpos, ao serem expostos, versam uma estética na qual o corpo musculoso compartilha o espaço com outras corporalidades. Isso não significa dizer que musculosos ‘descamisados’ na Estação, por exemplo, não sejam desejados, mas que no espaço se inserem outras possibilidades de corpo e certamente configurações de desejo que incluem figuras opostas as *barbies* em termos estéticos. É importante aqui retomar as conversas com os frequentadores das boates para tratar de uma hierarquia nas corporalidades nas boates. Para todos eles os homens mais desejáveis de uma boate são os musculosos e jovens, independente do lugar que se está falando. Isso aponta para o fato de que mesmo havendo lugares onde haja mais figuras destoantes das *barbies*, sugerindo uma sociabilidade mais subversiva em relação a determinados referenciais estéticos, o corpo musculoso ainda tem preferência ou é a forma mais desejável nas boates. Nesse sentido cabe perguntar se ao retirar a camiseta não está em curso uma tentativa de aproximação de um exercício que é próprio das *barbies*? Caso o ‘retirar a camiseta’ seja algo feito na tentativa de atrelar aos corpos ‘menos desejáveis’ uma proximidade com os corpos musculosos, poderia ser esse o caso de uma subversão da corporalidade das *barbies*, sendo exercida pelo mesmo procedimento que regula a visibilidade do corpo essas *barbies* na boate?

### **Escuridão, suor, desejo, sussurros e anonimato: Os corpos no *Dark Room***

Antes da entrada (...), olhei por várias vezes a porta que dava acesso ao local. Essa porta ficava próxima a entrada para o banheiro (perto do camarote) e do camarote. Pensei em como faria para passar por aquela porta. (...) não queria ser visto parado ou dando a entender que ia entrar. Era como as outras pessoas faziam: sempre entradas e saída rápidas. (...) num determinado momento criei coragem e entrei pela porta que dava acesso a uma escada apertada feita de metal. Nó pé da escada estava um segurança que me olhou de modo sério. Passei por ele sem muito encará-lo. (...) Ao subir toda a escada outro segurança e duas

possibilidades de rota: A porta do *dark room* e um corredor que daria acesso a posta de dança do andar superior. (...) Me lembro de um aviso na porta do *dark room*. (...) era chamativo, pois estava escrito em letras vermelhas e estava iluminado. Entrei e logo me esbarrei na parede. Estava realmente escuro e não consegui enxergar muita coisa. Uns dois passos à frente e alguém acende a luz do visor do celular. Questão de segundos! Vi como algumas pessoas estavam dispostas: encostadas na parede. (...) algumas delas se masturbavam. Havia outras agachadas fazendo sexo oral. Caminhei em direção à parede procurando um espaço para poder ficar encostado também. Nesse momento era possível ver a silhueta das pessoas por conta da luz que vinha de fora (...) Ao andar (...) me esbarrei com algumas pessoas (...). Outras colocavam seus celulares apontados para o chão. Isso facilitava o trânsito lá dentro, bem como enxergar as formas ou até reconhecer alguém que se viu na pista. Em determinado momento fui apalpado no pênis. (...) Caminhei até a parte mais iluminada e logo vi que havia um espaço para me encostar. (...) Tudo isso em silêncio. Os toques eram acompanhados do som distante da música da pista e de alguns sussurros. As pessoas não falavam nada. Em um ou outro momento se sussurrava algo que só poderia ser ouvido caso se estivesse a um passo de distância de quem sussurrou. Um sussurro e nada mais. (...) algumas pessoas agarradas a outras e também com calças abaixadas enquanto outras faziam sexo oral. Havia um ‘bolo’ de gente ali. O sexo ‘parecia’ grupal. (...) Com as luzes [dos celulares], ora mais intensas, ora mais discretas era possível ver os corpos que utilizavam o *dark room*. Lá não estavam os fortões sem camisa, figuras comuns da pista, mas alguns muito magros ou muito gordos. Essa ‘divisão’ me sugeriu que os ‘gostosos’ sem camiseta e os ‘menos gostosos’ ocupavam lugares diferentes, submetendo seus corpos a apresentações diferentes. A escuridão do *dark room* teria algo a ver com isso. Como corpos ‘menos desejáveis’ foram ‘confinados’ ao prazer no escuro? (...) um homem tocou minha bunda. Dei um passo para o lado e ele continuou com a mão em minha bunda. Tirei as mãos dele e ele as colocou, ligeiramente, em minha barriga. Estava atrás de mim. Apertou minha cintura. (...) ele insistiu em (...) segurar novamente minha bunda. (...) acabei colocando a mão em seus braços e peitoral. (...) rapidamente toquei a barriga dele. Nesse momento uma luz de celular me fez ver o corpo dele. Algo que era diferente dos corpos comuns daquele lugar. (...) senti o pênis dele encostar em mim (Diário de Campo, *Heavy House*, Julho de 2011)<sup>42</sup>.

O aviso em letras vermelhas dizia que a casa não se responsabilizava pelos possíveis roubos naquele local. Ao passar pelo aviso me encontrei num lugar escuro. Onde não era possível ver quase nada, pelo menos até que a visão se acostumar ou as luzes de celulares serem rapidamente acionadas. A luminosidade escassa combinada com silêncio, desejo, toques, sussurros, práticas sexuais, falas rápidas, entradas, saídas e

---

<sup>42</sup> A repetição desse trecho de meu diário de campo é intencional. Com elementos novos em relação a citação feita no capítulo um, esse trecho busca apontar como a eroticidade ganha materialidade direta e indireta na construção das sociabilidades nas boates GLS em questão.

permanência de pessoas dava as noites de quinta-feira da Heavy House uma possibilidade específica de exercício dos corpos.

O *dark room* fica no segundo andar da casa. É um espaço escuro, comum em algumas boates, utilizado para realização de práticas sexuais. No caso da *Heavy House*, era um quarto escuro. Neste quarto há luminosidades diferentes a depender do lugar que o frequentador se posicionava. As pessoas transitavam entre os locais de relativa claridade, perto da porta, penumbra e em um ‘canto’ extremamente escuro, onde não se podia ver nada, nem mesmo após a visão se acostumar. Essas nuances de escuridão e claridade eram, ainda, produzidas por uma parede interna (figura abaixo) e pelo uso constante da luz dos visores de celulares. Todavia a escuridão é uma das marcas desse lugar e do tipo de contato que se estabelece em seu interior.

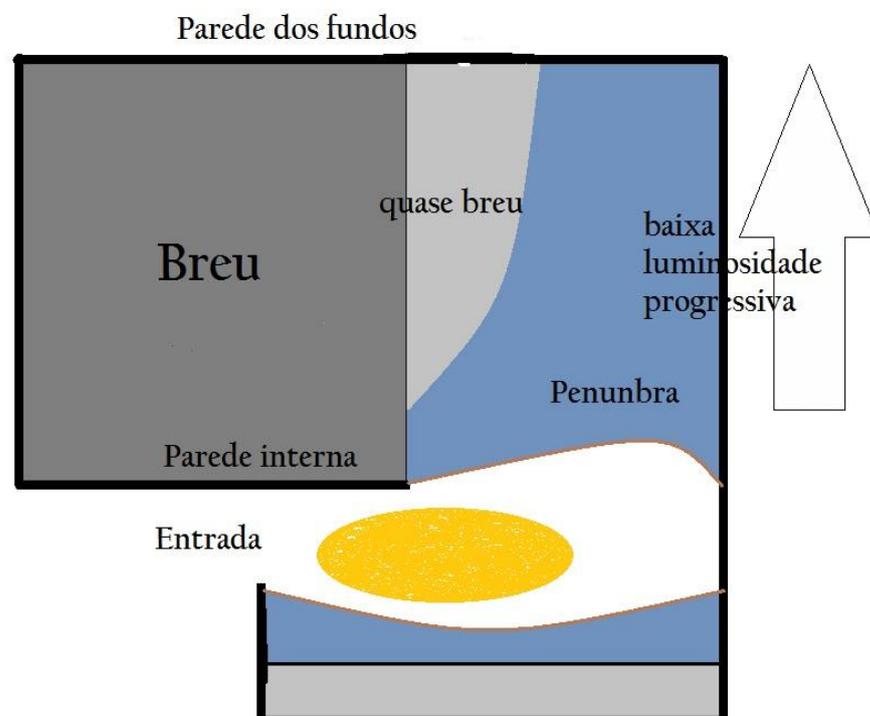


Figura 2 (Esquema de luminosidade do *dark room*)

Expus meu corpo ao *dark room* em algumas idas às quintas feiras da *Heavy House*. Nos sábados que freqüentei esse espaço não ficava aberto. Eu geralmente entrava lá após o show da hostess e dos *stripers* que aconteciam por volta da 1h30 min da manhã. Nunca fiquei no *dark* até que as luzes fossem completamente acesas e o local parasse de funcionar. Meu tempo de permanência lá variava, mas nunca foi menor que 30 minutos ou maior que uma hora e meia. É um espaço sobretudo masculino no qual era possível ver homens se beijando, abraçando, masturbando, realizando sexo oral ou penetração anal; além dos chupões e mordidas que recebi algumas vezes. Interligando esses intercursos estavam toques nas costas, bunda, pescoço, pênis, braço e barriga.

Díaz-Benitez (2009) se interessou pelos encontros sexuais casuais no *dark room* de uma boate paulistana e mostrou que o uso e participação nesse espaço ocorrem por meio de ritual, de descrição extremamente complexa. Pois, na escuridão desse quarto diversas situações podem ocorrer, não havendo nelas a mesma intenção por parte de todos que ali estão. Ainda assim considerando um ritmo individualizado de participação, o desejo dos frequentadores passa a atender aos códigos e normas de inserção específicas desse ritual.

No caso desta pesquisa além de explicitar os códigos e normas presentes nesse ritual, por meio da incursão etnográfica, buscarei mostrar como o que ocorre no *dark room* está também perpassado de relações de poder e ao mesmo tempo é um exercício do corpo, significando, desse modo, um espectro pelo qual se estabelece a sociabilidade na boate.

O trecho descrito no começo desta seção, retirado de meu diário de campo, já fornece uma imagem inicial acerca das formas pelas quais se entra, permanece e deixa o quarto escuro, e, conseqüentemente, por que tipo de sociabilidade se opera no *dark room*. Os corredores e escadas que chegam à escuridão são percorridos, em geral,

rapidamente. O acesso ao *dark* na *Heavy House* pode se dar de duas formas: pela estreita escada que leva das proximidades do palco e do camarote à porta do local ou pelo corredor que vem da pista do segundo andar. Caso se desistisse no meio do caminho era possível seguir o corredor como se a intenção não fosse chegar ao *dark*. A escada além de levar o frequentador ao breu se encontrava com o corredor que vinha da segunda pista. Nesse encontro ficava um segurança, para tentar coibir o uso de drogas ilícitas. Ao longo do corredor, com iluminação baixa se encontravam alguns homens parados, como se observassem os transeuntes. Mas raramente havia pessoas paradas do lado de fora da porta, na claridade total.

A figura acima permite ter uma imagem-representação das matizes de luz-escuridão no interior do pequeno quarto. Poder-se-ia pensar que o tato é a condução maior dos corpos e desejos ali, mas o constante uso de luzes dos visores de celulares e o posicionamento em determinados lugares do *dark room*, bem como os sussurros e gemidos parecem estabelecer um cenário no qual tocar coaduna-se com ouvir determinados sons e ver determinadas formas corporais e práticas sexuais ocorrendo próximo de si. Esses sentidos formam uma espécie de cadeia na qual se quer sentir pelo toque, mas também certificar-se pela luminosidade rápida e fraca e, ao mesmo tempo manter-se excitado ouvindo sussurros e gemidos. A cena, ainda, completa-se com as altas temperaturas do local. Todas as vezes que deixava o *dark*, o fazia limpando o suor da testa e das costas. O cabelo ficava levemente úmido. Não havia ventiladores e quanto mais pessoas se mantinham ali, mais aumentava a transpiração e a sensação de calor intensificava-se.

Entrei rapidamente, em minha primeira quinta-feira de ‘campo’, e segundos depois diminuir a rapidez dos passos, por conta da escuridão. Vi uma luz de celular se acender. Em poucos segundos vi que ao meu lado havia rapazes se agarrando e avistei a

parede oposta à porta e os vários rapazes que estavam encostados nela. Nesse momento eu não sabia, ainda, que estava sendo visto. Fui em direção à parede e procurei ficar encostado também. Levantei minha mão direita à altura da barriga e a coloquei em direção à parede, na tentativa de achar um espaço vago para ficar encostado. Encontrei alguns centímetros de espaço entre dois freqüentadores já na parede do fundo, onde a penumbra ainda alcançava. Coloquei-me entre eles, os empurrando para os lados. Nessa caminhada a luz que vinha de fora do *dark room* me fazia ver que alguns desses encostados na parede estavam com o pênis para fora da calça se masturbando. Um rapaz estava agachado realizando sexo oral num outro que se encontrava de pé. Em questão de segundos a escuridão já parecia mais familiar. Encostado na parede do fundo eu podia ver quem estava imediatamente à minha frente. Ao lançar meu olhar para a porta vi que era possível enxergar as pessoas que entravam, de modo a reconhecê-las. Da porta até onde eu estava a luz ia baixando, sobretudo quando alguém ficava parado perto da porta, interrompendo a entrada de luz externa. De onde eu estava também me chamou atenção o movimento de algumas pessoas as quais eu só podia ver as silhuetas e ao tentar olhar o espaço com mais profundidade só enxergava uma escuridão e vultos e entrando e saindo dela. Ficar especificamente nos alcances da luz me fez ver que as pessoas seguiam rotas diferentes a partir do momento que entravam. Algumas assim que entravam já sumiam numa escuridão ao lado da porta. Outras, quando era possível, faziam o mesmo caminho que o meu: andar próximo da parede. Alguns mal entravam e já se aventuravam na escuridão produzida pela parede interna. Era possível também ficar justamente no espaço aonde a luz ia diminuindo. Quando o *dark* ficava cheio até mesmo esse espaço permanecia mais escuro, pois o aglomerado de pessoas nas proximidades da porta passava a impedir a entrada da luz.

Permanecer algum tempo na parte mais clara do local me permitiu ver alguns comportamentos que fazem parte de uma normativa do desejar no *dark room*. O tato dos homens que passavam perto de quem estava encostado parecia procurar os órgãos genitais desses ‘estacionados’ ao alcance de precária luminosidade. Assim que percebiam a intenção dos transeuntes os olhares se procuravam, olhares esses que ganham o caráter de uma análise possível sobre o corpo um do outro. Caso houvesse concordância poderia se desenvolver daí diversas formas de exercícios de prazer: beijos, carícias, ‘*agarrões*’, sexo oral ou anal. No caso da visão limitada ou do próprio toque indicar para algo indesejável havia uma forma bastante direta de comunicar isso. Os frequentadores retiravam rapidamente a mão de onde foram tocados. Essa retirada às vezes era ríspida e rápida e em outros momentos era suave e paciente. Quando havia insistência era comum que os tocados se retirassem do local onde estavam.

Não havia unanimidade acerca do beijo. Vi em várias situações alguns sendo tocados, mas virando o rosto ou mesmo dizendo baixinho “não” em respostas a uma tentativa de beijo na boca.

O silêncio é outra condição sustentada pelas pessoas que ali estão. Não há nenhum aviso, como os de proibido fumar, ou advertência, acerca dos objetos que poder ser roubados. Esse silêncio parece colaborar para a postura discreta que os frequentadores supostamente devem ter no *dark*. As formas de aproximação, tanto na penumbra, quanto nos cantos mais escuros feita mediante silêncio, bem como as recusas sorradeiras colocam as práticas sexuais na escuridão numa lógica em que se deve reconhecer e se auto-adequar aos procedimentos requeridos pelo espaço, que cobram o sexo que não pode ser visto, ou pelo menos identificado completamente. O silêncio ali era reproduzido com algumas interrupções específicas. A primeira delas é pelos gemidos. A segunda interrupção se dá por sussurros de expressões como “*nossa você*

*muito gostoso*” ou *“vou comer o seu cú”*, faladas de modo sussurrado ao ouvido. A terceira forma, mais direta, me surpreendeu por se diferenciar bastante das formas acima descritas. Era expressa em momentos nos quais alguns frequentadores falavam com amigos ou falavam aos outros presentes. Essas falas eram dotadas de um teor cômico, geralmente faladas com uma impostação vocal que deixava as vozes mais agudas e femininas. Um bom exemplo veio de uma noite em que um rapaz parecia se dirigir aos presentes ali de modo inespecífico. Ele dizia em tom de reclame *“Ai, só tem passiva aqui”*. Segundos depois se dirigiu ao público perguntando *“não tem ativo aqui não?”*.

Nesse momento estava posicionado perto de mim, no breu. Rapidamente uma resposta das proximidades da porta: *“Tô aqui!”*. A resposta veio num tom de voz grave, aparentemente uma oposição a voz feminina e aguda que iniciou o diálogo. Foram em direção um ao outro e logo se ouviu *“nossa, é dotadão”* em tom de voz agudo. Essa fala deu a entender que rapaz que emitiu o reclame tinha tocado o órgão genital do outro rapaz em questão. Minutos depois o *‘dotadão’* foi chamado. Com essa expressão o frequentador em questão não se importava de tempos em tempos em dizer *“dotadão, cadê você?”* ou mesmo repetir *“aqui só tem passiva”*. Os demais frequentadores se mantiveram calados. A voz agudizada, como espécie de chacota ou brincadeira em relação a intensidade sussurrante ou a abstenção da fala, foi uma das únicas vezes em que o tom de voz rompeu o silêncio de modo deliberado com uma intencionalidade de dizer algo aos presentes ali.

Outra composição do cenário fica por conta do jogo de luz e sombra e de como ele é aproveitado de forma propiciar rápidos olhares capazes de checar os corpos e as investidas. O espaço escuro é uma garantia para o anonimato das relações desenvolvidas nos cantos do *dark room*. Entretanto os matizes de luz, como já inicialmente apontados, possuem a função de localizar os corpos das pessoas que entram e permanecem no

local, bem como propiciar um exercício *voyeur*. A figura acima que tenta mostrar os matizes de luz e escuridão no pequeno quarto deve ser relativizada. Aquelas fronteiras são constantemente alteradas conforme a posição das pessoas frente aos feixes de luz. O que é possível ver depender também dos lugares aos quais se permanece. Quando eu estava no breu era mais fácil perceber os movimentos de quem estava sobre luminosidade. Quando se está ao alcance da luz só se consegue ver os movimentos e sombras num espaço entre breu e penumbra. Em todas essas áreas a luz dos visores de celular era acionada de forma a possibilitar ou aguçar a visão. Todavia o uso da luz dos celulares estava muito bem marcado. Quase sempre que essas luzes eram acesas estavam apontadas para direção do chão, permitindo uma iluminação que não alcançasse os rostos. Em uma situação específica o uso ‘indevido’ desse recurso gerou manifestações verbais dos demais rapazes.

(...) um cara se dirigiu a dois rapazes ao meu lado dizendo “Nossa, até agora vocês estão aqui!”. Em seguida disse “*Olha o que eu vou fazer*”. (...) ascendeu a luz de seu celular e aproximou do rosto dos amigos, que imediatamente se desviaram e começaram a rir. (...) “Olha de novo!”. Caminhou até a direção a parte mais escura e colocou o visor do celular próximo do rosto de algumas pessoas que lá estavam. (...) foi suficiente para ver alguns agarrados e outros com calças abaixadas enquanto recebiam sexo oral. Havia um ‘bolo’ de homens ali. Nesse instante os amigos desse infrator do silêncio riram alto. Imediatamente se ouviu: “Porra, desliga esse celular aí!”. Outro emitiu um veemente “desliga” (Diário de Campo, *Heavy House*, Julho de 2011).

Essa situação chama atenção mais uma vez para a forma de funcionamento do *dark*. Havia um consentimento implícito em relação a claridade no local que estava expresso pela escuridão e os matizes de claridade, inclusive provocados pelos usuários do local. Por meio das condições do espaço; garantidas sob certos códigos normativos, como a luminosidade, por exemplo; os corpos podem se expor às formas de desejo e prazer possíveis no quarto escuro. No *dark room* a escuridão emerge, talvez, como a principal condição de existência do local, mas as luminosidades baixas são bem vindas

à medida que ajudam a sinalizar que corpos estão ali. Se a luz assume intensidade capaz de colocar o prazer na escuridão em risco ela é rechaçada, como na situação descrita acima. Identificar as pessoas com luzes de celulares no rosto não ameaça somente a identidade dos presentes ali, mas é quebra um código mais geral e amplo de funcionamento do desejo e da sociabilidade naquele espaço. Desse modo os comandos de “desliga” não só se referem a identidade de quem se viu alvo da luz, mas dizem da quebra e manutenção de como os relações entre as pessoas devem acontecer do *dark*.

Desse modo ressalto que três movimentos estão em continuo exercício no *dark room*. São eles os movimentos entre: silêncio e sussurro; as formas de tocar; e a produção de uma luminosidade escura. Todos esse movimentos funcionam como códigos para o exercício do desejo ali. Trata-se de um cenário, no sentido a qual lhe atribuiu Magnani (2008). Delimitá-lo, no contexto da antropologia urbana, perpassa pela identificação e compreensão dos elementos presentes no espaço em relação aos atores. Desse modo ao falar em cenário fala-se em identificação das fronteiras, divisões, presenças e ausências como tomados nas práticas cotidianas dos atores aí envolvidos. O *dark room* pode ser lido como um cenário, não por ser meramente um quarto escuro, mas por ser um espaço no qual os homens que freqüentam as boates se relacionam de modo específico, mantendo e criando formas de sociabilidade nas quais os intercursos marcados pelas lógicas de funcionamento das práticas naquele lugar são alternativos aos modos de aproveitar a pista, mas ao mesmo tempo carregam para o funcionamento do quarto escuro formas bastante fronteiriças de inserir o corpo numa regulação corporal presente na sociabilidade nas boates.

### **Sobre disciplina e habilitação dos corpos na *Heavy House* e *Talk That Talk***

Quando as boates chegavam a lotação as pessoas não podiam evitar os toques e uma intensa proximidade corpo a corpo. Nessas ocasiões transitar até o bar ou mudar de lugar requeria certo esforço. Em alguns casos pude ouvir “*licença*”; em outros um toque leve no ombro; às vezes acompanhado de expressões faciais cordiais, outras vezes expressões muito sérias. Presenciei, ainda, esbarrões e também leves empurrões e cotoveladas sempre que estava impedindo a passagem de alguém. Estar fisicamente próximo às pessoas não significa necessariamente que contatos mais prolongados como conversas ou beijos podiam ser estabelecidos. Para além do trânsito no espaço outra situação obrigava um contato físico ‘forçado’, principalmente em lugares mais disputados da boate: alguns rapazes paravam ao meu lado ou atrás de mim. Não pareciam ter algum tipo de interesse em mim, pois mantinham um contato visual mínimo e poucas vezes me dirigiam a palavra. Todavia os braços e costas esbarravam em mim repetidas vezes sem que isso parecesse problema. Tal proximidade corporal parece obedecer a um modo de uso do corpo, uma forma de confinamento. Nesse caráter obrigatório do corpo a corpo os ‘roçar’ dos corpos pareceu não ser a estratégia mais utilizada para flertes e conversas, todavia não estava fora desse cenário uma atenção sensorial ao esbarrar e encostar nas pessoas. Trago aqui dois trechos do diário de campo:

Mais uma vez vi notei uma mão em minhas costas. Não foi a primeira vez que isso aconteceu essa noite. Enquanto eu tentava abrir espaço para chegar até a o lado oposto ao palco a mão persistiu sobre minhas costas. Durante a tentativa de passagem foi inevitável que eu me esbarrasse nos caras que estavam na minha frente. Às vezes os esbarrões eram tão próximos que faziam com que eu tivesse que encostar meu peito nos caras, que mantinham certa indiferença à situação. (...) Nessa passagem olhei para trás para ver quem estava com a mão em minhas costas. Nos olhamos rapidamente sem decorrer nenhum sorriso nessa situação. Me veio a cabeça como essa situação foi algo comum durante a noite. Ao me espreitar para passar ou dar passagem a alguém, peito, braços, costas quase

sempre se encostavam. (...) Me pareceu que todos estavam acostumados com esse corpo a corpo (Diário de campo, *Heavy House*, Julho de 2011).

Tive dificuldade de transitar até o bar. A minha frente vi algumas pessoas numa espécie de fila tentando abrir passagem. (...) vi as pessoas se espreitando, se ‘esfregando’, pedindo licença para passar. A pista de dança estava lotada e as pessoas não tinham muito espaço para dançar e andar. Achei a situação peculiarmente interessante, pois me veio à mente ideia de um confinamento. O que essa proximidade obrigatória me diz da boate e do que as pessoas fazem lá? O que significa esses homens tão próximos uns aos outros? O que isso tem a ver com o modo de exercitar o corpo? (Diário de campo, *Talk That Talk*, Julho de 2011).

Esses trechos explicitam uma forma pela qual os corpos estão dispostos nas boates, especificamente nas noites de sábado da *Heavy House* e *Talk That Talk*. Nessa disposição das pessoas no espaço físico emerge o funcionamento de um jeito de se comportar que exercita as relações de poder, por meio dos procedimentos de inserção do corpo no espaço físico dessas boates. A sociabilidade, nesse sentido, passa por um modo de inserção e manejo do corpo na ‘balada’. Em relação a esse confinamento ressalto dois aspectos complementares nesse corpo a corpo. Ao mesmo tempo em que o contato físico me pareceu ser algo de praxe, que passa como um detalhe sem maiores consequências, não pude deixar de notar que o sentir os corpos, levando em conta os modos pelos quais os frequentadores se esbarram uns aos outros, era realizado mantendo-se algum tipo de atenção sobre seu corpo e o corpo do outro. Trata-se de algum procedimento que visa habilitar e inserir o corpo nas boates? Essa ‘atenção mínima’ significa o que em termos de exercício do desejo? Como esse corpo a corpo numa ‘aproximação indiferente’ compõe a sociabilidade nas boates?

Pude evidenciar a lotação de quase todas as casas noturnas que frequentei. O confinamento das pessoas foi algo que pude além de enxergar, sentir. E por essas duas vias foi possível notar uma diferença no modo como se dá esse confinamento na *Heavy House* e *Talk That Talk* e nas demais boates. Ao aproximar essas duas boates na

tentativa de pensar o confinamento dos corpos não pretendo dizer que se tratam das mesmas formas de inserção corpórea no espaço físico, mas aproximá-las para dizer de uma espécie de indiferença da aproximação física semelhante nessas duas casas.

No caso das noites de sábado da *Heavy House* o trânsito feito sob extrema proximidade corporal que incluía o uso das mãos sobre as costas uns dos outros e um corpo a corpo entre um grande número de frequentadores que estavam parcialmente despidos. Ao tentar me esquivar de alguém não ocorriam objeções veementes ao contato corporal, muito próximo em boa parte das situações. Algumas vezes esse contato era intensificado por uma mão nas costas ou nos ombros. Todavia a proximidade, na qual peitos e braços se encostavam se dava sobre sob certa indiferença. Os corpos eram sentidos e o sentir específico decorrente da proximidade corporal se dava sob certa despontencialização do caráter erótico ou sexual que tal situação poderia ter. Percebia-se o roçar das peles, mas o ato tornara-se corriqueiro. No *Talk That Talk* o confinamento coexiste com uma forma de evitamento da proximidade corporal exagerada. Os frequentadores parecem buscar uma distância entre os corpos, mesmo que espacialmente ela não exista. Notei que muitas vezes que procurava passagem, as próprias pessoas à minha frente criavam algum tipo de envergadura corporal para que eu pudesse passar, fato que pouco ocorria nas noites de sábado na *Heavy House*.

Essa experiência em campo me parece expressar/reiterar uma circulação de práticas e discursos marcados pela docilidade dos corpos. Foucault (2008) define a docilidade com base nos corpos que são submetidos, podendo-se retirar deles uma utilização disciplinar, estando à disciplina ligada a relações de poder que colocam o corpo sob uma determinada utilização. Entra em questão uma economia do corpo que dispõe de mecanismos capazes de organizar e controlar as atividades do corpo. A mobilidade corporal se dá implicada em coerções ininterruptas sobre a atividade de

exercício do poder. Esse processo de inserção do corpo numa lógica é a própria disciplina, que toma o corpo na sua forma mais individualizada. Sob essa interpretação o ‘corpo a corpo’ nas boates diz de uma sociabilidade disciplinada e disciplinante do corpo e do desejo na balada. Essa disciplina, que exige uma docilidade corporal específica, coloca os frequentadores para incidirem seus corpos uns sobre os outros, mas não modo a decorrer daí algum contato erotizado após o ‘corpo a corpo’ e sim controlando como se deve aproveitar ou desejar na boate. Essa aproximação dos corpos no confinamento das pistas de dança torna-se um procedimento básico de colocação do corpo nas possibilidades sensoriais, sem necessariamente decorrer desse contato abraços ou beijos. A lotação das casas e, então, o confinamento do corpo funcionam como aspecto disciplinar ao qual se atrela a redução dos movimentos a serem executados na pista de dança e no caso específico da *Heavy House* o desenvolvimento dos modos sensoriais e gestuais emergem como formas de mobilidade que estão ligadas ao processo disciplinar pelo qual o corpo se apresenta.

## Considerações Finais

Pensar o estabelecimento de gradientes hierárquicos nesta dissertação significou manejar esforços na tentativa de compreensão das lógicas pelas quais as sociabilidades pelo corpo operam. As que as boates apresentam diferenças entre elas, sendo que esse processo de diferenciação obtém como efeito uma valoração que é utilizada para construir um discurso sobre os frequentadores.

Ao buscar compreender as falas das pessoas que frequentam as boates, procurei destacar uma produção discursiva das sociabilidades, nas quais cada uma das boates é concebida como específica para um determinado público. Cada umas das casas noturnas de Belo Horizontinas ganhou uma especificidade a partir dos diversos aspectos disponíveis em cada uma delas: o público, sua localização, preço de entrada, características do público, música e atrações como *gogo boys* ou *drag queens*, dentre outros. O que notei é que o discurso dos frequentadores possui uma tarefa, não só de explicar como funcionavam as boates, mas de marcar e exercitar as diferenças. A partir desse aspecto ressalto o caráter de performatividade no qual a descrição dos frequentadores desponta como modo de ordenar no gradiente das hierarquias a situação da boate e de sua clientela.

‘Em campo’ muitas dessas especificidades me foram perceptíveis antes mesmo que eu falasse com alguém sobre elas. Somente ao observar foi possível perceber a presença maior de homens negros em determinadas boates, por exemplo. As diferenças pronunciadas pelos frequentadores podiam sim notadas nas boates. Contudo não se trata aqui de colar ao discurso dos frequentadores e tomar suas falas como pura constatação do que ocorre nas boates, mas de colocar as falas e aquilo que pôde ser captado ‘pelo olhar’ em um panorama no qual tanto os discursos sobre as diferenças ‘reais’ entre as

boates, quanto as próprias diferenças funcionam como forma de regulação e produção da sociabilidade dentro de hierarquias valorativas.

Destaco também como a sociabilidade nas boates opera uma construção de corpo nas quais características raciais e de classe passam a ser marcadores fundamentais para a desejabilidade dos corpos disponíveis nas festas. É preciso ressaltar também que esses marcadores são também utilizados para que os frequentadores façam uma leitura das próprias boates.

Fazem também parte dos diferentes cenários de sociabilidade os trajetos realizados entre as diferentes boates. Ressalto que não só os códigos e símbolos associados às corporalidades podem ser pensados a partir das lógicas de hierarquização, mas também a mobilidade dos frequentadores.

## Referências

- Abreu, Carolina C. (2007). Galeria Ouro Fino: A mais descolada da cidade. Em J. G. C. Magnani; B. M. Souza. (orgs). *Jovens na Metrópole: Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*, (pp. 151-165). São Paulo: Terceiro Nome
- Almeida, Maria I. M. & Tracy, Kátia M. A. (2003). *Noites Nômades: Espaço e Subjetividade nas Culturas Contemporâneas*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Brah, Avtar. (2006). Diferença, Diversidade, Diferenciação. *Cadernos Pagu*, 26, 329-376.
- Braz, Camilo A. (2010). *À Meia-Luz... Uma Etnografia Imprópria em Clubes de Sexo Masculinos*. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Tese de Doutorado). Unicamp.
- Bolton, Ralph. (1995). Tricks, Friends and Lovers: Erotic encounters in the field. Em Em D. Kulick; M. Willson. (orgs). *Taboo: Sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*, (pp. 140-167). New York: Routledge.
- Butler, Judith. (2000). Corpos que Pesam: Sobre os limites discursivos do sexo. Em G. L. Louro. (org). *O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade*, (pp. 151-180). Belo Horizonte: Autêntica.
- Calil, Marinês A. (2008). O Retrato do *Nation Disco Club*: Os Neodânddis no final dos anos 80. Em J. G. C. Magnani; L. L. Torres. (orgs). *Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana*, (pp. 196-229); 3ª ed. São Paulo: EDUSP/FAPESP.
- Clifford, James. (1998). *A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no Século XX*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.
- Díaz-Benítez, María E. (2007). *Dark Room Aqui: Um ritual de silêncio e escuridão*. *Cadernos de Campo*, 16. 93-112.
- Douglas, Mary & Isherwood, Baron. (2009). *O Mundo dos Bens: Para uma Antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: UFRJ.

- França, Isadora L.(2006). Cada Macaco no seu Galho: “Poder, identidade e segmentação no mercado homossexual”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 21, (60), 103-115.
- França, Isadora L. (2007). Identidades Coletivas, Consumo e Política: A aproximação entre mercado GLS e Movimento GLBT em São Paulo. *Horizontes Antropológicos*, 13, (28). 289-311.
- França, Isadora L. (2010). *Consumindo Lugares, Consumindo nos Lugares: Homossexualidades, consumo e produção de subjetividades na cidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. (Tese de doutorado): Unicamp.*
- Foucault, Michel (1993). História da Sexualidade: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal
- Foucault, Michel. (2006). Ética, Sexualidade, Política; 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, Michel. (2008). *Vigiar e Punir*; 35ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Geertz, Clifford. (1989). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Geertz, Clifford. (2001). Uma Nova Luz sobre a Antropologia. Rio de Janeiro: Zahar.
- Kulick, Don. (1995). Introduction - The Sexual Life of Antropologists: Erotic subjectivity and ethnography work. Em D. Kulick; M. Willson. (orgs). *Taboo: Sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*, (pp. 1-29). New York: Routledge.
- McRae, Edward. (2005). Em Defesa do Gueto. Em Em J. N. Green; R. Trindade. (orgs). *Homossexualismo em São Paulo e Outros Escritos*, (pp. 291-308). São Paulo: Editora da UNESP.

- Magnani, José G. C. (2002). De Perto e de Dentro: Notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17, (49). 11-29.
- Magnani, J. G. C. (2007). Introdução – Circuitos de Jovens. Em J. G. C. Magnani; B. M. Souza. (orgs). *Jovens na Metrópole: Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*, (pp. 15-22). São Paulo: Terceiro Nome.
- Magnani, J. G. C. (2008). Quando o Campo é a Cidade: Fazendo antropologia na metrópole. Em J. G. Magnani; L. L. Torres, (orgs). *Na Metrópole: Estudos de Antropologia Urbana* (pp. 12-53); 3ª ed. São Paulo: EDUSP/FAPESP.
- Malinowski, Bronislaw K. (1978). *Argonautas do Pacífico Ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural.
- Mayorga, Cláudia & Prado, Marco A. M. (2010). Democracia, Instituições e a Articulação das Categorias Sociais. Em C. Mayorga. (org). *Universidade Cindida, Universidade em Conexão: Ensaio sobre a democratização da universidade*, (pp. 46-70). Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Miskolci, Richard. (2006). Corpos Elétricos: Do assujeitamento à estética da existência. *Revista de Estudos Feministas*, 14, (3). 681-693.
- Oliveira, Esmael A. (2009). *Nas Fronteiras da Sexualidade: Uma análise sobre os processos de construção e apropriação do espaço em boates GLS da cidade de Manaus*. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (Dissertação de Mestrado): UFAM.
- PBH - Prefeitura de Belo Horizonte. (2012). *História dos Bairros de Belo Horizonte*. Retirado da internet em 11 de janeiro de 2012 no site:  
[http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=historia&tax=14361&lang=pt\\_BR&pg=5780&taxp=0&](http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=historia&tax=14361&lang=pt_BR&pg=5780&taxp=0&)
- Prado, Marco A. M. & Machado, Frederico, V. (2008). *Preconceito contra Homossexualidades: A Hierarquia da Invisibilidade*. São Paulo: Cortez.

- Radcliffe-Brown, Alfred R. (1973). *Estrutura e Função na Sociedade Primitiva..* Petrópolis: Vozes.
- Rojo, Luiz F. (2004). Rompendo Tabus: A subjetividade erótica no trabalho de campo. *Cadernos de Campo*, 13; 41-56.
- Santos, Leonel C. (2010). *A Construção de Posições Identitárias na Revista G Magazine: Interseções entre homossexualidades e consumo*. Anais Eletrônicos do Fazendo Gênero 9.
- Silva, Hélio R. S. (2009). A Situação Etnográfica: Andar e ver. *Horizontes Antropológicos*, 15, (32), 171-188.
- Silva, Vagner G. (2006). *O Antropólogo e sua Magia: Trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Editora da USP.
- Spink, Peter (2003). Pesquisa de Campo em Psicologia Social: Uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia e Sociedade*, 15, (2), 18-42.
- Simões, Júlio A. & França, Isadora L. (2005). Do Gueto ao Mercado. Em J. N. Green; R. Trindade. (orgs). *Homossexualismo em São Paulo e Outros Escritos*, (pp. 309-336). São Paulo: Editora da UNESP.
- Teixeira, Alexandre E. (2009). Discursos e Representações sobre os Territórios de “Pegação” em Belo Horizonte. Em M. E. Díaz-Benitez; C. E. Fígari. (orgs). *Prazeres Dissidentes*, (pp. 263-288). Rio de Janeiro: Garamond.